

UFS – UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PPGS – PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

NICOLLAS EICHSTAEDT LOOS

Fanon Argelino: uma visão crítica do colonialismo francês além dos
muros hospitalares

ARACAJU

2023

NICOLLAS EICHSTAEDT LOOS

**Fanon Argelino: uma visão crítica do colonialismo francês além dos
muros hospitalares**

Dissertação apresentada à Universidade
Federal de Sergipe para obtenção do título de
Mestre em Sociologia no Programa de Pós-
Graduação em Sociologia, na área de
concentração Minorias Sociais: Diferença,
Desigualdade e Conflitos Sociais

Orientador: Prof. Dr. Petrônio José Domingues

ARACAJU

2023

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

L863f Loos, Nicollas Eichstaedt
Fanon argelino : uma visão crítica do colonialismo francês além
dos muros hospitalares / Nicollas Eichstaedt Loos ; orientador
Petrônio José Domingues. – São Cristóvão, SE, 2023.
133 f. : il.

Dissertação (mestrado em Sociologia) – Universidade Federal
de Sergipe, 2023.

1. Sociologia. 2. Relações raciais – Argélia. 3. Minorias. 4.
Estratificação social. 5. Violência. 6. Alienação (Psicologia social).
I. Fanon, Frantz, 1925-1961 – Crítica e interpretação. II.
Domingues, Petrônio José, orient. III. Título.

CDU 316.344(65)

“(...) what he cannot forgive Hitler for is not *the crime* in itself, *the crime against man*, it is not *the humiliation of man as such*, it is the crime against the white man, the humiliation of the white man, and the fact that he applied to Europe colonialist procedures which until then had been reserved exclusively for the Arabs of Algeria, the ‘coolies’ of India, and the ‘niggers’ of Africa.”¹

Aimé Césaire

¹ “(...) o que eles não podem perdoar a Hitler não é o crime em si, o crime contra o homem, não é a humilhação do homem como tal, é o crime contra o branco, a humilhação do branco, e o fato de ter aplicado à Europa procedimentos colonialistas até então reservados exclusivamente aos árabes da Argélia, aos ‘coolies’ da Índia e aos ‘negros’ da África”. CÉSAIRE, Aimé. **Discourse on Colonialism**. New York: Monthly Review Press, 2000, p. 36

Resumo

O presente trabalho busca analisar e construir um entendimento histórico e social acerca da obra do pensador martinicano Frantz Fanon. Busca-se enxergar a evolução de sua bibliografia enquanto profissional médico dentro do território argelino, membro ativo da FLN e ativista da causa argelina durante seu exílio na Tunísia. Sequenciar e contextualizar suas observações e ideias, apresentando as diferentes instâncias existentes até o desenvolvimento de sua teoria da violência e como ela acabaria por se transformar em uma das principais porta vozes dos movimentos de libertação do chamado Terceiro Mundo. Quando postas dentro de uma perspectiva histórica, suas obras trazem à tona seu esforço em desenvolver as teorias a partir do trabalho exercido sobre sua principal matéria prima: o indivíduo colonizado, ressaltando as diferentes políticas implementadas pelas autoridades coloniais francesas com o objetivo de conquistar, expropriar e alienar as terras, as propriedades e a cultura do povo argelino. Apresentando os métodos utilizados pelos revolucionários para organizar e efetuar a busca pela libertação de sua integridade e autonomia, mesclando elementos de filosofia, medicina, história e sociologia, Fanon transformou o entendimento das realidades coloniais, até então eurocêntricas, por meio do combate e a do desenvolvimento da consciência de pertencimento daqueles então privados da possibilidade de pertencer.

Palavras-chave: Frantz Fanon; Argélia; revolução; violência; alienação.

Abstract

The present work seeks to analyze and build a historical and social understanding about the work of the Martinican thinker Frantz Fanon. We seek to see the evolution of his bibliography as a medical professional within Algerian territory, an active member of the FLN and an activist of the Algerian cause during his exile in Tunisia. Sequence and contextualize her observations and ideas, presenting the different instances that existed until the development of her theory of violence and how she would eventually become one of the main spokespersons for the liberation movements of the so-called Third World. When placed within a historical perspective, his works bring to light his effort to develop theories from the work carried out on his main raw material: the colonized individual, highlighting the different policies implemented by the French colonial authorities with the objective of conquering, expropriate and alienate the lands, properties and culture of the Algerian people. Presenting the methods used by revolutionaries to organize and carry out the search for the liberation of their integrity and autonomy, mixing elements of philosophy, medicine, history and sociology, Fanon transformed the understanding of colonial realities, until then Eurocentric, through combat and that of development of the consciousness of belonging of those then deprived of the possibility of belonging.

Keywords: Frantz Fanon; Algeria; revolution; violence; alienation.

SUMÁRIO

1	Introdução -----	6
2	Argélia, França & Fanon	
2.1	A Presença Francesa -----	12
2.2	Da Martinica à Argélia -----	27
2.3	A Borbulhante Argélia & o Revolucionário Fanon -----	39
3	Fanon Argelino	
3.1	Fanon e suas Obras -----	46
3.2	Psiquiatria Revolucionária -----	50
3.3	A Internacionalização da Causa -----	59
3.4	A Alienação pela Libertação -----	65
4	Violência & Libertação	
4.1	O Último Ano -----	81
4.2	A Violência -----	84
4.3	Marxismo à la Fanon -----	97
4.4	O Retorno -----	105
5	Conclusão -----	108
6	Referência Bibliográfica -----	113
7	Apêndices -----	117
8	Anexos -----	130

Introdução

Em 1856¹, buscando aprimorar seus estudos acerca da influência das condições moleculares de um corpo sob o processo de emissão e absorção do calor, o físico irlandês John Tyndall partiu em direção aos Alpes suíços para poder observar mais de perto a ação da radiação solar sobre as geleiras. Sua intenção era investigar a teoria atômica através do campo da física, pois até então, todos os estudos sobre os átomos estavam concentrados unicamente no meio da química. Para isso, seria necessário conseguir enxergar mudanças nas propriedades físicas de diferentes partículas quando expostas aos raios de calor, coisa que as ferramentas da época eram incapazes de realizar em ambientes controlados como universidades e laboratórios.

Convencido de sua teoria, Tyndall precisou desenvolver um novo instrumento, anexando um galvanômetro a um tubo de vidro que fosse capaz de ser preenchido com diferentes gases, ele agora conseguiria concentrar e visualizar as ondas de calor através de seu encontro com as diferentes moléculas que fossem capazes de interceptar, defletir e absorver o calor emitido.

Após realizar diversos testes, seus experimentos comprovaram sua teoria: diferentes gases, compostos por diferentes partículas, possuíam diferentes níveis de absorção das ondas de calor emitidas, ou seja, haveria uma relação direta entre a condição molecular de um corpo e sua propriedade de absorção de calor. Tyndall percebeu que quando o tubo de vidro de sua invenção era preenchido com diferentes partículas, se tornava possível enxergar o rastro de luz graças a sua interação com os gases ali presentes. Por mais que as ondas de calor estivessem por toda parte, elas só se apresentavam aos olhos nus do físico quando entravam em contato com diferentes corpos suspensos no ar dentro do tubo. Suas conclusões, inéditas para a época, mostraram que para se conseguir perceber e medir a relação atômica das partículas com o ambiente, era necessário identificar e rastrear a origem das fontes de calor e como elas atuavam sobre a composição molecular de cada corpo.

Tyndall retornaria diversas vezes para a região dos Alpes para aprofundar seus estudos e compreender que apesar de estar imerso em diferentes gases e fontes de calor, a percepção se torna mais clara quando isola o objeto de estudo diante de seu meio.

¹ SMITH, Arthur Whitmore. **John Tyndall (1820 – 1893)**. The Science Press, 1919. P. 331 - 340

Quando em 1953, o recém-formado Frantz Fanon desembarcou na Argélia para trabalhar como médico chefe no hospital psiquiátrico de Blida-Joinville, sua teoria acerca do processo de alienação psiquiátrica já estava começando a se delinear desde seus primeiros contatos com imigrantes norte africanos que buscavam assistência médica na França, porém, foi apenas através de sua prática hospitalar diária em território africano que suas observações e experiências o levariam a rastrear e identificar as diferentes formas de violência aplicadas por parte das autoridades francesas sobre a população colonizada argelina.

Por mais que essas reflexões e teorizações pudessem ser inéditas para a época, ainda mais vindo de um funcionário inserido no próprio sistema colonial, até então, não havia porta vozes suficientes que pudessem acusar e apontar tais práticas em escala internacional, sendo assim, apesar de suas ideias, não havia instrumentos empíricos e materiais para que sua teoria alcançasse a superfície da realidade do debate que se iniciava acerca desse problema. Foi necessário seu trabalho de campo e convivência diária com sua matéria prima, o corpo colonizado, para que ele conseguisse identificar como as diferentes fontes de violência colonial afetavam a vida dos argelinos submetidos a tais práticas.

Assim como Tyndall identificou a relação entre a condição molecular de um corpo e sua absorção de calor, Fanon, caminhando entre a psicanálise francesa e o movimento revolucionário argelino, passou a observar como os indivíduos colonizados respondiam às diferentes formas de violência colonizadora. Se por um lado acredita-se que a violência física é a mais brutal e feroz expressão bélica humana, Fanon investigou outras formas de manifestação da violência colonial imposta pelos franceses e de que forma elas desencadeavam doenças e alterações na mente dos indivíduos colonizados seja através da expropriação de terras, do preconceito étnico, do processo de assimilação cultural ou o uso da ciência médica como instrumento de dominação e submissão, demonstrando-se uma forma também cruel de violência psicológica.

Se o instrumento criado e desenvolvido por Tyndall tinha como função observar as diferentes intensidades de calor sobre as partículas suspensas dentro do tubo de vidro, as teorias desenvolvidas por Fanon em suas obras, observando questões como a implementação do rádio, a questão do véu e as transformações no seio familiar, o fizeram enxergar como a mente do povo colonizado era impactada em níveis e profundidades particulares quando submetidas a tais práticas. A transformação *per se* do homem colonizado só se torna visível, quando observada em perspectiva com o meio ao qual ele está inserido.

Enquanto o físico irlandês foi homenageado, tendo seu nome atribuído ao chamado Efeito Tyndall, o psiquiatra martinicano acabaria por se tornar não apenas um dos principais nomes do processo revolucionário argelino, como também viria a ser consagrado como um dos grandes nomes do pensamento decolonial e inspirador de movimentos de libertação que em pouco tempo tomariam conta dos países sob domínio europeu.

Tão inédito e revelador quanto os experimentos realizados por Tyndall em meados do século XIX para o campo da física, o trabalho desenvolvido por Fanon em solo africano, seja como médico na Argélia ou revolucionário na Tunísia, abriram inovadores caminhos para os campos das psiquiatria, da história e da sociologia. Em escala, enquanto o Efeito Tyndall se utiliza de diferentes partículas para identificar a interação das ondas de calor na atmosfera, a teoria desenvolvida por Fanon coloca os indivíduos colonizados como elementos essenciais para trazer a luz todas as diferentes formas de violência utilizadas pelos colonizadores franceses. É através da observação das alterações comportamentais e doenças da mente dos colonizados que nos tornamos aptos a observar o impacto dessas práticas e seus efeitos como a alienação colonial e a teoria da violência.

Fanon, durante seu período em território africano se dedicou integralmente a pessoas, seja no papel de médico, de pensador ou de revolucionário, seus conhecimentos, reflexões e teorizações, se tornaram ferramentas utilizadas a colocar sob a lupa da observação, o homem, que assim como ele, vivia a condição de colonizado diante da relação histórica com a metrópole francesa. Partindo da condição de médico até a condição de revolucionário, sua ciência clínica e suas ideias humanistas trouxeram à luz, aquele que estava até então invisível.

A motivação pessoal para pesquisar e escrever esse trabalho vem como resultado de anos de graduação, pós-graduação e leituras dedicadas a uma região do mundo tão vislumbrada, mas tão pouco ouvida. A busca por compreender as dimensões mais profundas do entroncamento geográfico e cultural entre africanos e islâmicos, trouxe o desejo de saber a história pelo olhar do colonizado, daquele que esteve ‘do lado de lá’ do desenvolvimento europeu tão cultuado durante o século XIX e XX. Inegavelmente, os conhecimentos e romantismos eurocêntricos acabam por deixar em segundo plano aspectos culturais e sociais, tão próprios daqueles que serviram como mão-de-obra para o desenvolvimento ocidental, sendo rotulados como radicais e terroristas, suas ações são apagadas em prol da legalidade humanizadora europeia e suas memórias são tratadas como tópicos de curiosidade dentro da

grande massa de homens e mulheres que estavam sob o guarda-chuva do imperialismo neocolonial.

Quando da leitura desprentensiosa da última obra de Fanon, *The Wretched of the Earth*, fez despertar o interesse por tal autor, feroz e combativo em suas palavras dedicadas para seus iguais, mas criticada e mal interpretada por aqueles as quais suas ideias se dirigem, não tardou para que sua produção bibliográfica revelasse um pensador multifacetado e transversalizado, mostrando que seus pensamentos não se resumem a filosofia pura e abstrata, mas que agregam-se à medicina, psiquiatria e ao seu desejo de transformação revolucionária.

Apesar de sua origem latino-americana, ao ser lançado no caldeirão argelino, logo se reconheceu e se aproximou daquela sociedade tão distante cultural e geograficamente, mas ao mesmo tempo tão historicamente próxima por suas mazelas, a colonização os assemelhava: a língua colonial, a religião colonial, a burocracia colonial, a assimilação colonial, a repressão colonial. Ficou claro que quanto maior era a pressão imposta pela França em desenvolver laços entre as colônias e a metrópole, nessas raras ocasiões de encontro ao acaso entre os homens colonizados, o real entrelaçamento acontecia entre as colônias contra a metrópole. Apesar de todos os elementos que poderiam repelir Fanon da realidade argelina, a pedra basilar de suas histórias nacionais os tornava irmãos, companheiros e conscientes da mesma situação, fiéis a mesma bandeira, submissos às mesmas ordens, obedientes às mesmas armas, escravos dos mesmos senhores e espoliados pelos mesmos interesses. Suas mentes, suas terras e seus antepassados estavam historicamente submetidos às mesmas violências.

O presente projeto busca relacionar a evolução do pensamento de Frantz Fanon com o contexto histórico-social vivido por ele durante sua fase como médico psiquiatra em território argelino e posteriormente como revolucionário exilado na Tunísia. Busca-se encontrar uma correlação entre suas descobertas teóricas, sua prática na atividade clínica e a construção de seu pensamento crítico acerca do conflito entre o movimento pela independência argelina e o sistema colonial francês.

Dividido em três partes, inicialmente será abordada uma perspectiva histórica acerca das relações franco argelinas desde os primeiros desembarques militares em *Sidi Ferruch*, passando pela institucionalização da estrutura burocrática-militar francesa, até os primeiros movimentos de resistência que buscavam a independência argelina. Nesse primeiro momento, serão apresentados os principais atores que participaram do processo de conquista, colonização e manutenção da presença francesa em solo argelino, além das principais táticas adotadas pela

metrópole na tentativa de coibir todas as forças de resistência organizadas pelos movimentos que reivindicavam a independência completa e absoluta da Argélia em relação a potência francesa.

Além disso, ainda será exposto paralelamente uma breve biografia de Frantz Fanon desde seu nascimento na ilha da Martinica, até sua decisão de embarcar para o Norte da África. Seus caminhos, oportunidades e escolhas até 1953 serão apresentados dentro desse escopo histórico, para que se torne possível entender quem era esse médico que desembarcou para trabalhar no hospital de Blida-Joinville um ano antes da explosão revolucionária.

No momento seguinte será apresentado um breve panorama das obras de Fanon, já como médico responsável do hospital psiquiátrico argelino, para que seja possível compreender sua evolução profissional, acadêmica, intelectual e revolucionária diante das situações encontradas enquanto vivia com sua família no Norte da África. Aqui se faz necessário salientar que embora sua primeira obra, e possivelmente uma das mais célebres, *Peles Negras, Máscaras Brancas*, já tivesse sido lançada em 1952, o presente projeto busca enxergar o aspecto argelino de Fanon, dando ênfase a suas descobertas e enxergando o seu *fazer-se diário* dentro de uma realidade temporal e espacial específica.

Construindo uma espécie de linha do tempo entre seus diferentes momentos enquanto indivíduo e profissional, com a publicação de seus livros e textos, o segundo capítulo busca construir um sólido entendimento não apenas dos aspectos teóricos, como também do contexto histórico ao qual ele estava inserido nos períodos de lançamentos, para isso os livros a serem analisados serão: *Alienação e Liberdade* (2021), *Toward the African Revolution* (1970) e *A Dying Colonialism* (1994).

Na terceira e última parte, a partir de análises realizadas sobre suas obras psiquiátricas, revolucionárias e do livro *The Wretched of the Earth* (2001), será elaborada uma perspectiva teórica em torno de sua teoria da violência enquanto instrumento de assimilação e derretimento cultural como meio de facilitação do processo de infiltração dos elementos culturais, administrativos e militares franceses dentro da sociedade, economia e religião local. Tendo como base a identificação das diferentes formas de manifestação da violência, será rastreado em suas obras as diferentes análises desse fenômeno por meio dos aspectos físicos, morais, étnicos e materiais.

Em contrapartida, também serão apresentados os efeitos colaterais de tais práticas, especialmente através da absorção e entendimento dessas violências por parte dos colonizados e suas adaptações e transbordamentos para que lhes fossem permitida a livre passagem entre os dois mundos existentes em uma colônia. Percebendo que a resistência seria possível apenas por meio da assimilação mascarada, as violentas respostas ao longo do século colonial passaram a acontecer justamente por meio da introdução de tecnologias (como o rádio), pela modernização dos costumes (como as roupas femininas) e as transformações no seio social (no âmbito familiar) no dia a dia da população argelina.

Para a realização desse estudo fez-se análise de obras biográficas produzidas sobre Frantz Fanon, obras de sua autoria e bibliografias que abordam elementos da história da Argélia, história árabe-africana, história colonial, além de autores que analisam e interpretam as obras do pensador martiniquense, ressaltando os impactos e desdobramentos de suas teorias em outras regiões do chamado Terceiro Mundo daquela época.

A compreensão dos pensamentos de Fanon contribuem largamente com o campo dos estudos pós-coloniais² por suas abordagens acerca das dinâmicas simbólicas dos objetos aos quais ele se debruçou ao longo de sua vida e bibliografia. Compreender a importância do contexto histórico ao qual ele estava inserido, a dominação e a busca pela libertação das correntes coloniais, faz com que possamos enxergar os sujeitos sob uma ótica pouco valorizada até então. Os pesos e contrapesos presentes nos micros e macros espaços da estrutura colonial francesa, floresce a concepção de que os campos de disputa se manifestariam em diversas frentes, como a representação política, o reconhecimento cultural e a produção econômica.

Apoiado sobre esses três aspectos: histórico-biográfico, literário e teórico, o estudo busca identificar e condensar sob um mesmo espaço, o entendimento sobre um autor tão importante e com conceitos teóricos que posteriormente viriam a se espalhar pelos demais movimentos de descolonização da África, alcançando horizontes nas áreas da política, educação, medicina, história, sociologia e filosofia.

² MBEMBÉ, Achille. *Sair da Grande Noite, Ensaio sobre a África descolonizada*. Petrópolis: Vozes, 2019, p. 152

Cap. 1 – Argélia, França & Fanon

A Presença Francesa

Na história, não há mudanças ou transformações da noite para o dia, seja nas mentalidades, costumes ou tradições, essas são resultados de longos processos que levam tempo para se consumarem, porém, para a Argélia, o ano de 1830 representou uma forte guinada em suas páginas.

Sob o domínio Otomano, desde o início do séc. XVI, os primeiros movimentos de invasão estrangeira em solo argelino desenhavam-se desde fins do séc. XVIII quando a França, em plena expansão para tornar-se um império, havia desenvolvido uma série de acordos e dívidas¹ comerciais com o *dey* (título honorífico dado ao líder Otomano) argelino durante missões militares de conquista, encabeçadas por Napoleão, no Egito. Porém tais pendências financeiras foram acumulando-se sem um desfecho aparente, quando no ano de 1827, durante uma catastrófica reunião, o cônsul e representante francês, Pierre Duval, alegou ter sido atingido no rosto por um espanta moscas durante um momento de descontrole do *dey* argelino, resultando assim no acirramento das relações diplomáticas e na elevação das tensões entre as duas partes.

Três anos se passariam até que o rei francês Charles X, que vinha enfrentando uma onda de impopularidade em seu reino², anunciasse uma série de medidas como resposta às “ações hostis” da autoridade argelina para com o seu representante. Entre essas ações, estavam o não pagamento das dívidas acumuladas desde as missões egípcias e o bloqueio completo do porto de Argel, que resultaria na invasão da costa de *Sidi Ferruch* no dia 14 de Junho de 1830³. Impulsionados pela herança militar napoleônica, os navios franceses atracaram na costa argelina abarrotados de homens que carregavam consigo uma motivação de conquista e dominação alimentada por discursos raciais e econômicos, elemento que pautaria o século XIX

¹ LOWI, Miriam R. **Oil Wealth and the Poverty of Politics** – Algeria Compared. New York: Cambridge University Press, 2009, p. 48 - 49

² HORNE, Alistair. **A Savage War of Peace**. New York: NYRB Classics, 2006, p. 29

³ LORCIN, Patricia M. E. **Imperial Identities** – Stereotyping, Prejudice and Race in Colonial Algeria. University of Nebraska, 2014, p. 18

como o período da industrialização europeia, tornando o continente africano um solo fértil para a exploração das matérias primas, mão-de-obra barata e mercado consumidor.

A vasta experiência com o manuseio de colônias, trazia para os franceses uma considerável vantagem⁴, já tendo passado pelo território indiano, pela América do Norte (Canadá e Luisiana), América Central (Haiti) e América Sul (França Antártica e Equinocial), ao chegarem na África, viam-se em uma condição de vantagem em relação às demais potências europeias, até então inexperientes, que empreitavam missões pela região em busca de uma parte da terra para desenvolver sua exploração. Essas missões exploratórias pelo continente africano, financiadas com apoio de governos, partiam do litoral em direção ao interior, buscando descobrir e assentar os colonos na nova terra, desbravando matas virgens, rios caudalosos, povos ditos selvagens e doenças devastadoras ao homem branco.

Aos olhos franceses, a Argélia era vista como uma porta de entrada para o norte da África, pois tão logo houvesse a desestruturação do controle Otomano com a derrota do *déy*, tornaria-se possível um movimento de expansão de seus tentáculos militares e comerciais sobre o que viria a tornar-se outros territórios como Tunísia e Marrocos, além de utilizar Argel e suas redondezas como um trampolim em direção ao interior do Saara que, embora hostil e nada convidativo aos recém-chegados, possuía um rico legado histórico e econômico⁵, com suas lendárias rotas transaarianas e uma extensa rede de comércio que interligava cidades de diferentes regiões em negociações de valiosos produtos ao olhar europeu.

Além disso, as terras argelinas ainda seriam utilizadas como campo de treinamento e adaptação para funcionários do alto escalão francês que em seguida seriam enviados para missões em outras partes do território colonial africano como por exemplo, o general administrador Louis Faidherbe⁶ um dos principais incentivadores dos movimentos de expansão em direção ao sul, considerado o pai fundador do Senegal, viria a fundar os *Tirailleurs*, tropa que utilizava-se da mão-de-obra africana para o controle colonial e que lutaria nas duas guerras mundiais no século XX.

Outro explorador que contribuiria para o projeto colonial francês e que utilizou a Argélia para aclimatar-se foi Xavier Coppolani⁷, considerado o fundador da Mauritânia e do projeto de

⁴ MANNING, Patrick. **Francophone Sub-Saharan Africa 1880-1995**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004, p. 59

⁵ SAAD, Elias N. **Social History of Timbuktu**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010

⁶ ROBINSON, David. **Paths of Accommodation**. Ohio: Ohio University Press, 2000, p. 61

⁷ Idem, p. 49

pacificação de seus diferentes povos locais, desenvolvendo seu árabe e seus conhecimentos sobre o islamismo durante a ocupação argelina. Vale também assinalar a respeito de Pierre Savorgnan de Brazza⁸, explorador da região do Congo e homenageado com a fundação de Brazzaville, além de futuro administrador das colônias da África Central, também teve suas passagens pela Argélia.

A mistura do *know-how* colonial que vinha acumulando-se nos últimos séculos e a nova perspectiva de conquistas e assentamento nas novas terras, trouxe especialmente ao povo francês uma nova perspectiva sobre como a empresa colonizadora deveria ser estabelecida. A nova doutrina idealizada por Paul Leroy-Beaulieu⁹ colocava sobre a mesa uma proposta inovadora na qual teoricamente, a presença francesa traria uma série de avanços aos povos locais, respeitando a autodeterminação de cada indivíduo e negando toda forma de violência militar, além de contribuir a longo prazo para o desaparecimento da fome e doenças que assolavam as culturas qualificadas como atrasadas. Não demorou muito para que as demais potências europeias também passassem a compartilhar da mesma concepção de que os homens africanos precisariam da energia, tecnologia e do capital europeu para superar seu nível de inferioridade¹⁰. Convenientemente ou não, esse foi um dos motivadores que resultaria na organização e formação da Conferência de Berlim entre os anos de 1884 e 1885¹¹, definindo as bases políticas da partilha da África.

Após a invasão de *Sidi Ferruch*, a tomada da Argélia e a queda do *dey* no dia 5 de julho de 1830, teve início um processo de conquista e dominação sobre tudo aquilo que aos olhos dos conquistadores era-lhes de direito, todas as posses, bens e terras foram passados para o controle dos franceses¹². As políticas adotadas pela nova administração deram início a uma transformação completa na estrutura governamental revogando todos os títulos, cargos, medidas e decisões que valiam para o território e o povo argelino até aquele momento. Todo o aparelho burocrático que vigorava na região foi automaticamente desarticulado e gradativamente substituído pelas leis e regras francesas.¹³

⁸ MANNING, Patrick. **Francophone Sub-Saharan Africa 1880-1995**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004, p. 15

⁹ BRUNSCHWIG, Henri. **A Partilha da África Negra**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2013, p. 22

¹⁰ MANNING, Patrick. **Francophone Sub-Saharan Africa 1880-1995**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004, p. 59

¹¹ BRUNSCHWIG, Henri. **A Partilha da África Negra**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2013, p. 41

¹² SESSIONS, Jennifer E. **By Sword and Plow – France and the Conquest of Algeria**. New York: Cornell University Press, 2011, p. 253

¹³ Idem, p. 255

Para toda uma população de pouco mais de 3 milhões de habitantes,¹⁴ o ano de 1830 representou uma mudança completa em praticamente todos os aspectos de sua vida cotidiana, seja nos regimentos administrativos, na divisão nobiliárquica, na estrutura de acordos e privilégios, no regimento local de justiça e principalmente no aspecto que viria a se tornar o principal interesse francês: a ocupação e o uso da terra. Nessa nova fase da predação colonial o ideal das potências não se limitava apenas a espoliar os novos territórios em rápidas incursões militares ou fazer alianças com elites regionais que atendessem suas expectativas, o real desafio agora girava em torno da ocupação e do assentamento para a construção de um aparato que permitisse a manutenção do poder para uma exploração longa e rentável aos cofres da metrópole.

A região argelina pairava como uma lenda na mentalidade dos europeus, pois desde os tempos romanos havia o mito da terra que demandava apenas mãos e braços dispostos a trabalhar no rico e fértil solo para brotar alimentos e riquezas no império, fazendo crescer o desejo de ocupar e tomar posse das antigas ruínas Numídias¹⁵ para florescer a República Francesa e justificar o investimento na missão colonizadora. No período de 1830, estima-se que mais de 90% da população argelina vivia na região rural, enquanto não mais do que 7% se aglomeravam nas cidades¹⁶, em sua grande maioria presentes na região litorânea ao norte e algumas poucas além das montanhas Atlas, deserto adentro em direção ao sul.

Dessa forma os interesses coloniais passavam a se desvelar simultaneamente na ampliação da ocupação por meio dos constantes movimentos do exército na direção sul e nas reformas legislativas que atingiam cada vez mais e mais comunidades. A política de expropriação de terras não tardou a se tornar o principal objetivo a curto e médio prazo dos colonizadores, realizando por meio dos decretos de revogação de títulos de posse a principal ferramenta legal para desapropriar as famílias argelinas e assim passar os lotes de interesse para as mãos de colonos que reverteriam a produção agrícola para os interesses franceses.

Se até então as novas doutrinas colonizadoras não atraíam banqueiros e investidores com suas filosofias de desenvolvimento voltadas para a melhoria de vida dos povos locais em um contexto de missão civilizatória, a promessa da posse de terras e o pleno incentivo para uma

¹⁴ LOWI, Miriam R. **Oil Wealth and the Poverty of Politics** – Algeria Compared. New York: Cambridge University Press, 2009, p. 49

¹⁵ SESSIONS, Jennifer E. **By Sword and Plow** – France and the Conquest of Algeria. New York: Cornell University Press, 2011, p. 212

¹⁶ LOWI, Miriam R. **Oil Wealth and the Poverty of Politics** – Algeria Compared. New York: Cambridge University Press, 2009, p. 49

produção voltada ao enriquecimento da metrópole, fez com que a Argélia se transformasse em um novo polo de investimentos com grandes perspectivas de lucro. Folhetins, jornais e diversos meios de propaganda passaram a divulgar na França as vantagens de se tornar um proprietário de terra no norte da África, anunciando apoio e todo tipo de privilégio para aqueles que desejassem se mudar para produzir riquezas nos lotes que passavam a estar à instantânea disposição. A ideia de colonos agricultores logo se espalhou como um projeto promissor, já que a administração francesa garantia as terras mais férteis e mais bem posicionadas para os que desejassem emigrar em busca de uma nova vida¹⁷.

O início da abrupta relação entre colonizador e colonizado logo passou para o campo da violência exclusivamente exercida pelo imigrante, que por meio do confisco das terras, relegou uma população majoritariamente agrária a uma condição de mão-de-obra barata e de pobreza nos centros urbanos, se amontando e competindo com a nova concorrência que desembarcava em grande número nos portos argelinos advinda das cidades europeias. A política de expropriação fez emergir uma pequena elite latifundiária que, as vésperas da guerra de independência em 1954, chegou a concentrar o total de 25% de toda terra fértil nas mãos de apenas 2% da população que vivia no campo¹⁸, dessa forma toda a produção a qual elas se dedicavam eram automaticamente revertidas para atender aos interesses franceses, como a produção de lã, couro e principalmente do vinho¹⁹.

Diante de todos os atores do quebra-cabeça colonial francês, um personagem merece atenção especial, sendo ele a conexão entre todas as outras instâncias desse processo e que representava na prática o ideal de dominação: o colono. As autoridades francesas trataram de pensar e encontrar mecanismos para convencer as pessoas a se moverem em direção ao lado africano do Mediterrâneo para se dedicarem ao pleno exercício do assentamento, recordando os desafios encontrados durante o período das grandes navegações e da colonização da América

Os primeiros grupos a serem cogitados para essa movimentação foram aqueles já socialmente excluídos e que não se enquadravam nas expectativas da sociedade francesa, como pobres, desempregados e proletariados envolvidos em greves e que geravam tumultos durante os períodos de crise²⁰, vistos como descartáveis aos olhos do governo.

¹⁷ Idem, p. 51

¹⁸ HORNE, Alistair. **A Savage War of Peace**. New York: NYRB Classics, 2006, p. 62

¹⁹ YAZBEK, Mustafa. **A Revolução Argelina**. São Paulo: Editora UNESP, 2008, p. 22

²⁰ SESSIONS, Jennifer E. **By Sword and Plow** – France and the Conquest of Algeria. New York: Cornell University Press, 2011, p. 264

Mas a nova organização social, política e econômica que se organizava sob a tutela do colonialismo francês também demandava trabalhadores habilidosos que possuísem educação formal e experiência em diversas áreas para atender às expectativas da classe colonial que crescia cada vez mais na Argélia. Era necessário desenvolver uma estrutura que atraísse as mais diversas classes de trabalhadores para o Norte da África, seja na questão salarial, nas condições de vida e até mesmo nos serviços oferecidos nas cidades e regiões a serem desenvolvidas, como segurança, saúde e educação para as famílias²¹. Diversas políticas de incentivo foram incrementadas para atrair uma diversidade de colonos, evoluindo ao ponto de ser dada a prioridade a homens solteiros que fossem focados exclusivamente no trabalho e não possuísem laços que os prendessem a questões que viessem a limitar sua mobilidade ou disposição de viver em condições menos favoráveis²².

Esses colonos conhecidos como *pied noirs*²³ ou *colons*, possuíam um amplo regimento próprio que os guiavam na vida cotidiana dentro do contexto argelino e que lhes davam uma condição de grande privilégio diante dos nativos. Na prática, os colonos não eram vistos ou tratados como estrangeiros recém-chegados em terras desconhecidas, mas sim como os reais donos e administradores das propriedades, relegando a população local a uma condição de alienação a sua própria terra, inferioridade e servidão na relação com as novas autoridades que ali se instalavam. Uma série de medidas legais e legislações foram sendo desenvolvidas e criadas para dissipar gradualmente todo o modelo vivido pelos nativos, substituindo as velhas bases sociais tradicionais, por códigos de conduta baseados nos modelos e padrões europeus, obviamente, sem nenhum consentimento ou participação dos líderes, representantes civis ou militares argelinos. Um dos exemplos mais agressivos dessa presença francesa pode ser exemplificado na implementação do chamado *Code de L'indigénat* em 1881 que determinava uma série de deveres dos povos locais, passíveis de punições quando desobedecida, por exemplo, desde a não declaração de nascimentos ou morte na família, a recusa da resposta a um questionamento feito por uma autoridade francesa, até a forma de falar considerada desrespeitosa sobre a França²⁴. Todos esses mecanismos voltados para o pleno controle do colonizador sobre o colonizado fazia dos nativos, verdadeiros cativos dentro de sua própria estrutura social.

²¹ Idem, p. 276

²² Idem, p. 285

²³ HORNE, Alistair. **A Savage War of Peace**. New York: NYRB Classics, 2006, p. 51 - 54

²⁴ SESSIONS, Jennifer E. **By Sword and Plow** – France and the Conquest of Algeria. New York: Cornell University Press, 2011, p. 53

Os recém-chegados não tardavam em transformar o meio ambiente ao qual eram introduzidos para aproximar ao máximo sua nova vida aos padrões daquela que havia ficado para trás, alienando os antigos donos de todo e qualquer prazer ou lembrança que tivessem em suas memórias do passado recente de liberdade e autoridade sobre si mesmos. O processo que teve início em 1830 e que passou a se intensificar nas décadas posteriores com leis, expropriações de terras, desarticulação social e quebra de tradições, não ficaria impune, pelo contrário, foi moldando na mente dos que enxergavam sua sociedade ser abalada pelo impacto da presença do estrangeiro, da imposição do Outro, da violência física, verbal e institucional, o despertar de um ideal nacionalista que por meio do acúmulo de memórias e sentimentos negativos em relação aos colonizadores, viria a transbordar nos primeiros movimentos de independência.

As primeiras tropas embarcadas em direção ao bloqueio do porto de Argélia em 1830 tinham em mente que estavam direcionando-se para enfrentar uma parte do império Otomano e apesar de parte do exército francês já possuir algum conhecimento sobre o norte da África após a invasão do Egito em 1798, eles não tinham como mensurar o amplo universo ao qual estariam prestes a mergulhar²⁵. Etnologicamente variado, o território argelino possuía como principais ocupantes nativos os árabes e povos de etnias berberes, como os cabílias (que vivem ao norte, na região litorânea e montanhosa) e os tuaregs (que vivem Saara adentro, em direção ao sul), sendo a população majoritariamente muçulmana e adepta das práticas islâmicas desde suas atividades diárias até rituais tradicionais.

Sendo assim, o elemento religioso representou o fator mais sensível de toda a relação entre o colonizador francês e o colonizado africano. Apesar de ser reconhecida como uma potência cristã, o império francês teve que dedicar uma parte considerável de seu capital humano para o processo de adaptação a todas as novidades e dificuldades que a realidade muçulmana trazia, visando uma ampliação do projeto colonial pelo norte e oeste africano²⁶. O ideal civilizatório pregado pelas novas filosofias coloniais resultou em um conflito cultural e identitário entre as duas realidades, já que diante dos olhos europeus os colonizados resumiam-se a uma cultura subdesenvolvida, defasada e que necessitavam de um sopro de fé para que fosse possível uma renovação em suas bases sociais e consequentemente econômicas. Apesar da promessa ideológica de evitar-se a necessidade da empreitada militar de guerra total durante

²⁵ LORCIN, Patricia M. E. **Imperial Identities** – Stereotyping, Prejudice and Race in Colonial Algeria. University of Nebraska, 2014, p. 19

²⁶ ROBINSON, David. **Paths of Accommodation**. Ohio: Ohio University Press, 2000, p. 75

a conquista, na prática, a missão civilizatória acabava por ganhar ares de uma nova Cruzada, que mais uma vez se colocaria contra o beligerante islamismo²⁷.

Sendo assim, etnólogos, historiadores, missionários, toda sorte de estudiosos e principalmente militares, foram enviados com o objetivo de realizarem um mapeamento das medidas adequadas para que iniciassem as políticas de assimilação²⁸, ou seja, medidas que buscassem fazer com que os árabes e berberes abandonassem suas tradições, passando a adotar o ideal imposto pelos novos ocupantes, como forma de se aproximar cada vez mais desse ideal humanista voltado para o desenvolvimento.

Visando a inserção de políticas de assimilação na área cultural, a área educacional²⁹ ganhou uma atenção relevante, objetivando substituir os conhecimentos tradicionais pelos difundidos nas escolas europeias, alimentando as futuras gerações com um passado pouco representativo para as crianças muçulmanas, ensinando sobre a linhagem dos reis, as raízes gaulesas e as conquistas burguesas do mundo moderno, lentamente o sentimento de estranhamento dos jovens passava a ser aliviado com a presença cada vez mais constante dos padrões de vestimentas, entretenimentos e da língua como um fator de segregação entre os chamados *évolués* (evoluídos o suficiente para se comunicar na língua do dominador) e aqueles que ainda estavam presos à condição de selvagem. Apesar da importância para o projeto colonial, a difusão escolar entre as comunidades árabes e berberes não se deu de maneira inclusiva e muito menos acessível a todas as crianças, na qual as dificuldades de se acessar determinados níveis de educação formal tornou-se a barreira ideal para garantir os altos e importantes cargos administrativos apenas a aqueles que aceitavam submeterem-se ao processo de assimilação colonial de forma absoluta. Ao fim, o ideal dessa política girava em torno do desejo francês de provocar a quebra da barreira entre o nativo e o estrangeiro, levando o próprio homem colonizado a simplesmente deixar todo o seu passado para trás e caminhar em direção ao novo futuro, esquecendo sua identidade, seu passado, seu meio ambiente e sua cultura, ao ponto de não enxergar ou sentir nenhuma diferença entre as duas esferas (colonizador e colonizado) que estavam em constante conflito durante esse período³⁰.

²⁷ LORCIN, Patricia M. E. **Imperial Identities** – Stereotyping, Prejudice and Race in Colonial Algeria. University of Nebraska, 2014, p. 19

²⁸ HORNE, Alistair. **A Savage War of Peace**. New York: NYRB Classics, 2006, p. 64

²⁹ Idem, 61

³⁰ Idem, 61

Enquanto diversas frentes adotavam discursos civilizatórios e humanistas para atrair os povos muçulmanos para esse fim, o general Thomas Robert Bugeaud³¹ era o responsável por exercer o braço violento do colonialismo no território argelino, em especial no combate aos movimentos *jihadistas* muçulmanos, encabeçados pelo lendário comandante Abd el-Kader³² e pelas figuras dos marabutos³³, esses grupos passavam a manifestar-se com mais intensidade conforme o movimento de ocupação também ganhava terreno Argélia à dentro. Além da violência militar, a população muçulmana também desenvolveu suas próprias formas de resistências em todas as dimensões impostas pelos colonizadores, elevando a relação entre os franceses e a religião islâmica a patamares de intolerância cada vez mais violentos.

Para o francês, a questão religiosa passou a tornar-se o principal entrave administrativo e cultural de toda a empresa colonial, já que apesar das diversas técnicas e ferramentas de transformação da sociedade, a partir da difusão de novidades nas áreas de educação, entretenimento e cultura, divulgadas e realizadas no espaço público, nenhuma delas conseguia adentrar o espaço privado dos nativos. Levou-se um tempo para que os burocratas e militares entendessem que para o homem argelino, religião e política são dimensões intrinsicamente associadas e que as leis que regem a vida civil, não possuem distinções das leis religiosas³⁴, assim, percebeu-se que seria necessário demandar muito mais energia para substituir o universo religioso plenamente instaurado na vida dos homens locais.

Essa dificuldade foi sensivelmente percebida durante a penetração na geografia montanhosa e desértica fora dos limites urbanos presentes na faixa litorânea mediterrânea, onde a presença de lideranças religiosas despertava sentimentos de estranhamentos e hostilidade³⁵, em especial na figura do *Marabout*³⁶, nome dado a homens considerados descendentes de linhagens sagradas, possuidores de poderes mágicos e que possuíam forte influência entre os habitantes. Largamente presentes em regiões de populações berberes, suas opiniões e decisões tinham forte impacto na vida de seus seguidores, quando assumiam a figura de oposição à presença francesa, conseguiam movimentar grandes contingentes de pessoas que depositavam

³¹ SESSIONS, Jennifer E. **By Sword and Plow** – France and the Conquest of Algeria. New York: Cornell University Press, 2011, p. 128

³² YAZBEK, Mustafa. **A Revolução Argelina**. São Paulo: Editora UNESP, 2008, p. 23

³³ LORCIN, Patricia M. E. **Imperial Identities** – Stereotyping, Prejudice and Race in Colonial Algeria. University of Nebraska, 2014, p. 58

³⁴ LORCIN, Patricia M. E. **Imperial Identities** – Stereotyping, Prejudice and Race in Colonial Algeria. University of Nebraska, 2014, p. 54

³⁵ CLANCY-SMITH, Julia A. **Rebel and Saints**. University of California, 2002, p. 5 - 6

³⁶ LORCIN, Patricia M. E. **Imperial Identities** – Stereotyping, Prejudice and Race in Colonial Algeria. University of Nebraska, 2014, p. 58

suas crenças em seus ensinamentos, já que sendo uma população majoritariamente analfabeta, era através da figura desses personagens que a palavra sagrada era transmitida para uma fatia relevante da população³⁷.

Houve tentativas de se implantar comunidades monásticas para divulgar e pregar a palavra cristã por meio da atividade missionária³⁸ pelo litoral, deserto do Saara e regiões montanhosas, por meio de ações sociais como a implementação de medidas como cuidados médicos e abrigo para órfãos, mas sem sucesso diante da forte presença da religião muçulmana dentro das comunidades locais.

Como forma de enfraquecer as relações internas entre os nativos, os franceses deram início a uma prática que se tornaria regra por toda a África nos anos seguintes de dominação imperialista: dividir para conquistar. Percebendo que os aspectos religiosos criavam laços mais duradouros e conseqüentemente mais complexos de serem desfeitos, os franceses passaram a alimentar discórdias utilizando discursos étnicos, colocando os árabes e os cabílias em condição de opositores³⁹, dessa forma, detalhes como as regiões de ocupação, estruturas sociais e níveis de controle político administrativos, eram usados para exaltar uma das etnias sobre a outra. Colocando os berberes como superiores aos árabes, os franceses usavam a política para dicotomizar a sociedade argelina, para quem sabe assim cooptar os berberes para o seu lado e com a marginalização dos árabes, integrar a Argélia de uma vez por todas a sociedade francesa.⁴⁰

Durante todo o século XIX, a metrópole francesa investiu pesadamente em suas políticas de assimilação e dominação colonial, testando e empreendendo diferentes políticas para o trato com povos diferentes, é inegável que em fins de 1890, graças a todo seu conhecimento acumulado nas diversas incursões coloniais, a França já poderia ser considerada uma “potência muçulmana”⁴¹. Expandindo suas rotas de acesso por todo o Saara, em questão de tempo, redes de contato e conexões comerciais por todo o oeste africano e região equatorial foram aprimorando as práticas previamente assistidas desde os primeiros desembarques de 1830. Mas se por um lado a presença francesa parecia florescer e começar a gerar raízes profundas por

³⁷ Idem, p. 61

³⁸ NAYLOR, Phillip C. **North Africa** – A History from Antiquity to the Present. Austin: University of Texas Press, 2009, p. 156 - 157

³⁹ LORCIN, Patricia M. E. **Imperial Identities** – Stereotyping, Prejudice and Race in Colonial Algeria. University of Nebraska, 2014, p. 32

⁴⁰ LOWI, Miriam R. **Oil Wealth and the Poverty of Politics** – Algeria Compared. New York: Cambridge University Press, 2009, p. 53

⁴¹ ROBINSON, David. **Paths of Accommodation**. Ohio: Ohio University Press, 2000, p. 76

meio de seu aparato administrativo/burocrático, todas as tentativas de superação das barreiras impostas pelos *indigénats* (forma como os nativos eram chamados pelos franceses) se mostravam fracassadas uma após a outra. Mais interessados em engajarem-se nos movimentos anticoloniais⁴², berberes e árabes estavam plenamente dedicados em não ceder por completo diante dos assédios, cada vez mais violentos, impostos pela metrópole.

O poder bélico para os franceses era o único meio encontrado para submeter a população a sua vontade e, conseqüentemente, acabou mostrando-se também como a única via de resposta da população local, tornando a violência o principal instrumento de comunicação entre esses dois universos totalmente distintos. Na tentativa de defender seus interesses particulares, seja na dominação, na assimilação completa e absoluta imposta pelos franceses ou nas resistências às expropriações de terras por parte dos árabes e povos berberes, ambos se utilizavam de tudo que estivesse ao alcance das mãos. Se o interesse primário da França era mutilar a antiga posse Otomana e dispô-la por completa aos seus pés, os constantes ímpetos de violência acabaram produzindo um efeito colateral reverso, pois quanto mais pressão e energia eram depositadas sobre os homens e mulheres argelinas para a ruína de suas estruturas sociais, desenvolvia-se na mesma proporção a semente do sentimento nacionalista que se constituiria a pedra basilar do processo revolucionário.

A virada do século XIX para o XX trouxe novas realidades para ambos os lados. Inseridos à força no sistema capitalista, ficou claro, desde os primeiros movimentos de tomada de terras e importação de mão-de-obra qualificada, que o desenvolvimento da economia local argelina era interesse último dos franceses, que se dedicavam quase que exclusivamente em utilizar o solo colonial para atender às necessidades europeias e inundar o mercado consumidor africano com produtos industrializados franceses⁴³. O projeto avançava a passos largos na tentativa de assimilar as elites nativas e ocupar o máximo de espaços possíveis por meio da instalação dos *pied noirs* em todas as regiões da colônia.

Diante da ampliação da presença francesa, os administradores da metrópole tiveram que orquestrar melhorias na infraestrutura como a implementação de ferrovias, estradas e mecanismos para modernizar e melhorar as condições de vida dos colonos, como meios que

⁴² LOWI, Miriam R. **Oil Wealth and the Poverty of Politics** – Algeria Compared. New York: Cambridge University Press, 2009, p. 53

⁴³ YAZBEK, Mustafa. **A Revolução Argelina**. São Paulo: Editora UNESP, 2008, p. 25

pudessem permitir uma melhora no transporte e escoamento da produção agrícola em direção aos portos e na distribuição de produtos entre as principais cidades⁴⁴.

Conforme o tempo passava, todas essas relações também se refletiam na organização demográfica da Argélia colonial: com uma população estimada por volta de 700 mil europeus para 5 milhões de argelinos por volta de 1914⁴⁵, o *gap* de crescimento populacional continuou aumentando, com a população muçulmana chegando à marca próxima dos 9 milhões em 1954, ano de início da revolução. Girando cada vez mais em torno de polos que concentravam a presença colonial, o fluxo dos desapropriados de terras se direcionava para as cidades⁴⁶ buscando oportunidades de trabalho e fontes de renda, muitas delas sem uma infraestrutura planejada para esse movimento de êxodo, despertando a preocupação e o medo das elites acerca dos efeitos colaterais da pobreza e desigualdade próximos a suas casas.

Dentro desses centros urbanos, passou-se a formar um grupo conhecido como *Young Algerians*, mesclando ideias nacionalistas com o desejo de modernização das instituições, seus membros abrangiam desde uma pequena elite francesa à argelinos assimilados, também conhecidos como *evólus* com formação escolar e gradual acesso às informações. Devido o acesso a uma condição de vida relativamente melhor, os membros do grupo passaram a apontar as contradições⁴⁷ existentes entre o discurso humanista e civilizatório propagados pelos franceses, com as práticas violentas exercidas por parte da metrópole. Reivindicavam reformas agudas que atingiam o cerne da política colonial, como por exemplo a abolição do *Code de L'indigénat* e a ampliação do acesso de nativos às instituições de educação, aumentando ainda mais o campo das críticas em relação a França. Ao mesmo tempo, a instituição religiosa também passou por um processo de adaptação visando conciliar o avanço de ideais liberais aos preceitos religiosos, com destaque ao Movimento de Reforma Islâmica⁴⁸ que visava purificar e reforçar os laços fundamentais que uniam a nação muçulmana sob uma bandeira reformista aliada aos aspectos nacionalistas e culturais árabes que tinham como mote: “*l’Algérie est notre patrie, l’Islam est notre religion et la langue arabe est notre langue*”.⁴⁹

⁴⁴ Idem, p. 28

⁴⁵ Idem, p. 24

⁴⁶ HORNE, Alistair. **A Savage War of Peace**. New York: NYRB Classics, 2006, p. 64

⁴⁷ NAYLOR, Phillip C. **North Africa – A History from Antiquity to the Present**. Austin: University of Texas Press, 2009, p. 185

⁴⁸ LOWI, Miriam R. **Oil Wealth and the Poverty of Politics – Algeria Compared**. New York: Cambridge University Press, 2009, p. 56

⁴⁹ “A Argélia é nossa pátria, o Islã é nossa religião e o árabe é nossa língua” (Tradução do autor) Idem, p. 56

Enquanto isso, as comunidades distantes dos centros urbanos posicionadas nas montanhas⁵⁰ que atuavam como um cinturão, isolando a faixa norte litorânea da imensidão desértica ao sul, continuavam evitando toda tentativa de contato ou assimilação organizando-se como as principais forças de resistência. Fatores como laços consanguíneos, participações em rituais, compartilhamento de terras e pastos, sólidas funções dos papéis sociais e a manutenção de aspectos tradicionais, davam a essas comunidades árabes e berberes um sentimento de pertencimento à comunidade que os instrumentos de assimilação franceses jamais conseguiriam alcançar. Embora estivessem diluídas em pequenas comunidades, quando reunidas e organizadas nas chamadas *Djemâas*⁵¹, desenvolviam um rígido sistema de alianças que acabou se tornando de extrema importância durante os movimentos de guerra contra a presença francesa.

Já não bastassem as dificuldades enfrentadas em território africano, a primeira metade do século XX ainda reservou aos franceses o envolvimento e a participação direta nas duas guerras mundiais entre 1914 e 1945, causando a destruição de parte considerável de sua infraestrutura urbana e industrial e a perda de um maciço capital humano. A metrópole se viu palco de sangrentas batalhas e de um longo período de ocupação sob o regime nazista. Inevitavelmente esses eventos atingiram exitosamente os planos e as políticas francesas em relação a suas colônias, pois se até então a administração orbitava em torno dos interesses comerciais, o cenário de guerra em solo europeu trouxe novas prioridades à mesa dos tomadores de decisões e cada vez mais os africanos se viam diretamente envolvidos nos conflitos que se desenrolavam na Europa.

O emprego de africanos em postos militares não era novidade para os franceses, com principal destaque para os *Tirailleurs Senegalais* integrados aos batalhões desde 1850⁵², senegaleses e diversos outros povos foram largamente utilizados nas linhas de frente pelas potências europeias em ambos os conflitos. Atuando como carregadores, recrutas de baixa patente e mensageiros, parte deles acabavam entre as vítimas nas trincheiras⁵³. Durante a 1ª Guerra Mundial, 120 mil argelinos foram transferidos para a França na missão de assumir os postos nas fábricas de homens que havia sido deslocados para o front, enquanto outros 25 mil

⁵⁰ YAZBEK, Mustafa. **A Revolução Argelina**. São Paulo: Editora UNESP, 2008, p. 28

⁵¹ MACMASTER, Neil. **The Roots of Insurrection: The Role of the Algerian Village Assembly (Djemâa) in Peasant Resistance, 1863 - 1962**. Comparative Studies in Society and History, vol. 55, no. 2, 2013, p. 419 - 447

⁵² REID, Richard J. **Warfare in African History**. New York: Cambridge University Press, 2012, p. 148.

⁵³ Idem, 151

morreram em campos de batalha⁵⁴. Já na 2ª Guerra Mundial, o cenário ampliou-se ainda mais, inclusive com partes da África tornando-se palcos de combate, com localizações chave, sendo ocupadas pelos aliados para comprimir e enfraquecer os soldados do eixo.

A participação ativa nas divisões de combate, sendo muitas delas com um alto custo de vidas, colocou a presença colonial diante de uma encruzilhada, pois aqueles soldados que retornavam da guerra para suas famílias e comunidades mostravam-se extremamente politizados e passaram a desejar uma transformação da realidade que encontravam em suas casas. Após vestirem e defenderem as cores da bandeira da França durante o período de guerra, quando retornavam às suas origens, as autoridades coloniais logo tratavam de desarticular e desmobilizar⁵⁵ o máximo possível desse contingente, pois tinham o receio que a experiência internacional e o contato com outros povos, os levassem a perceber a discrepância entre os muitos deveres que tinham para com a metrópole e os poucos direitos que recebiam em troca⁵⁶.

Conclui-se que seja no deserto, nas montanhas, nas mesquitas, nas trincheiras ou nas cidades, o século XX trouxe à tona mudança nas dinâmicas de resistência, embora ainda fortemente associadas a organizações e irmandades, pois, passavam a usar o conhecimento fornecido pela metrópole contra ela própria. Os poucos argelinos que tinham a oportunidade de aprender o francês de forma fluente, estudar na metrópole e compreender os meandros da administração colonial, passaram a demandar cada vez mais oportunidades e acesso a direitos civis⁵⁷ até então exclusivos aos colonos.

Observando a soma de todos esses fatores listados, as autoridades francesas perceberam que se nada fosse feito para ampliar o acesso dos argelinos às oportunidades que viabilizassem uma considerável melhoria de vida, seria apenas uma questão de tempo para toda a ampla rede de resistências e suas reivindicações alcançassem patamares incontáveis para o poder central. No início da 2ª Guerra Mundial, os domínios imperiais franceses abrangiam estimados 13 milhões de quilômetros quadrados, abrigando mais de 100 milhões de pessoas espalhadas por todos os continentes, América, África, Ásia e Oceania⁵⁸, dessa forma, medidas deveriam ser tomadas com extrema urgência para desenvolver novas regulamentações e políticas dedicadas

⁵⁴ NAYLOR, Phillip C. **North Africa** – A History from Antiquity to the Present. Austin: University of Texas Press, 2009, p. 185

⁵⁵ REID, Richard J. **Warfare in African History**. New York: Cambridge University Press, 2012, 152

⁵⁶ LOWI, Miriam R. **Oil Wealth and the Poverty of Politics** – Algeria Compared. New York: Cambridge University Press, 2009, p. 55

⁵⁷ YAZBEK, Mustafa. **A Revolução Argelina**. São Paulo: Editora UNESP, 2008, p. 29

⁵⁸ YAZBEK, Mustafa. **A Revolução Argelina**. São Paulo: Editora UNESP, 2008, p. 29

a atender esse novo cenário, que já se apresentava muito diferente em comparação às primeiras décadas do século XIX.

A principal questão debatida para amenizar as tensões coloniais girava em torno da possível reforma da condição legal de parte da população argelina, pois embora a conquista de direitos por parte dos árabes e berberes ganhava espaço entre os grupos que começavam a levantar bandeiras e discursos nacionalista, na prática nunca uma proposta real havia sido seriamente considerada pelo governo colonial. Quando a 1ª Guerra Mundial terminou, um conjunto de leis conhecidas como *Jonnart Laws*⁵⁹ foi aprovada em 1919, como reconhecimento pelos esforços e sacrifícios feitos pelos argelinos durante o conflito, promovendo o direito de voto a uma larga fatia social, mas que não tardou a ser alvo de constantes reclamações feitas por parte dos *pied noirs*, que levaria a derrubada das medidas.

Uma nova tentativa de fornecer a condição de cidadania aos argelinos aconteceria alguns anos mais tarde, em 1936, já às vésperas do início da Segunda Guerra Mundial, por meio da proposta de lei *Blum-Viollette*⁶⁰. O projeto previa o oferecimento de títulos de cidadania completa a um total de 25 mil argelinos, com o diferencial de que agora eles não precisariam abrir mão de sua condição muçulmana (renúncia obrigatória desde a implementação do regulamento *sénatus-consulte* em 1865⁶¹), sendo uma pesada barreira para aqueles que desejavam adquirir a cidadania francesa. Assim como o projeto anterior, pela forte pressão advinda da classe europeia o projeto não passou da fase de sua tramitação.

Ficava cada vez mais claro que as relações entre as diferentes camadas sociais precisavam ser revistas, pois apesar do claro confronto entre colonizador e colonizado, as bases políticas e legais necessitavam ser atualizadas. Assim como o século XX trouxe novas dinâmicas para a política internacional e a ascensão de novos atores para as disputas de poder, o contexto argelino também apresentava uma nova organização, desde a reorganização dos árabes e berberes em movimentos de resistência diante das violentas políticas de assimilação e sufocamento cultural impostas pela metrópole, até às expectativas cada vez maiores dos europeus que ocupavam o território argelino por reconhecimento, acesso a privilégios e

⁵⁹ LOWI, Miriam R. **Oil Wealth and the Poverty of Politics** – Algeria Compared. New York: Cambridge University Press, 2009, p. 55

⁶⁰ HORNE, Alistair. **A Savage War of Peace**. New York: NYRB Classics, 2006, p. 26 (PDF)

⁶¹ LOWI, Miriam R. **Oil Wealth and the Poverty of Politics** – Algeria Compared. New York: Cambridge University Press, 2009, p. 52

pressões políticas que demonstravam seus receios de um possível fortalecimento político dos muçulmanos.

Da Martinica à Argélia

Enquanto as relações franco argelinas desenrolavam-se de forma turbulenta desde seu início no século XIX, do outro lado do Atlântico, na pequena ilha de mil km² da Martinica, as relações coloniais já eram muito mais estáveis entre colônia e metrópole. Ocupada por franceses desde o desembarque do explorador francês Pierre Belain d'Esnambuc em 1635⁶², a ilha se mostrou uma terra promissora para os planos da expansão colonial francesa, onde apesar de passar brevemente pelas mãos dos ingleses entre os anos de 1794 e 1802⁶³, não tardou a se tornar uma possessão estável francesa tendo suas terras ocupadas por plantações dedicadas ao enriquecimento europeu, especialmente voltada para o cultivo do açúcar através da mão de obra escrava africana, modelo predominante no sistema colonial americano.

Desde esse período, tanto a Martinica como outros territórios coloniais, como Guiana e Guadalupe, eram denominados como *Départements d'Outre-Mer/Territories d'Outre-Mer*, até 1946, ano em que passaram a se tornar oficialmente parte do território francês e não mais apenas uma colônia⁶⁴. Tinha-se como política administrativa medidas dedicadas única e exclusivamente para o processo de aculturação e assimilação, apresentando férteis resultados na população pouco resistente. Elementos como a implantação do chamado *Code Noir* em 1685, sendo extinto apenas em 1848⁶⁵, mesmo ano da abolição da escravidão nas colônias francesas⁶⁶, reforçavam na ilha a manutenção da economia colonial voltada para o enriquecimento da metrópole francesa e a distinção social baseada na cor da pele. A aliança dessas duas práticas desenvolveu dentro da sociedade martiniquense um processo de desigualdade econômica-racial que se manteve até mesmo depois da abolição.

Na figura dos *békés*, nome dado aos criollos brancos descendentes e herdeiros das elites coloniais⁶⁷, a estrutura colonial se manteve estável e mesmo que numericamente inferiores,

⁶² ZEILIG, Leo. **Frantz Fanon: A Political Biography**, sec. Ed. Bloomsbury Publishing Plc, 2021, p. 16

⁶³ MACEY, David. **Frantz Fanon: A Biography**. Verso, 2012, p. 33

⁶⁴ Idem, p. 31 - 32

⁶⁵ ZEILIG, Leo. **Frantz Fanon: A Political Biography**, sec. Ed. Bloomsbury Publishing Plc, 2021, p. 16

⁶⁶ HUDIS, Peter. **Frantz Fanon: Philosopher of the Barricades**. Londres: Pluto Press, 2015, p. 13

⁶⁷ MACEY, David. **Frantz Fanon: A Biography**. Verso, 2012, p. 43

impunham aos demais habitantes da ilha a existência de uma visível barreira social, especialmente na questão do acesso às oportunidades. Um dos exemplos mais brutais desse processo de segregação e manutenção de privilégios, está ligado à participação dos habitantes da ilha no âmbito da escolha de seus representantes, pois a liberdade da situação de escravidão trouxe consigo a condição de cidadania francesa e o direito ao voto⁶⁸, mas que embora fossem uma garantia de todos, esse direito era habilmente controlado por parte da pequena elite por meio da violência física, da restrição ao trabalho e da coerção exercida através de aspectos econômicos, obrigando seus funcionários e subalternos a seguirem seus mandos e desmandos, privando-os do exercício político e das possibilidades de ascensão social que esse novo momento poderia fornecer.

Dentro desse contexto histórico social, no dia 25 de julho de 1925, na cidade de Fort-de-France, capital da ilha da Martinica, nasce Frantz Omar Fanon⁶⁹, filho do casal Félix Casimir Fanon e Eléonore Médélice. Tendo sido criado e educado entre mais quatro irmãos e duas irmãs, sua infância foi marcada pela segurança de uma próspera família de classe média⁷⁰ que propiciou a ele uma oportunidade de estudo em um colégio particular e o incentivo ao desenvolvimento de uma familiaridade com a língua francesa, vista como um fator de classificação social⁷¹ dentro da ilha.

A época de seu nascimento, a cidade de Fort-de-France vinha assumindo uma posição de destaque, não apenas na Martinica, mas entre as demais ilhas da região. Estima-se que por volta de 1930 a cidade contava com 43 mil habitantes⁷², grande parte deles em busca de melhores condições de vida e oportunidades de trabalho, já que a produção de açúcar nas áreas rurais passou a não apresentar mais as mesmas condições econômicas favoráveis de antes. Mesmo sendo a capital um polo de atração comercial, o projeto de urbanização da cidade nunca apresentou um cenário de inclusão social, relegando a população negra e pobre às regiões periféricas, vivendo em casas de madeira, sem fornecimento de água encanada ou energia elétrica, além da inexistência de saneamento básico⁷³.

Dessa forma, apesar de crescer com pouco ou nenhum contato com a realidade mais brutal que atingia parte da população martiniquense, a árvore genealógica da família Fanon

⁶⁸ Idem, p. 43

⁶⁹ CHERKI, Alice. **Frantz Fanon: A Portrait**. Nova York, Cornell University Press, 2006, p. 6

⁷⁰ MACEY, David. **Frantz Fanon: A Biography**. Verso, 2012, p. 50

⁷¹ HUDIS, Peter. **Frantz Fanon: Philosopher of the Barricades**. Londres: Pluto Press, 2015, p. 14

⁷² MACEY, David. **Frantz Fanon: A Biography**. Verso, 2012, p. 51

⁷³ Idem, p. 51

fazia com que seus pais continuassem lembrando-se que há duas gerações⁷⁴, parte deles estava acorrentada às raízes escravagistas da ilha e que toda pequena conquista para se afastar desse passado possuía um impacto significativa no processo de desenvolvimento dos filhos.

Tal passado aflorou-se dentro de Fanon quando em 1935, com apenas 10 anos, ele e seus colegas de turma foram levados a uma excursão escolar para visitar o monumento erguido em homenagem a Victor Schoelcher, um francês ativista do movimento abolicionista e autor do projeto que aboliu a escravidão nas colônias francesas em 27 de Abril de 1848⁷⁵. Durante essa visita, o jovem Fanon passou a perceber que as instituições e espaços públicos ao seu redor levavam consigo o nome do responsável pela abolição, como a biblioteca que ele frequentava, *Bibliothèque Schoelcher*, e a escola na qual ele estudava, *Lycée Schoelcher*, mas ao mesmo tempo, ele percebeu também que não havia nenhum vestígio sequer daqueles que haviam enfim adquirido a liberdade. O invisível reconhecimento daqueles que viveram séculos sob o regime do *Code Noir*, dentro do sistema de escravidão, acompanhado com o enobrecimento da imagem do europeu responsável por libertar aqueles que ele mesmo escravizou, foi a primeira fagulha de um sentimento que viria a despertar em Fanon o pensamento de que, apesar dele e dos demais negros da ilha não estarem mais diante da condição de escravos, a estrutura organizacional da sociedade martiniquense ainda reproduzia os laços de poder e distinção de status entre os antigos dominadores e dominados. Fanon percebeu que mesmo protegido do contato com os extremos produzidos pela herdada desigualdade social, por sua condição familiar, seja a vida nas comunidades periféricas ou com os as práticas segregacionistas praticadas pelos *békés*, de alguma forma, essa linha tênue estaria se manifestando constantemente em seu dia a dia:

*“(...) first time I saw that the history they were teaching us was based on a denial, that the order of things we were being presented with was a falsehood. I still played and took in sports and went to the movies, but everything had change. I felt as though my eyes and m years had been opened.”*⁷⁶

A relação de Fanon com sua ilha natal pode ser encarada de forma turbulenta, em que ao longo de sua vida, diversas ocasiões o atraíram e o repeliaram para longe dela, em especial quando seus pensamentos eram levados a orbitar em torno da metrópole. Havia no ar um sentimento de grande proximidade entre os habitantes da Martinica com o espírito de

⁷⁴ Idem, p. 54

⁷⁵ HUDIS, Peter. **Frantz Fanon: Philosopher of the Barricades**. Londres: Pluto Press, 2015, p. 15

⁷⁶ “(...) pela primeira vez eu vi que a história que eles nos ensinavam era baseada na negação, que a ordem das coisas que eram apresentadas era uma falsidade. Eu ainda jogava e participava nos esportes e assistia a filmes, mas tudo havia mudado. Eu senti como se meus olhos e meus ouvidos haviam sido abertos.” (Tradução do autor) CHERKI, Alice. **Frantz Fanon: A Portrait**. Nova York, Cornell University Press, 2006, p. 8

pertencimento a nação francesa⁷⁷, o que não foi diferente com Fanon durante sua infância e juventude, mas que passou a ser lapidarmente confrontado por meio da figura de Aimé Césaire.

Aimé Césaire, como todos aqueles que desejavam melhores oportunidades educacionais, havia adquirido sua formação universitária na França e retornado a sua terra natal. Tendo oportunidade de lecionar em escolas de prestígio, como o *Lycée Schoelcher*⁷⁸, se tornou um dos principais intermediários entre o imaginativo desejo de Fanon e a realidade da metrópole francesa. Sua experiência na Europa o levou a desenvolver um sentimento de aversão aos mecanismos de dominação colonial impostos pela República Francesa sobre suas colônias passando a escrever obras dedicadas à contestação social e dedicando sua vida à carreira política. Tornou-se um dos principais nomes do movimento de Negritude⁷⁹ e do desenvolvimento de um sentimento de orgulho da população pela cor negra. Sua figura teria um forte impacto na vida e nas obras de Fanon por sua áspera relação intelectual com a metrópole e sua ideologia de valorização do homem colonizado.

Seja a recém-descoberta representação histórica de seus semelhantes ou a percepção do conflito de mentalidades existente entre colonizador e colonizado, nada poderia preparar o jovem Fanon para os eventos que se seguiriam com o estopim da Segunda Guerra Mundial e os reflexos diretos entre os eventos ocorridos na Europa e a vida cotidiana martiniquense.

Às vésperas do início da guerra no ano 1939, sob a tutela do Almirante George Robert, uma frota com dez mil homens⁸⁰ desembarcou em Fort-de-France com a missão de organizar e preparar as colônias para um possível palco militar no Atlântico⁸¹, porém o rápido avanço nazista em direção a Paris e a capitulação do exército francês no ano seguinte, levaram a França a aceitar a assinatura de um armistício com o governo alemão resultando na partilha de seu território em duas zonas: enquanto o Norte seria ocupado e administrado pelo regime nazista, o Sul permaneceria livre e autogerido através da chamada França de Vichy (nome da cidade escolhida para sediar o novo centro político francês). Sob o comando do Marechal Philippe Pétain, o regime de Vichy assumiu o cuidado das colônias antes concentrado em Paris e determinou a adoção de novas condutas e práticas que deveriam ser adotadas imediatamente por todos aqueles que estivessem sob suas ordens, dentre eles o Almirante George Robert, seus

⁷⁷ MACEY, David. **Frantz Fanon**: A Biography. Verso, 2012, p. 31

⁷⁸ ZEILIG, Leo. **Frantz Fanon**: A Political Biography, sec. Ed. Bloomsbury Publishing Plc, 2021, p. 21

⁷⁹ Idem, p. 22

⁸⁰ HUDIS, Peter. **Frantz Fanon**: Philosopher of the Barricades. Londres: Pluto Press, 2015, p. 15

⁸¹ MACEY, David. **Frantz Fanon**: A Biography. Verso, 2012, p. 77

subalternos e consequentemente, a Martinica⁸². Ao contrário do que se imaginava, Pétain passou a desenvolver laços com o governo alemão, revelando seu desinteresse em apresentar qualquer forma de resistência ou movimentos de agressão à ocupação nazista na região Norte, assim, Fanon e seus conterrâneos estavam agora sendo comandados por um governo indiretamente influenciado pelas forças alemãs, que ocupavam e dominavam parte da antiga República Francesa.

A confluência dessas diversas reviravoltas políticas fizeram com que a vida dos habitantes da ilha se transformasse por completo, pois se até então todas as expressões de desigualdade se manifestavam por meio da estrutura social e da presença dos *békés*, a nova realidade fazia do exército francês um novo ator dentro dessa dinâmica. Esse período conhecido como *Tan Robé*⁸³ logo mostrou a Fanon a real face do racismo e da dualidade entre os dois extremos tão presentes nas relações coloniais, mas que poucas vezes haviam sido experimentados de forma tão crua.

A presença de um contingente tão grande de soldados, somada ao cenário de exceção causado pelo estado de guerra, foram logo sentidos em âmbitos diários da vida da população, como por exemplo na alimentação⁸⁴, em que a rápida escassez de comida acarretou uma repentina inflação de preços, fazendo com que o acesso a alimentos e outros produtos provenientes de importação fosse cortado da população civil e direcionado praticamente em sua totalidade aos soldados estacionados, que passavam a ocupar os espaços da ilha de forma cada vez mais permanente⁸⁵. A exigência de transição para o modelo de autossuficiência foi brutal e a fome ampliava seu raio de alcance sobre os habitantes em uma velocidade implacável⁸⁶. O assédio às mulheres martiniquenses por parte dos recém-chegados desencadeava constantes brigas físicas entre soldados e jovens locais e a exploração dos serviços da população para a manutenção da presença da frota naval eram alguns fatores que iluminavam o abismo existente entre o pensamento de superioridade dos franceses em relação aos nativos.

Na França, insatisfeito com os rumos que a França de Vichy estava tomando, o general Charles de Gaulle viajou até a Inglaterra onde em um ato de sedição passou a não reconhecer o acordo de armistício assinado com o governo alemão e o poder de Pétain, convocando aqueles

⁸² ZEILIG, Leo. **Frantz Fanon: A Political Biography**, sec. Ed. Bloomsbury Publishing Plc, 2021, p. 23

⁸³ “Robé” foi nome dado ao almirante na língua crioula. *Tan Robé* significava “Tempo do Robert”. MACEY, David. **Frantz Fanon: A Biography**. Verso, 2012, p. 77

⁸⁴ CHERKI, Alice. **Frantz Fanon: A Portrait**. Nova York, Cornell University Press, 2006, p. 9

⁸⁵ ZEILIG, Leo. **Frantz Fanon: A Political Biography**, sec. Ed. Bloomsbury Publishing Plc, 2021, p. 23

⁸⁶ MACEY, David. **Frantz Fanon: A Biography**. Verso, 2012, p. 83

que desejassem a se juntar à causa da França Livre. No famoso discurso conhecido como *Appel du 18 juin 1940*⁸⁷, de Gaulle ressaltou a mensagem que a França não se resumia apenas ao território europeu, mas que todos aqueles que viviam em suas colônias também faziam parte desse movimento de resistência contra o nazismo e suas forças que dominavam o solo francês. O Almirante Robert George, aliado de Pétain, em resposta a tentativa de De Gaulle de angariar homens para lutar pela França Livre acirrou ainda mais seu controle sobre os habitantes da Martinica, censurando veículos de imprensa, decretando a pena de morte para aqueles que fossem pegos na tentativa de se juntar às tropas convocadas por de Gaulle⁸⁸ e proibindo que a programação emitida diretamente pela BBC fosse ouvida em toda a Martinica⁸⁹.

O apelo feito por de Gaulle, voltado para a exaltação da causa francesa colocou a prova todas as políticas de assimilação cultural exercidas desde os primeiros anos de colonização até aquele momento. A resposta positiva por parte das colônias mostrou que era natural para os colonizados acreditarem que era sua missão defender a pátria francesa e que apesar do histórico de séculos de predação colonial, o chamado ao voluntariado nas *Forces Françaises Libres* atingiu seu público-alvo e com Fanon a situação não foi diferente⁹⁰. Sentindo-se compelido juntamente com outros jovens da ilha por meio de redes clandestinas, missões passaram a ser organizadas para Dominica (ilha vizinha), onde aqueles que escolhiam *l'entrée em dissidence*⁹¹ pudessem receber treinamento para o embarque em direção a Europa.

Às vésperas de completar 18 anos, em 1943, Fanon embarcou para seu período de treinamento na ilha da Dominica, essa seria a primeira das quatro vezes que ele sairia de sua terra natal, todas tendo como destino principal, a França. Sua fuga coincidiu com o momento de enfraquecimento e queda do Almirante George Robert e a ascensão de lideranças gaullistas, tornando a cidade de Fort-de-France o local de concentração das tropas americanas.

Sua repatriação para a Martinica, ainda em 1943⁹² não diminuiu sua motivação de engajar no conflito europeu, embora encontrasse uma forte oposição, especialmente presente na figura de seus professores do *Lycée Schoelcher*, ao qual havia retornado a frequentar a fim de terminar seus estudos. Sob a figura de Césaire, a denúncia da influência europeia na

⁸⁷ Idem, p. 77

⁸⁸ ZEILIG, Leo. **Frantz Fanon: A Political Biography**, sec. Ed. Bloomsbury Publishing Plc, 2021, p. 23

⁸⁹ MACEY, David. **Frantz Fanon: A Biography**. Verso, 2012, p. 85

⁹⁰ MEMMI, Albert. **The Impossible Life of Frantz Fanon**. The Massachusetts Review, Vol. 14, nº 1, 1973 p. 11

⁹¹ CHERKI, Alice. **Frantz Fanon: A Portrait**. Nova York, Cornell University Press, 2006, p. 10

⁹² MACEY, David. **Frantz Fanon: A Biography**. Verso, 2012, p. 87

mentalidade dos homens negros, em sua revista *Tropiques* que voltava a vida após ser banida durante todo o período *Tan Robé*, insistia que a população negra nada tinha a ganhar lutando “uma guerra de brancos”⁹³.

Dos mil voluntários que embarcaram no dia 12 de Março de 1944 em direção a guerra, coincidentemente ou não, nenhum deles era um *béke*⁹⁴. Se sua primeira saída da ilha não havia rendido a Fanon muitas emoções, na segunda vez a história seria diferente, pois agora ele e seus conterrâneos iriam compor o chamado Batalhão 5⁹⁵, nome dado as tropas mobilizadas das colônias francesas americanas: Martinica, Guadalupe e Guiana.

Após 18 dias de viagem cruzando o Atlântico, o desembarque no Marrocos daria a Fanon os primeiros sinais de que a realidade além dos horizontes de sua ilha natal não seria tão receptiva quanto ele imaginava. Toda a precariedade da infraestrutura que abrangiam desde problemas de hospedagem até a alimentação, escancarava cada vez mais a segregação e a divisão baseada no aspecto étnico racial⁹⁶. A hierarquia dentro da tropa se resumia basicamente ao europeu no topo e o africano abaixo, havendo a partir daí, as subdivisões étnicas que iriam determinando a qual camada inferior cada grupo de voluntários pertenceria. Aqueles que vinham da região do Caribe eram chamados de “europeus”, mas nenhum dele chegava efetivamente ao cargo de comando. Abaixo dos americanos vinham as tropas africanas, especialmente os conhecidos *Tirailleurs Sénégalais* já incorporados há muito tempo ao exército francês, e por último na base da pirâmide hierárquica, os árabes, especialmente aqueles que manifestavam a religião muçulmana.⁹⁷

O desapontamento passou a consumir Fanon lentamente, diante da explícita hipocrisia de um exército reunido para lutar contra governos nazifascistas e defender a terra da “liberdade, igualdade, fraternidade”, mas que na realidade não passava de um desigual idealismo baseado na cor da pele e em aspectos religiosos. O Batalhão 5 ainda passaria pela Argélia até o desembarque em Saint-Tropez, dando início aos trabalhos militares efetivos que durariam até a libertação do território francês mais de um ano depois.

Até seu retorno para Martinica em outubro de 1945, Frantz Fanon já havia chegado a mesma conclusão daqueles que haviam vivido anteriormente a ele um período na terra do

⁹³ HUDIS, Peter. **Frantz Fanon: Philosopher of the Barricades**. Londres: Pluto Press, 2015, p. 18

⁹⁴ MACEY, David. **Frantz Fanon: A Biography**. Verso, 2012, p. 90

⁹⁵ CHERKI, Alice. **Frantz Fanon: A Portrait**. Nova York, Cornell University Press, 2006, p. 10

⁹⁶ MACEY, David. **Frantz Fanon: A Biography**. Verso, 2012, p. 91

⁹⁷ HUDIS, Peter. **Frantz Fanon: Philosopher of the Barricades**. Londres: Pluto Press, 2015, p. 18 - 19

colonizador. Percebendo que aquela não era a causa nobre que ele imaginava, cedeu a realidade já profetizada por pensadores como Aimé Césaire e descobriu que além de não ser francês, aos olhos do povo europeu, ele ainda era negro.⁹⁸ Em correspondência para sua família ele admitiu: eu estava enganado.⁹⁹

O retorno dos voluntários a vida cotidiana da ilha, após o fim do conflito, foi marcado por uma fria indiferença¹⁰⁰, por parte da população e das autoridades. Fanon viu-se diante de uma realidade no mínimo curiosa, pois apesar de já ser um jovem condecorado de guerra, seus estudos ainda estavam inacabados¹⁰¹, o que não lhe garantia muitos privilégios. Assistindo e participando das aulas do professor Césaire, sua nova mentalidade desenvolvida durante o conflito o levou a despertar interesses por tópicos como política, literatura¹⁰² e o desejo da conquista do título *baccalauréat* que lhe abriria as portas necessárias para a universidade.

A ausência de instituições de ensino superior na ilha o levou a almejar estudar nas universidades francesas, desejo possível de se realizar graças às bolsas de estudo garantidas aos veteranos de guerra¹⁰³. Optando pelo curso de odontologia, mais uma vez Fanon se dirigia para a metrópole, só que dessa vez não para empunhar uma arma ou lutar por uma liberdade que ele já não reconhecia, mas para buscar uma visão de mundo além daquela que ele enxergava dentro dos limites de sua terra natal.

Seu desembarque em Le Havre em 1946¹⁰⁴ trouxe dois elementos aos quais ele logo se acostumaria: primeiro, a novidade de um universo alimentado pelo imaginário dos habitantes das colônias que idealizavam um padrão social do cotidiano na metrópole¹⁰⁵. E segundo, a importância de se entender e admitir a realidade do racismo diário.¹⁰⁶ Tão logo sua matrícula e estadia em Paris foram organizadas, as humilhações reservadas aos negros começaram a se tornar uma realidade. O choque entre realmente acreditar que aquele mundo inteiro lhe pertencia, porém ser visto e tratado como um estrangeiro deturpador da ordem social e dos bons

⁹⁸ HUDIS, Peter. **Frantz Fanon: Philosopher of the Barricades**. Londres: Pluto Press, 2015, p. 28

⁹⁹ CHERKI, Alice. **Frantz Fanon: A Portrait**. Nova York, Cornell University Press, 2006, p. 12

¹⁰⁰ Idem, p. 14

¹⁰¹ MACEY, David. **Frantz Fanon: A Biography**. Verso, 2012, p. 106

¹⁰² HUDIS, Peter. **Frantz Fanon: Philosopher of the Barricades**. Londres: Pluto Press, 2015, p. 18 - 19

¹⁰³ Idem, p. 20

¹⁰⁴ ZEILIG, Leo. **Frantz Fanon: A Political Biography**, sec. Ed. Bloomsbury Publishing Plc, 2021, p. 29

¹⁰⁵ MACEY, David. **Frantz Fanon: A Biography**. Verso, 2012, p. 112

¹⁰⁶ MEMMI, Albert. **The Impossible Life of Frantz Fanon**. The Massachusetts Review, Vol. 14, nº 1, 1973 p. 12

costumes franceses,¹⁰⁷ seria o estopim de toda a sua obra intelectual e acadêmica que estaria por começar.

O cenário encontrado em seu desembarque na França destoava levemente daquela fantasia idealizada, pois o país ainda não havia se reconstruído por completo dos efeitos colaterais da guerra finalizada apenas um ano antes, problemas de infraestrutura, meios de transporte e distribuição de alimentos¹⁰⁸, traziam um sentimento de profunda instabilidade provocado pelas greves e pelo frio invernal, fazendo um radical contraponto ao clima vivido na Martinica. Matriculado no curso de odontologia, suas primeiras impressões sobre o curso e os demais alunos não foram positivas. Sendo a cidade de Paris um polo da comunidade antilhana, a qual ele desejava se afastar¹⁰⁹, Fanon não tardou a decidir seguir para Lyon no ano seguinte para estudar medicina.

Alguns biógrafos de Fanon adicionam uma passagem que torna esse momento ainda mais disruptivo em sua biografia: ao se deparar com a coesa comunidade provinda da região caribenha, ele teria dito a um amigo que “havia muitos negros em Paris”¹¹⁰ e que ele gostaria de poder estar envolvido em um meio que lhe permitisse quebrar os vínculos com a língua e os costumes crioulos que ainda permaneciam arraigados entre os martiniquenses que não abandonavam o conforto¹¹¹ das raízes trazidas da ilha, em prol de uma renovação promovida pela experiência francesa.

Sendo essa fala verdadeiramente polêmica ou não, fato é que esse conflito identitário não era inédito na vida do jovem estudante, já tendo experimentado os dissabores do desnorтеio colonial em experiências passadas, seja ao visitar a estátua de Victor Schoelcher pouco mais de dez anos antes ou na convivência com a hierarquia militar durante as missões de libertação francesa, toda sua história passada, seja na Martinica, Norte da África ou na França, traziam para Fanon uma disputa interna entre a desilusão já profetizada por Césaire e o desejo de expandir seus conhecimentos além dos limites do mundo intelectual e cultural aos quais ele pertencia.¹¹²

¹⁰⁷ MACEY, David. **Frantz Fanon: A Biography**. Verso, 2012, p. 112 - 113

¹⁰⁸ MACEY, David. **Frantz Fanon: A Biography**. Verso, 2012, p. 115

¹⁰⁹ HUDIS, Peter. **Frantz Fanon: Philosopher of the Barricades**. Londres: Pluto Press, 2015, p. 20

¹¹⁰ CHERKI, Alice. **Frantz Fanon: A Portrait**. Nova York, Cornell University Press, 2006, p. 15

¹¹¹ MACEY, David. **Frantz Fanon: A Biography**. Verso, 2012, p. 116

¹¹² CHERKI, Alice. **Frantz Fanon: A Portrait**. Nova York, Cornell University Press, 2006, p. 15

De qualquer forma, Lyon permitiu a Fanon se dedicar arduamente aos estudos de medicina e de filosofia, ampliando sua área de entendimento a um leque abrangente de pensadores como Lévi-Strauss, Heidegger e Marx. Gradativamente passou a desenvolver um interesse para além da medicina tradicional, desejando adentrar a área da psiquiatria, uma especialidade considerada sem prestígio e com pouca abrangência academia na época¹¹³, tendo maior espaço em algumas poucas universidades europeias e em Argel, capital da Argélia.

Em 1951, no quarto ano de sua graduação em medicina, ele decide não realizar o período de residência e voltar seus esforços para se tornar um psiquiatra. O ponto focal de seu interesse de trabalho girava em torno da relação entre o meio social e os componentes psicológicos do racismo¹¹⁴, elemento muito presente em seu cotidiano desde os tempos de infância na Martinica. O tempo fez seu interesse sobre medicina diluir-se entre suas leituras filosóficas, influenciado pelo pensamento fenomenológico e existencialista presente em Sartre, deixou-se levar a desejar entender e relacionar a gênese do racismo com as experiências individuais das vítimas. Fanon buscava responder perguntas como: quais efeitos psicológicos podem ser causados pela discriminação racial na vítima e no executor? E, como reverter o efeito alienante daqueles que desenvolvem complexos associados a experiência da discriminação racial?¹¹⁵

Vivendo em uma época em que o tratamento de praxe para problemas como a ansiedade e a depressão eram a eletroconvulsoterapia¹¹⁶, quaisquer outras propostas que tinham como base uma análise um pouco mais apurada e condensada à perspectiva social de cada paciente, como a psicologia social ou a psicanálise, se tornavam muitas vezes inviáveis de serem treinadas ou praticadas¹¹⁷. Dentro desse contexto e das pequenas experiências que Fanon conseguia exercer, ele também começou a trabalhar arduamente em seu primeiro trabalho, “Peles Negras, Máscaras Brancas”, já pensando na defesa de seu projeto de conclusão que viria a ser realizado em Novembro de 1951.¹¹⁸ Apesar de sua ideia ter sido mal recebida e sendo obrigado a acabar improvisando uma tese mais tradicional para conseguir concluir sua graduação¹¹⁹, Fanon aparentava ter encontrado um norte para conciliar suas pesquisas aos interesses desenvolvidos por suas experiências ao longo da vida.

¹¹³ MACEY, David. **Frantz Fanon: A Biography**. Verso, 2012, p. 132

¹¹⁴ HUDIS, Peter. **Frantz Fanon: Philosopher of the Barricades**. Londres: Pluto Press, 2015, p. 23

¹¹⁵ Idem

¹¹⁶ ZEILIG, Leo. **Frantz Fanon: A Political Biography**, sec. Ed. Bloomsbury Publishing Plc, 2021, p. 42

¹¹⁷ MACEY, David. **Frantz Fanon: A Biography**. Verso, 2012, p. 133

¹¹⁸ Idem, p. 137

¹¹⁹ Idem, p. 136

No início do ano seguinte, acompanhado de seu irmão que também vivia na França, Frantz Fanon retornou a Fort-de-France para pequenas férias com o objetivo de reencontrar sua família, que vinha se recuperando da morte do pai, Félix Casimir Fanon alguns anos antes¹²⁰. Extremamente insatisfeito com as poucas mudanças ocorridas desde sua saída em 1945, sentindo-se deslocado e convencido que a melhor coisa a se fazer seria retornar aos estudos em Lyon, em março decidiu tomar o caminho de volta para a Europa. Essa seria sua última passagem pela ilha.

Sua rede de contatos acabou levando-o a conhecer o psiquiatra espanhol François Tosquelles, responsável pela administração do hospital psiquiátrico de Saint-Alban, antigo prédio religioso e que foi usado durante algum tempo como foco da resistência francesa durante a guerra.¹²¹ A época de sua entrada para a equipe médica da instituição, Saint-Alban já possuía alguma relevância¹²² na Europa por suas pesquisas consideradas inovadoras¹²³, servindo como um laboratório para o aprimoramento de técnicas tradicionais e para o desenvolvimento de um novo modelo de abordagem clínica que viria a ser conhecida como Psicoterapia Institucional¹²⁴, Fanon se aproximou da nova prática que consistia na tentativa de humanizar a instituição psiquiátrica, instituindo uma vida comunal entre os pacientes e substituindo o sistema de isolamento por um modelo que os permitissem aos internos se relacionar uns com os outros. Esse replanejamento institucional tinha como base a visão de que os pacientes eram vítimas de um processo de alienação que gerava um descolamento de sua persona em relação ao seu próprio meio, ao contrário da crença corrente na época de que os distúrbios eram resultados de doenças inatas a própria à existência dos pacientes.¹²⁵

Sua experiência em Saint-Alban acompanhando Tosquelles duraria apenas 15 meses, mas pela primeira vez ele sentia que estava envolvido efetivamente em uma abordagem clínica na qual os próprios pacientes possuíam um papel ativo no processo de recuperação, além de desenvolver um ouvido clínico para conseguir compreender e interpretar as dores e sintomas relatados pelos pacientes¹²⁶, habilidade que lhe seria extremamente útil ao embarcar em direção a Argélia.

¹²⁰ Idem, p. 120

¹²¹ Idem, p. 146

¹²² ZEILIG, Leo. **Frantz Fanon: A Political Biography**, sec. Ed. Bloomsbury Publishing Plc, 2021, p. 43

¹²³ CHERKI, Alice. **Frantz Fanon: A Portrait**. Nova York, Cornell University Press, 2006, p. 21

¹²⁴ MACEY, David. **Frantz Fanon: A Biography**. Verso, 2012, p. 148

¹²⁵ HUDIS, Peter. **Frantz Fanon: Philosopher of the Barricades**. Londres: Pluto Press, 2015, p. 25

¹²⁶ MACEY, David. **Frantz Fanon: A Biography**. Verso, 2012, p. 149

Os caminhos de Fanon com os norte africanos se cruzaram de maneira curiosa em um evento ainda anterior ao seu período de treinamento em Saint-Alban¹²⁷. Certa manhã ele foi chamado para o atendimento de um argelino que se contorcia demonstrando uma dor excruciante em seu corpo, mas que não apresentava nenhum diagnóstico significativo após exames preliminares, sem nem mesmo conseguir descrever o local exato da aparente dor. Após ser encaminhado para exames clínicos que pudessem ajudar no rastreio da origem do problema, alguns dias depois o mesmo homem que se contorcia descontroladamente, já se apresentava completamente curado e sorridente, como se aquela situação simplesmente não tivesse acontecido. Essa não seria a última vez que essa situação apareceria diante de Fanon e coincidentemente ou não, todos os pacientes que relatavam os mesmos problemas eram de origem argelina ou das colônias francesas do Norte da África.

Conforme seus estudos se desenvolviam e seu interesse por novas abordagens metodológicas no atendimento clínico, Fanon desenvolveria a teoria chamada Síndrome do Norte da África¹²⁸. A partir de suas observações, essa síndrome se desenvolvia particularmente entre imigrantes africanos que ao se transportar para a vida na metrópole, se deparavam com uma recepção nada calorosa por parte dos franceses, desenvolvendo dessa forma um transtorno psicológico responsável por desorganizar seu funcionamento biológico, produzindo sintomas que apesar de indescritíveis, afetavam o paciente de maneira real.

Sua experiência militar durante a resistência francesa na segunda guerra mundial o fazia muito consciente do papel e do tratamento relegados aos árabes e muçulmanos por parte dos franceses dentro da hierarquia militar, fato que se estendia para além dos uniformes, sociedade civil adentro. A ausência da afetividade familiar deixada para trás durante o processo migratório, a nula representatividade social e o ausente sentimento de pertencimento a um determinado grupo ou cultura com relações sociais capazes de preencher sua humanidade, eram a receita perfeita para fazer desse indivíduo, um homem doente. Seus conhecimentos clínicos e filosóficos foram condensados no artigo “Síndrome do Norte da África”, lançado em 1952, reunindo elementos de suas experiências pessoais, acadêmicas e profissionais, mostrando que o período em Saint-Alban iria gerar frutos promissores por meio da abordagem psiquiátrica sobre os aspectos sociais.

¹²⁷ Idem, p. 140

¹²⁸ Idem, p. 141

A Borbulhante Argélia & O Revolucionário Fanon

O ano de 1954, conhecido como o “ano zero” da revolução argelina não foi resultado de um evento isolado, mas sim um acúmulo de uma série de elementos que já pareciam anunciar que essa movimentação estaria para acontecer. Além dos já citados inúmeros fatores referentes a mais de um século de dominação colonial, o século XX trouxe consigo, em especial após o fim das duas guerras mundiais, transformações¹²⁹ que pavimentariam o caminho dos insurgentes na direção de um choque inevitável com as autoridades francesas e seu sistema, aparentemente inabalável.

Um dos principais motores que contribuíram para unificar e mobilizar os movimentos de resistências, não apenas argelino, mas que se espalhariam por todo o mundo árabe, seja no Norte da África, Oriente Médio ou Península Arábica, foi o desenvolvimento do sentimento de pertencimento em torno do nacionalismo árabe. Embora se torne difícil a identificação de seu nascimento, o período pós-primeira guerra mundial¹³⁰ testemunhou a difusão desse ideal inicialmente entre os territórios sob domínio inglês e francês na região do Oriente Médio, por meio da elaboração de uma doutrina que defendia a emancipação regional da situação colonial e a criação de um estado-nação plenamente árabe.

Colocando em evidência os diferentes ataques sofridos pela religião e pela cultura islâmica ao longo do século XIX pelas potências europeias e suas diferentes frentes de conquista, a transição de um século para o outro foi vista como um período de crise, que necessitava de um movimento de reencontro com suas origens para poder se levantar e se defender contra a subjugação militar, cultural e religiosa que assaltavam os preceitos considerados inferiores. Essa ideia de preservação diante dos assédios cometidos pelo dominador já corria entre os acadêmicos pelos escritos e conhecimentos difundidos pelo pensador Jamal al-Din al-Asadabadi, conhecido como al-Afghani¹³¹. Responsável por renovar as relações entre o islamismo e os diferentes aspectos que envolvem a vida social dos indivíduos, como política e diplomacia, al-Afghani tirou a religião do âmbito estritamente espiritual, transformando-a em uma ideologia, assim, a partir do fim dos 1800 e início dos 1900,

¹²⁹ BYRNE, Jeffrey James. **Mecca of Revolution**: Algeria, Decolonization, and the Third World Order. New York: Oxford University Press, 2016, p. 18

¹³⁰ HAIM, Sylvia G. **Arab Nationalism**: An Anthology. Berkeley & Los Angeles, University of California Press, 1962, p. 3

¹³¹ Idem, p. 6

o Islã transbordou os muros das mesquitas, alcançando os espaços civis e políticos que envolviam as comunidades.

O amadurecimento desse projeto de renovação dedicado à transformação daria origem aos conceitos de pan-islamismo e pan-arabismo, ganhando considerável espaço no Egito após o acordo anglo-egípcio assinado no ano de 1936¹³². Considerado os primeiros passos de um movimento de independência pela liberdade e autonomia integral em relação às forças europeias, que apesar de ainda manterem forte influência sobre essas regiões, viam-se cada vez mais fragilizadas por seus problemas domésticos, pela ineficácia de suas imposições culturais e pelo florescimento de grupos e partidos organizados que se dedicavam a extinção absoluta do regime neocolonialista em nome da ascensão de um sentimento nacional que fora brutalmente negado a essas populações durante tanto tempo.

No artigo “*What Is Arab Nationalism?*”¹³³ lançado no ano de 1941, o estudioso libanês Abdullah al-Alayili aponta que diferentemente dos nacionalismos que acabam se restringindo aos limites impostos pelas fronteiras territoriais, o nacionalismo árabe ultrapassa o conceito de nacionalidade, exaltando os laços e conexões que unem emocionalmente os árabes por meio de seis fatores que transversalmente alcançam essas populações em diferentes instâncias e intensidades, sendo eles: a língua árabe; os interesses em comum; as condições geográficas do meio ambiente; a ancestralidade; a história e os costumes.

Dessa forma, o mundo árabe como um todo transpirava o desejo de independência baseado por uma teoria revolucionária que conseguia influenciar as regiões e comunidades mais distantes, que a partir de mecanismo intelectuais e religiosos, abrangiam seus laços com as comunidades por meio de métodos e caminhos que os europeus jamais haviam conseguido alcançar. Enquanto as forças militares colonizadoras se impunham por meio da violência para alcançar os corpos colonizados, as novas ideologias preenchiam os corações e mentes dos dominados para resistirem e se levantarem diante de seus dominadores.

Em sua obra “*Muslim Politics*”, os autores Eickelman e Piscatori trazem um panorama geral de como podemos perceber e entender a manifestação de uma prática política que está envolvida com o ideal muçulmano:

“Muslim politics involves the competition and contest over the interpretation of symbols and control of the institutions, formal and informal, that produce and sustain them. The interpretation of symbols is played out against the background of an

¹³² Idem, p. 49

¹³³ Idem, p. 120-127

*underlying framework that, while subject to contextualized nuances, is common to Muslims throughout the world.”*¹³⁴

Diferentemente dos padrões europeus e ocidentais que vinham tentando ser impostos por parte das metrópoles, seja pela institucionalização de teorias absolutistas, assimilação de práticas neocoloniais ou a imposição de doutrinas liberais sobre o mundo muçulmano, esse nascente modelo de nacionalismo árabe deveria necessariamente estar baseado e enraizado em valores, símbolos e tradições corânicas, sendo assim, noções de justiça social e senso de sociedade devem estar inspirados nos *hadiths*¹³⁵ sagrados, ou seja, algo de conhecimento comum a todos que se enxergavam como árabes muçulmanos.

A ascensão ideológica do pan-arabismo e pan-islamismo espalhavam-se pela região especialmente por meio da popularização dos meios de comunicação, em especial o rádio¹³⁶, em transmissões que alimentavam os jornais locais com notícias provenientes dos grandes polos políticos e intelectuais e se conectavam por uma rede que ia desde Zanzibar, passando por Tunes, até Argel¹³⁷.

Tais redes de informações tornavam-se ainda mais vitais para que os imigrantes que cruzavam o Mediterrâneo, da Argélia em direção a metrópole em busca de melhores condições de vida e trabalho, pudessem descobrir o que estava acontecendo em sua terra natal, já que a fatia de trabalhadores que se mudavam para a França passou a aumentar vertiginosamente do período da primeira guerra mundial até as vésperas do início da revolução em 1954, chegando a expressivos 2 milhões de argelinos em solo francês¹³⁸.

Os ânimos inflamados que resultariam no 1 de Novembro de 1954 vinham sendo abastecidos por uma série de fatores que congregados se apresentavam como a tempestade perfeita para o início de uma revolução. Além dos elementos ideológicos e tecnológicos, há ainda a acumulação de experiências de combate direto entre argelinos e franceses em outros momentos, que deixaram além do alto número de mortos, profundas cicatrizes sociais e

¹³⁴ “A política muçulmana envolve a competição e a disputa pela interpretação dos símbolos e pelo controle das instituições, formais e informais, que os produzem e sustentam. A interpretação dos símbolos é realizada no contexto de uma estrutura subjacente que, embora sujeita a nuances contextualizadas, é comum aos muçulmanos em todo o mundo.” (tradução do autor) EICKELMAN, Dale F., PISCATORI, James. **Muslim Politics**. Princeton University Press, 1996, p. 5

¹³⁵ Idem, p. 21

¹³⁶ BYRNE, Jeffrey James. **Mecca of Revolution**: Algeria, Decolonization, and the Third World Order. New York: Oxford University Press, 2016, p. 18

¹³⁷ Idem, p. 25

¹³⁸ Idem, p. 23

políticas. Como por exemplo, em uma rebelião ocorrida na região da Cabília em 1871¹³⁹ em que, insatisfeitos com as condições impostas pelos novos ocupantes da terra, a população realizou um levante entre os anos de 1830 e 1870 e que resultou no assombroso número de um milhão de argelinos mortos como resultado direto do processo neocolonial, seja pela guerra, pela fome ou pelas doenças.

Mas talvez o evento mais significativo pré-1954 tenha sido o massacre realizado na cidade de Setif em 1945. Estafados por estarem mergulhados no conflito da segunda Guerra Mundial por causa das potências europeias, com as relações coloniais se tornando cada vez mais brutalizadas e obrigados a trabalharem cada vez mais, seja nas fábricas ou nos campos de batalha, os argelinos se enxergavam com cada vez menos perspectivas de possíveis reformas ou políticas de afrouxamento em relação a exploração dos recursos de suas terras, fossem eles minerais ou humanos. Dessa forma, quando o dia 8 de maio de 1945 trouxe o chamado *V-E Day*¹⁴⁰, ao contrário das comemorações que passavam a acontecer nas principais cidades europeias e americanas, a cidade de Setif começou a ser ocupada por protestantes nacionalistas que pela primeira vez hasteavam bandeiras com as cores verde e branca¹⁴¹, em homenagem ao herói da resistência do século XIX, Abd el-Kader, e que futuramente se tornariam as cores das Argélia independente.

Tais manifestações acabaram se transformando em um conflito generalizado entre manifestantes e autoridades, que após cinco dias de confrontos em um cenário de insustentável violência e perseguição a qualquer europeu que fosse encontrado nas ruas, resultaram no total de 103 europeus mortos e algumas centenas de feridos, além das descrições de estupros e espancamentos. A resposta por parte das autoridades francesas para o processo de pacificação da revolta, por meio de ações chamadas de *ratissages*, atingiram a população argelina como um mar em ressaca. Perseguições, pelotões de fuzilamento e bombardeios indiscriminados, geraram um incerto número de baixas civis, variando entre 500 e 600 (pelas fontes oficiais do exército), até mais de 10.000 (de acordo com fontes árabes muçulmanas)¹⁴². Por mais que controlada à base da força, a manifestação instaurou um clima de terror que não se encerraria tão cedo entre argelinos e europeus, as tensas relações coloniais, mostravam os primeiros sinais de ruptura.

¹³⁹ Idem, p. 19

¹⁴⁰ “*Victory in Europe Day*”, em português: Dia de Vitória dos Aliados na Europa.

¹⁴¹ HORNE, Alistair. **A Savage War of Peace**. New York: NYRB Classics, 2006, p. 25

¹⁴² Idem, p. 26 - 27

O massacre em Setif se tornou um exemplo da força indomável que poderia ser utilizada para controlar toda e qualquer forma de manifestação, passando o recado que mesmo estando em pleno século XX e mesmo que ainda em estado fragilizado por ter recém saído de um conflito mundial, as autoridades francesas ainda estavam dispostas a manter uma relação com suas colônias dentro dos mesmos parâmetros utilizados durante todo o século XIX.

Após alcançar seu título de médico psiquiatra em 1953, Fanon passou a buscar estabelecer-se profissionalmente, candidatando-se para uma vaga no hospital argelino de Blida-Joinville, localizado próximo a capital Argel. Apesar de ter tido uma breve passagem pela Argélia durante sua jornada em direção ao front francês durante a Segunda Guerra Mundial, Fanon desconhecia o clima de tensão que vinha se acumulando desde os conflitos ocorridos na cidade de Setif em 1945¹⁴³ entre colonizados e colonizadores que instigava o desejo de independência e liberdade em uns e despertava a desconfiança e o medo de novas revoltas em outros.

Ao assumir seu cargo e se mudar com sua família para o Norte da África, ficou claro para ele que dentro daquela dinâmica o racismo era visto como algo natural¹⁴⁴ e que ele se manifestava das mais diversas formas do dia a dia, marcado especialmente pelos diferentes monopólios exercidos pela minoria europeia, que embora representasse apenas 10% da população¹⁴⁵, concentrava os privilégios políticos e econômicos em suas mãos.

A realidade encontrada não era diferente da vivida por Fanon em sua terra natal e muito menos desconhecida pelo contato prévio com os imigrantes que ele atendia na França, onde pôde se dedicar ao estudo do impacto dessas diferentes manifestações de violência na vida dos norte africanos imigrantes. Tendo identificado as causas que levavam ao sofrimento daqueles que imigravam para a França, a diferença agora é que ele iria se debruçar *in loco* sobre seu objeto de trabalho.

A linha de pensamento que vigorava no hospital de Blida pertencia a chamada “Escola de Algiers”¹⁴⁶, idealizada pelo professor Antoine Porot que reproduzia dentro do hospital psiquiátrico, as mesmas práticas segregacionistas de assimilação e aculturação existentes no mundo exterior. Com o uso de sedativos e camisa de força, o hospital se tornava apenas uma

¹⁴³ HORNE, Alistair. **A Savage War of Peace**. New York: NYRB Classics, 2006, p. 23

¹⁴⁴ CHERKI, Alice. **Frantz Fanon: A Portrait**. Nova York, Cornell University Press, 2006, p. 44

¹⁴⁵ HUDIS, Peter. **Frantz Fanon: Philosopher of the Barricades**. Londres: Pluto Press, 2015, p. 56

¹⁴⁶ HADDOUR, Azzedine. **Frantz Fanon, Postcolonialism and the Ethics of Difference**. Manchester: Manchester University Press, 2019, p. 134

extensão dos espaços de exclusão e divisão social presentes na sociedade colonial além dos muros hospitalares, uma realidade bem distante daquela experimentada e praticada por Fanon e Tosquelles no hospital de Saint-Alban.

Sendo responsável por um número determinado de pacientes, parte composto por europeus e parte por árabes muçulmanos, Fanon, apesar das resistências por parte dos demais funcionários do hospital, impôs mudanças para adequar o atendimento clínico aos princípios da terapia comunal que permitiria aos pacientes uma ampla convivência entre si, dentro dos espaços do hospital e com responsabilidades que desenvolveriam suas relações e conexões humanas.

Porém, atentados do dia 1º de novembro de 1954 e o chamado público realizado pela Frente de Libertação Nacional (FLN)¹⁴⁷ acabaram por despertar o radicalismo revolucionário por toda a Argélia provocando uma escalada da violência alimentada pela desigual estrutura social, tornando a já frágil convivência entre argelinos e franceses ainda mais delicada. Consequente, o hospital de Blida passou a receber uma enorme quantidade de novos pacientes, europeus e membros do exército francês que não suportavam carregar o peso de terem realizado atrocidades contra a população, e argelinos combatentes, vítimas de torturas ou cidadãos abalados que presenciavam atos de extrema violência.

Diante da aparente insustentabilidade da manutenção de seu projeto no hospital e uma aproximação cada vez maior com a FLN, em dezembro de 1956, Fanon toma a decisão de pedir demissão de seu cargo em Blida Joinville, diante do aumento da violência e da constante vigilância sobre seu trabalho no hospital por parte das autoridades francesas, especialmente nos projetos dedicados a integração social dos argelinos com a comunidade.

Em sua carta de exoneração enviada¹⁴⁸ para o ministro responsável pela administração do sistema de saúde, Fanon fez uma síntese de toda a sua crítica construída ao longo de sua vivência em hospitais, acusando a França de ter desenvolvido “um sistema cujas bases doutrinárias se opunham cotidianamente a uma perspectiva humana autêntica”.¹⁴⁹ Ressaltando a relação da loucura como causa direta da alienação do homem à sua própria liberdade, esse efeito seria resultado da estrutura social construída propositalmente para se opor a qualquer tentativa de permitir ao homem conseguir localizar seu lugar dentro da sociedade. Assim, se

¹⁴⁷ HORNE, Alistair. **A Savage War of Peace**. New York: NYRB Classics, 2006, p. 94 – 95

¹⁴⁸ FANON, Frantz. **Alienação e Liberdade – Escritos Psiquiátricos**. São Paulo: UBU Editora, 2021, p. 292 – 294.

¹⁴⁹ Idem, p. 292.

tornava cada vez mais claro que a exacerbação e a banalização da violência, quando não constituíam um escândalo aos olhos dos perpetradores, transpareciam fazer parte de um projeto que tentava descerebralizar um povo.¹⁵⁰

“Se a psiquiatria é a técnica médica que visa permitir ao homem não ser mais um estrangeiro em seu meio, devo afirmar que o árabe, alienado permanentemente no próprios país, vive num estado de despersonalização absoluta. O status da Argélia? Uma desumanização sistemática.”¹⁵¹

¹⁵⁰ Idem, p. 293.

¹⁵¹ Idem, p. 293

Cap. 2 – Fanon Argelino

Fanon e suas Obras

Iniciar uma abordagem sobre Fanon e suas obras implica necessariamente impor limites e parâmetros para conseguir acompanhar seu desenvolvimento literário, sem perder sua constante transformação como ser humano que, inserido dentro de um contexto, passava pela transição de um intelectual acadêmico, para um revolucionário humanista. Apesar de ter produzido todas as suas obras dentro de uma janela dos últimos dez anos de sua vida, torna-se perceptível a forma com que ele relaciona os diversos aspectos que o cercam.

Fatiar e rotular suas obras talvez seja uma missão sinuosa, já que sua característica transdisciplinar¹ emaranha suas ideias e impressões dentro de diversos escopos de trabalho, podendo ser utilizado tanto como um vestígio histórico do período ao qual estava inserido, passando por escritos médicos relacionados à área da psiquiatria, ciência política e transbordando até mesmo para estudos relacionados a raça e gênero.

Seus laços com a filosofia representariam um marco que acompanharia Fanon durante toda sua produção, em especial pela adoção e adaptação de conceitos como a dialética hegeliana², a alienação³ e a luta de classes⁴ de Marx, a fenomenologia⁵ de Husserl e Maurice Merleau-Ponty e inevitavelmente, o florescimento e desenvolvimento dos ideais de negritude⁶, impactado em especial pela figura de seu professor Aimé Césaire.

Enxergar o autor em suas obras, traz à tona seus diferentes encontros diante de situações-chaves em sua vida. A autorrealização, quando defronte às experiências que colocam suas diferentes certezas sobre seu lugar no mundo em rota de colisão às contraditórias realidades que se apresentaram em seu contexto histórico-social, fazem com que suas palavras absorvam os constantes embates dualísticos entre suas concepções e decepções. Como por exemplo, sua visita ainda jovem a estátua de Victor Schoelcher, que despertou dentro de si os primeiros

¹ RABAKA, Reiland. **Forms of Fanonism**: Frantz Fanon's Critical Theory and the Dialectics of Decolonization. Plymouth: Lexington Books, 2011, p. 11

² HUDIS, Peter. **Frantz Fanon**: Philosopher of the Barricades. Londres: Pluto Press, 2015, p. 8

³ Idem, p. 10

⁴ CAUTE, David. **Frantz Fanon**. New York: The Viking Press, 1970, p. 32

⁵ HUDIS, Peter. **Frantz Fanon**: Philosopher of the Barricades. Londres: Pluto Press, 2015, p. 7

⁶ Idem, p. 10

incômodos coloniais diante da contradição entre a exploração e a homenagem à figura do colonizador sendo transformada no ícone libertador. Ou suas constantes frustrações durante seu período como médico em território argelino, ao confrontar seus ensinamentos clínicos franceses que, a princípio se baseavam no respeito incondicional ao ser humano, com a realidade das torturas infligidas pelas forças coloniais francesas sobre os revolucionários argelinos, diante da afirmação: “*sem humanidade para árabes*”⁷.

Seja durante seu crescimento na Martinica, seus primeiros contatos com as demais realidades coloniais durante a guerra, seus primeiros passos defendendo o uniforme francês, sua vida acadêmica em Lyon, seu período como médico psiquiatra em Blida ou seu exílio revolucionário na Tunísia, seus pontos nevrálgicos sempre envolveram a relação de superioridade entre o europeu e o africano⁸. Tendo tal questão como ponto de partida, diversos entroncamentos teóricos passaram a ganhar forma a partir daí: racismo, sexismo, autodeterminação, consciência nacional, psicologia colonizadora, violência e todas as problemáticas que envolviam os rumos seguintes à libertação e o desenvolvimento de um mundo pós colonial.

A melhor resposta à absoluta despersonalização causada pela alienação colonial seria na verdade um giro por completo sobre sua própria realidade: “*How can Algeria replace France without reproducing its ideology and colonial structures?*”⁹

“(...) seria uma ‘reestruturação do mundo’ que rasgasse radicalmente o tempo e o espaço presentes, superando o mundo tal como o conhecemos (colonial-capitalista) em direção a outras possibilidades de organização social e, sobretudo, a novas formas de humanidade não baseadas na negação de outrem.”¹⁰

Sua realidade estava no combate à um sistema a muito dedicado na estabilização de um sistema imperativamente dedicado ao acesso das matérias primas e na concretização de mercados para seus produtos industrializados e que para sua superação, foi necessária uma “luta, que exigiu um enorme esforço psíquico e capacidades extraordinárias de mobilização das

⁷ CAUTE, David. **Frantz Fanon**. New York: The Viking Press, 1970, p. 44

⁸ RABAKA, Reiland. **Forms of Fanonism: Frantz Fanon’s Critical Theory and the Dialectics of Decolonization**. Plymouth: Lexington Books, 2011, p. 13

⁹ AZAR, Michael. **Frantz Fanon: Critical Perspectives**. Org. Anthony C. Alessandrini. New York: Routledge, 1999, p. 26

¹⁰ FAUSTINO, Deivison. **Fanon e as encruzilhadas: Teoria, política e subjetividade**. São Paulo: Ubu Editora, 2022, p. 89

massas, as estruturas da colonização precisavam ser desmanteladas, com a instituição de novas relações entre o sujeito e o mundo (...)”¹¹

Colocar seu primeiro e último livro lado a lado nos dá um panorama de como, em um período relativamente curto de tempo, Fanon transformou suas interpretações, sua escrita e sua percepção de qual seria seu papel dentro daquela realidade. Enquanto *Peles Negras, Máscaras Brancas* está recheada de notas de rodapé e referências teóricas, em *Os Condenados da Terra* quase não cruzamos com detalhes colocados em segundo plano¹².

Observar suas obras durante sua convivência diária dentro de Blida, suas relações com funcionários e pacientes diante de sua perspectiva temporal, torna nossa compreensão sobre suas conclusões médicas e revolucionárias mais perceptíveis aos diversos elementos que envolviam o cenário político daquele período. A compreensão do projeto de assimilação como sinônimo¹³ da conquista governamental e administrativa francesa visando gradualmente modificar e adaptar as tradições locais aos novos padrões, nada tinha em sua raiz a semente da inclusão dos árabes e muçulmanos a civilização francesa.

A ascensão de meios violentos para alcançar seus objetivos fez a França passar a assumir métodos cada vez mais brutais, mascarados por uma irreal promessa de liberdade e equidade. Fanon realizou¹⁴ que a hierarquia colonial estava intrinsicamente atrelada a práticas que inviabilizavam qualquer meio prático de legitimação de seus discursos humanitários.

Se para Marx o fim da alienação seria alcançado por meio da “revolução comunista” pela tomada dos meios de produção pelo proletariado, em Fanon, a alienação colonial encontraria seu fim quando, pelas mãos do colonizado, houvesse a “descolonização”¹⁵ completa e absoluta do território, povo e cultura argelina, das mãos francesas. Em suas obras, percebemos sua preocupação com a transformação do indivíduo como membro ativo dessa sociedade nascente e seu processo de maturação dentro da busca pela superação dos padrões que por tantos anos e de tantas formas, foram impostos sobre essa comunidade.

¹¹ MBEMB, Achille. **Sair da Grande Noite**, Ensaio sobre a África descolonizada. Petrópolis: Vozes, 2019, p. 58

¹² CAUTE, David. **Frantz Fanon**. New York: The Viking Press, 1970, p. 29

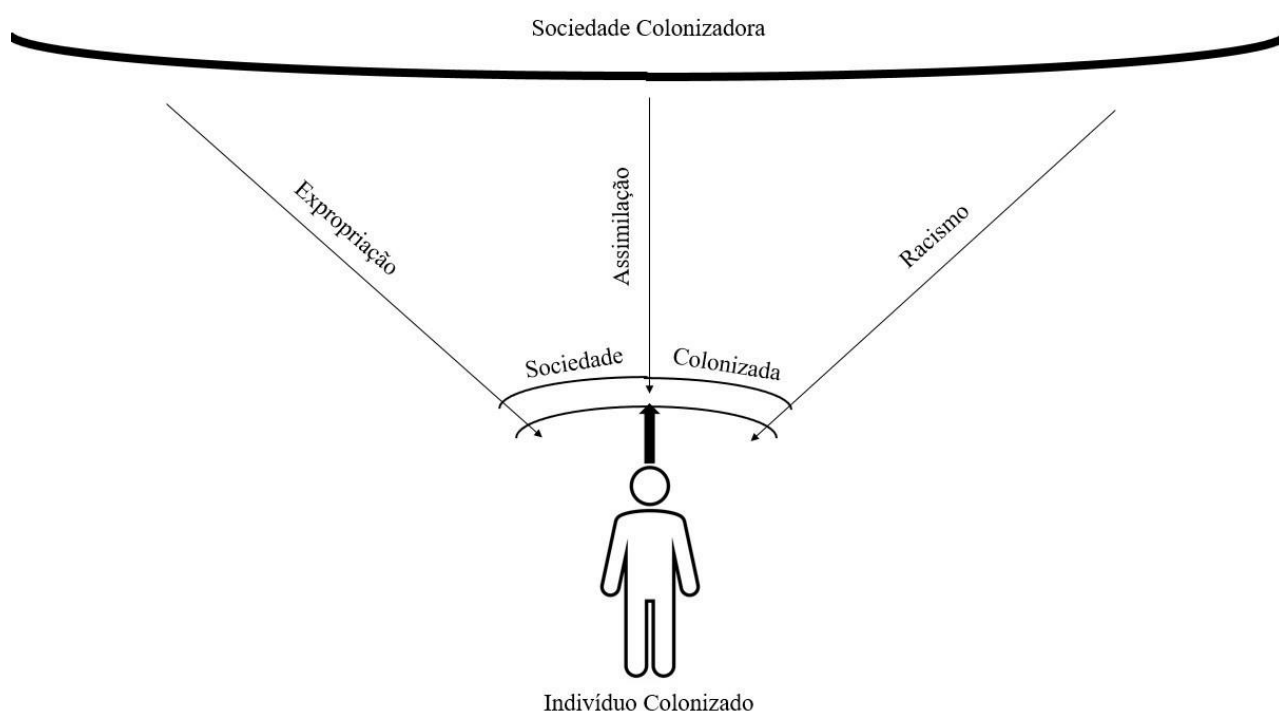
¹³ HADDOUR, Azzedine. **Frantz Fanon, Postcolonialism and the Ethics of Difference**. Manchester: Manchester University Press, 2019, p. 134

¹⁴ AZAR, Michael. **Frantz Fanon: Critical Perspectives**. Org. Anthony C. Alessandrini. New York: Routledge, 1999, p. 24

¹⁵ RABAKA, Reiland. **Forms of Fanonism: Frantz Fanon's Critical Theory and the Dialectics of Decolonization**. Plymouth: Lexington Books, 2011, p. 122

A consciência de que a conquista da independência seria apenas um primeiro passo desse processo, daria aos *condenados* (colonizados) a bússola que os guiariam na fase pós-colonial, construindo a partir de todos os destroços deixados pelo dominador e sua cultura, elementos identitários que proporcionariam uma desmarginalização de seus *seres* diante do mundo. Como um raio-x, percebe-se a relação entre o uso de mecanismos de violência e os graus de despersonalização dos indivíduos diante da sua própria sociedade. Fanon tem no indivíduo colonizado sua principal matéria prima, pois é com ele e através dele que se torna possível identificar os diferentes caminhos que a violência colonial estava sendo executada. Observando o colonizado, em seu evolutivo processo de alienação, é possível perceber de que forma o colonizador se mostra cada vez mais presente.

Por meio da expropriação legal das terras, pelas forças burocráticas, da assimilação cultural e religiosa imposta pela igreja e instituições sociais e pelo racismo estruturalizados pelas forças militares e de propaganda, o espaço entre o indivíduo colonizado e seu meio, se tornava precipícios cada vez maiores, permitindo ao colonizador se apropriar de tudo que estivesse pela frente.



Dessa forma, temos a ascensão da “recíproca verdadeira” na qual, quanto maior fosse a presença francesa, nas mais diversas frentes de ação em seu processo colonizador desde 1830, maior também seria a distância de reconhecimento e pertencimento entre o indivíduo argelino e sua própria sociedade.

Enquanto o pleno exercício da atividade colonial francesa estivesse rigidamente lastreada sobre a negação da existência do argelino, ratificada pela violência manifestada pela política, pelo exército e pela cultura, a única via de ruptura desse processo seria a realização da consciência do uso da violência como via de mão dupla:

“According to Fanon, the “demystification” and disalienation of the colonized appeared to be directly connected with, and made possible by, the tragic asymmetry of death and terror.”¹⁶

Psiquiatria Revolucionária

O período de Fanon na Argélia pode ser visto como uma fase turbulenta e efervescente, pois é aqui, entre os anos de 1953 e 1956, que ele não apenas vive suas experiências médicas mais relevantes como psiquiatra, como também acaba por se entregar por completo à causa revolucionária argelina¹⁷. Materialmente, sua produção enquanto funcionário ativo sob as ordens francesas dentro do Hospital em Blida, restringiu-se quase que exclusivamente ao campo da ciência médica, especialmente porque um ano depois de se apresentar ao cargo designado¹⁸, o território argelino como um todo mergulharia em uma tensão revolucionária que não pouparia nenhum dos lados dessa relação.

Sua percepção *a priori* do mundo a qual ele estava sendo gradativamente introduzido pelas forças políticas, institucionais e sociais, que seu dia a dia lhe expunha, permitia-lhe de fato enxergar quais eram os parâmetros da realidade argelina naquele momento. Já tendo escrito e publicado a obra *Peles Negras, Máscaras Brancas* (1952) não era segredo para ele, desde suas origens e experiências prévias em território francês, a real situação da relação entre europeus e argelinos. A segregação a qual os árabes muçulmanos estavam submetidos não se diferenciava tanto daquela experimentada por ele em sua ilha natal e pelas lembranças carregadas do período da Segunda Guerra Mundial.

¹⁶ “Segundo Fanon, a “desmistificação” e a desalienação do colonizado parecem estar diretamente ligadas e possibilitadas pela trágica assimetria da morte e do terror.” (tradução do autor) BENEDUCE, Roberto; GIBSON, Nigel C. **Frantz Fanon, Psychiatry and Politics**. Rowman & Littlefield International Ltd., 2017, p. 229

¹⁷ FAUSTINO, Deivison. **Fanon e as encruzilhadas: Teoria, política e subjetividade**. São Paulo: Ubu Editora, 2022, p. 33.

¹⁸ Oficialmente anunciado no dia 22 de Outubro de 1953 (Macey, p. 205), Fanon deu início ao seu trabalho no começo de Novembro (Idem, p. 210).

Aos poucos, o processo dialético entre o esforço e a frustração de Fanon, abriu caminho para o florescimento de ideias e percepções cada vez mais críticas acerca do simbolismo de seu uniforme e da bandeira sob a qual ele servia pela segunda vez, não mais como um soldado que lutava em nome da liberdade, mas agora como um médico que trabalhava para a cura dos doentes, duas abordagens que embora agissem de maneira distinta, foram historicamente essenciais para a manutenção do domínio europeu sobre os territórios coloniais: a força pelas armas e a ideologia da ciência.

Sua experiência médica com o público norte africano, em especial o magrebino (região que abrange Marrocos, Argélia e Tunísia) já havia lhe rendido meditações e conclusões que pavimentariam seu caminho e posicionamento diante dos eventos que se desenrolariam nos anos seguintes ao seu desembarque em Blida.

Como médico recém formado na França, ele realizava atendimentos esporádicos a imigrantes de origem africana que relatavam de forma constante a existência de dores de difícil diagnóstico médico pela falta de uma lesão física propriamente dita, mas que infligiam sofrimento sobre essa parcela específica da sociedade francesa. Diante de tais casos, Fanon acabou por compreender que tais causas extrapolavam apenas a materialidade física dos indivíduos, mas que se manifestavam principalmente a partir de origens psicossomáticas, resultado de uma existência completamente desenraizada e condenada às relações previamente modeladas a partir de bases ideológicas, práticas e legais absolutamente racistas¹⁹.

Em seu artigo publicado em Fevereiro de 1952, *“The ‘North African Syndrome’*²⁰, Fanon coloca o dedo na principal ferida do sistema médico francês ao qual ele estava inserido: a assimilação imposta dentro da relação entre o colonizador e o colonizado. Aos seus olhos, o exercício de uma medicina pouco prática e nada eficiente quando dedicada a imigrantes árabes muçulmanos, seria resultado de um conjunto de elementos e estereótipos *a priori* a aquele evento, assim, o encontro entre paciente e médico não aconteceria em um território neutro, mas carregado de pensamentos, sentimentos, problemas de linguagem e um passado histórico que influenciariam diretamente o resultado desse processo. O encontro entre médico e paciente seria apenas uma extensão da relação de exploração que já se acumulava a mais de um século entre

¹⁹ HADDOUR, Azzedine. **Frantz Fanon, Postcolonialism and the Ethics of Difference**. Manchester: Manchester University Press, 2019, p. 139 - 140

²⁰ FANON, Frantz. **Toward the African Revolution**. Pelican Books, 1970, p. 13 - 26

franceses e magrebinos, mas aqui travestida e simbolizada pela autoridade de saúde diante daquele que sofre e questiona agonizando: “*Doctor, I’m going to die?*”²¹.

Como uma espécie de clarividência em seu texto, o médico Fanon preconizava: “*That there are houses to be built, schools to be opened (...) men and women and children to be adorned with smiles*”²², essas ideias ganhariam ainda mais força quando sua experiência em Saint Alban fosse acrescida da prática do médico François Tosquelles da chamada psicoterapia institucional.

Dessa forma, o início de seu trabalho em Blida, em Novembro de 1953 trouxe dois grandes desafios que pautariam suas relações com a instituição e a comunidade a qual o rondava. Primeiro, reformar e reorganizar a estrutura espacial e material hospitalar para que o tratamento e as relações entre médicos e pacientes se tornassem mais humanizadas²³, enfrentando assim a resistência humana por parte dos demais funcionários que não viam com bons olhos essas novas mudanças²⁴.

Mudanças essas que entravam em choque com o segundo grande desafio: a Escola de Argel. Sendo a linha de pensamento e ação médica institucionalizada pela Faculdade de Medicina de Argel, tinha como princípio de suas atividades o pressuposto da inferioridade do africano diante do europeu baseados em estudos científicos do início do século XX. Acreditava-se que os árabes e africanos tinham o córtex cerebral mal formado, resultando em suas capacidades de pensamento limitado, fazendo desses indivíduos criaturas infantis e desprovidas de habilidades intelectuais complexas²⁵, desse modo, a adoção da concepção de inferioridade racial servia a alguns propósitos aos europeus como forma de justificar o uso da violência para subjugar o colonizado infantilizado²⁶.

Assim, o desenvolvimento da chamada etnopsiquiatria²⁷ colonial era a causa de tamanha estranheza e desconforto dos demais funcionários e autoridades coloniais diante das novas propostas colocadas em prática por Fanon em oposição a Escola de Argel. Suas medidas cada

²¹ Idem, p. 23

²² “Há casas para serem construídas, escolas para serem abertas (...) homens, mulheres e crianças para serem adornadas com sorrisos” (tradução do autor). Idem, p. 25

²³ HADDOUR, Azzedine. **Frantz Fanon, Postcolonialism and the Ethics of Difference**. Manchester: Manchester University Press, 2019, p. 141

²⁴ MACEY, David. **Frantz Fanon: A Biography**. Verso, 2012, p. 225

²⁵ BENEDUCE, Roberto; GIBSON, Nigel C. **Frantz Fanon, Psychiatry and Politics**. Rowman & Littlefield International Ltd., 2017, p. 101

²⁶ Idem, p. 111

²⁷ Idem, p. 105

vez mais voltadas para teorias antimanicomiais faziam com que seus argumentos colocassem a figura do hospício não mais como a solução, mas sim o cerne do problema, sendo a própria instituição a plena expressão da violência sadomasoquista que tinha como objetivo isolar o paciente da sociedade, tirando-o de toda e qualquer forma de reconhecimento como um sujeito plenamente participativo de sua sociedade.²⁸

No verão de 1955, Fanon escreveu algumas páginas refletindo e apontando a realidade encontrada por ele dentro de Blida. *Considerações Etnopsiquiátricas*²⁹ nos traz de maneira condensada o processo de evolução dessa percepção psiquiátrica europeia sobre o africano e suas capacidades cognitivas e sua formação cerebral. Aqui já fica claro que Fanon percebe a ausência completa e absoluta de qualquer consideração com a cultura argelina³⁰. É possível perceber como a medicina foi institucionalizada e construída como ferramenta para aplicação prática da tática de “dividir para conquistar”³¹ dos franceses durante o processo de colonização.

Apontando a estreita relação entre a Organização Mundial da Saúde e as pesquisas realizadas pelos idealizadores da etnopsiquiatria da Escola de Argel (J. C. Cartothers, Antoine Porot e Côme Arrii), Fanon traz as principais características do nativo norte africano descritas nas “Notas da Psiquiatria Muçulmana” (1918) de Porot como indivíduos com “pouca ou nenhuma emotividade; crédulo e sugestionável ao extremo; obstinadamente tenaz; predisposição a acidentes (...)”³², trazendo logo em seguida um texto de 1932, também de Porot, características do povo cabila como “inteligente, instruído, trabalhador, econômico e, por isso, escapa à debilidade mental, à tara de fundo do argelino”. Tais passagens trazem à luz as diversas tentativas de se incutir uma distinção étnica dentro da população argelina, já apresentado previamente através das descrições de Lorcín³³ no capítulo anterior.

Também em Blida, Fanon acabaria por conhecer alguns personagens que viriam a participar ativamente não apenas de seu dia a dia, como também de sua produção acadêmica psiquiátrica, como Jacques Azoulay, Slimane Asselah e Charles Geromini³⁴. Dentre seus textos

²⁸ FAUSTINO, Deivison. **Fanon e as encruzilhadas**: Teoria, política e subjetividade. São Paulo: Ubu Editora, 2022, p. 33

²⁹ FANON, Frantz. **Alienação e Liberdade** – Escritos Psiquiátricos. São Paulo: Ubu Editora, 2ª ed., 2021, p. 232 - 235

³⁰ Idem, p. 232

³¹ MACEY, David. **Frantz Fanon**: A Biography. Verso, 2012, p. 217

³² FANON, Frantz. **Alienação e Liberdade** – Escritos Psiquiátricos. São Paulo: Ubu Editora, 2ª ed., 2021, p. 233

³³ LORCIN, Patricia M. E. **Imperial Identities** – Stereotyping, Prejudice and Race in Colonial Algeria. University of Nebraska, 2014

³⁴ MACEY, David. **Frantz Fanon**: A Biography. Verso, 2012, p. 214

e artigos produzidos entre 1954 e 1956, Fanon desenvolveu trabalhos que recrudesceriam ainda mais sua percepção acerca dos diferentes mundos existentes entre os argelinos e os franceses.

No texto produzido em Dezembro de 1954, “*A Socioterapia numa ala de Homens Muçulmanos: Dificuldades Metodológicas*”³⁵, Fanon e Azoulay descrevem a experiência de trabalho com pacientes europeus e muçulmanos, relatando as dificuldades em alcançar os mesmos sucessos do primeiro com o segundo grupo, rastreando quais elementos foram determinantes para isso.

O aparente sucesso obtido com os pacientes europeus por meio da prática de atividades que lhes possibilitavam experimentar voltar a participarem de atividades tradicionalmente francesas, como atividades manuais para mulheres e sessões de filmes, acabariam por não se repetir com o grupo de nativos, gerando conflitos e desinteresse por parte desses últimos. Fanon e seus companheiros se viram obrigados a repensarem suas abordagens, até o ponto de compreenderem que as diversas tentativas em reproduzir o tratamento dado aos europeus, simplesmente não alcançaria os mesmos resultados com árabes muçulmanos³⁶. Notou-se que o problema era a ausência de uma compreensão dos aspectos de sociabilidade desse determinado público. Barreiras como a necessidade da presença de intérpretes pela falta de domínio da língua materna (árabe ou dialetos locais), o pouco conhecimento e entendimento das tradições dos nativos e principalmente, a existência de uma linha histórica que fazia daquele ambiente nada mais que uma reprodução dos diversos âmbitos coloniais franceses, não permitiam a distensão entre os conflitos daqueles dois mundos.

Se em um primeiro momento a busca por despertar no nativo a vontade de se assemelhar ao modelo europeu, propondo as mesmas atividades que haviam alcançado sucesso com os pacientes franceses, no instante seguinte se tornou perceptível que esse modelo não se apresentava como uma via de mão dupla, pois assim como na sociedade colonial, o projeto de assimilação exigia o desaparecimento completo da cultura colonizada em prol da tradição colonizadora. Para sua época, Fanon buscou uma transformação revolucionária³⁷, pois entendendo que os aspectos biológicos, psicológicos e sociológicos estavam indissociavelmente ligados³⁸, seria necessária uma completa readaptação da metodologia de

³⁵ FANON, Frantz. **Alienação e Liberdade** – Escritos Psiquiátricos. São Paulo: Ubu Editora, 2ª ed., 2021, p. 171 - 193

³⁶ MACEY, David. **Frantz Fanon: A Biography**. Verso, 2012, p. 229

³⁷ FANON, Frantz. **Alienação e Liberdade** – Escritos Psiquiátricos. São Paulo: UBU Editora, 2021, p. 182.

³⁸ Idem, p. 183.

trabalho. Mais do que nunca, aspectos como: religião, configuração familiar, idioma, gênero e divisão de trabalho, deveriam ser levados em consideração para a elaboração e aplicação de atividades socioterapêuticas, assim, se tornava necessário investigar e descobrir quais seriam os elementos culturais que iriam produzir reações de sociabilidade suficientes para romper com o sentimento de alienação vivido pelos pacientes instalados nos hospitais psiquiátricos.

Seu principal interesse então, passou a ser observar na prática quais elementos presentes na sociedade colonial possuíam impacto direto na psique humana, gerando especialmente no paciente colonizado, um sentimento de não-pertencimento a sua própria realidade. Era a personificação prática da Síndrome do Norte Africano.

Percebendo a existência de uma fenda social entre o mundo europeizado e o mundo nativo, Fanon passou a realizar viagens de campo para entender e compreender as dinâmicas de vida tradicionais dos povos nativos. Essas viagens, com tons quase antropológicos, passaram a clarear suas observações acerca da vida campesina nativa, percebendo que seus pacientes árabes tinham realidades inerentes a si muito diferentes daquelas que seus pacientes europeus consideravam atividades naturais. No texto, *A Vida Cotidiana nos Douars*³⁹, tem-se a busca por uma descrição de características psicopatológicas argelinas que pudessem basear suas práticas psiquiátricas dentro do hospital de Blida.

Buscando entender a origem da ideia do primitivismo intelecto-comportamental adotado pela civilização ocidental em relação ao mundo magrebino, o médico aborda as várias instâncias que envolvem a vida cotidiana das comunidades tradicionais, seus espaços e responsabilidades que envolvem cada um dos atores presentes nessa realidade⁴⁰.

“Quando se estuda de perto a vida nos douars, impressiona o violento contraste entre essa vida e a que ocorre nas cidades do Magreb. (...), onde predomina em grande medida uma população de origem europeia, a vida segue o molde o ocidental, ou seja, dominada pela tecnologia moderna (...). Nos douars, por sua vez, o estilo de vida é natural e se caracteriza pela simplicidade e fidelidade a uma tradição secular que se manteve (...) até os dias de hoje”⁴¹

Seja pela divisão das atividades baseadas no gênero, até nas diferentes formas de trabalho existentes dentro da lógica comunal, se torna notável o forte laço existente entre indivíduo e comunidade diante de uma vida pouco dinâmica e imersa em um processo de coletividade que alcança a todos, através de rituais e festividades populares que são

³⁹ FANON, Frantz. **Alienação e Liberdade – Escritos Psiquiátricos**. São Paulo: UBU Editora, 2021, p. 194 - 209

⁴⁰ Idem, p. 197.

⁴¹ Idem, p. 196

compartilhados pelo grupo como um corpo uno⁴², sendo regulamentada por tradições antigas, o caminhar coletivo se dá ao passo de sua manutenção e preservação, sendo toda e qualquer ameaça a coletividade, um perigo eminente ao corpo social: “*A história de cada um, nesse caso, é também a da comunidade*”⁴³

Diante dessas estreitas conexões existentes, o deslocamento de uma simples peça desse sistema afeta não apenas o próprio indivíduo, como também a toda infraestrutura social à qual ele está inserido: suas redes, familiares, laborais e sociais, que necessitam dele no presente; a preservação de seu passado imemorial; e a manutenção e continuidade da estrutura social em direção ao futuro. A não participação das atividades inatas a existência do indivíduo dentro do conceito de comunidade, atropela a consciência enraizada de *ser e pertencer* a sua própria existência, “*(...) E começa no momento em que a doença subtrai um indivíduo dos outros e o isola, impossibilitando-o de conviver em seu círculo*”⁴⁴.

Tais elementos trazem à tona o aspecto central da busca de Fanon em sua viagem para dentro do íntimo magrebino: a religião. Elementos advindos do islã como o jejum no Ramadã, o culto a santos locais conhecido como marabutismo e a crença na existência de forças espirituais conhecidas como *djinnns*, muitas vezes responsabilizadas por doenças e diagnósticos de mazelas dos homens, reforçavam ainda mais o estereótipo negativo de retrocesso humanístico depositado pelos europeus sobre os norte - africanos. “*Se um parisiense nos disser: ‘São os gênios que causam a loucura’, tal afirmação não terá o mesmo valor se a colhermos dos lábios de um muçulmano magrebino (...). Na Argélia, é normal acreditar em gênios*”⁴⁵.

A manifestação da crença na associação entre demônios e enfermidades se tornou ainda mais clara em um estudo realizado por Azoulay, François Sanchez e Fanon, em que se debruçaram a analisar os transtornos relacionados a sexualidade no artigo produzido também em 1955, *Introdução aos Transtornos da Sexualidade do Norte-Africano*⁴⁶. Buscando compreender as dimensões relacionadas a problemas como impotência e vaginismo, os médicos enxergaram que tais transtornos ainda eram encarados e tratados a partir de conhecimentos herdados do período medieval⁴⁷, fazendo com que uma parte considerável dos pacientes

⁴² Idem, p. 201

⁴³ Idem, p. 205

⁴⁴ Idem, p. 205

⁴⁵ Idem, p. 208

⁴⁶ Idem, p. 209 - 219

⁴⁷ Idem, p. 210

recorressem primeiramente a curandeiros e só em último caso, à ajuda médica⁴⁸ desvelou-se assim a tradição local de associar distúrbios muito mais a causa mágicas, do que a causas orgânicas⁴⁹.

“Abordamos aqui um aspecto extremamente interessante da psiquiatria norte-africana. A enfermidade mental é externa ao sujeito. Ela é enviada e pode ser retirada por Deus. Para alguns, ela se deve a djouns ou espíritos que se podem tentar capturar ao longo de sessões de exorcismo conduzidas por um marabuto”⁵⁰

Nesse ponto, há talvez a principal distinção entre a interpretação do ocidental e do magrebino em relação aos indivíduos açoitados por tais distúrbios e transtornos psíquicos: enquanto os primeiros ainda depositam sobre os pacientes uma parcela de responsabilidade por seus atos, os últimos acreditam que a manifestação mágica de gênios sobre os enfermos lhes alienavam a toda e qualquer repercussão de seus atos⁵¹: “*O enfermo é uma vítima inocente do gênio ou dos gênios que o possuem*”⁵² e que ao contrário da comum exclusão social e dos tratamentos brutais até então atribuídos como única forma de “curar” tais surtos, os acometidos à loucura são tratados acima de tudo com respeito “*porque ele continua a ser, apesar de tudo, uma pessoa*”.⁵³

Tal conclusão foi constatada no artigo produzido por Fanon e Sanchez, em 1956, mesmo ano em que Fanon viria abrir mão de seu cargo, no texto “*Atitude do Muçulmano Magrebino Diante da Loucura*”⁵⁴. Ao se aprofundarem ainda mais nas relações entre o enfermo e seu meio, ambos médicos compreenderam que para a sociedade local, aqueles possuídos são alçados à condição de santo, já que em seus cérebros não habitam mais pensamentos humanos⁵⁵.

O mergulho cada vez mais profundo na vida e no conhecimento das culturas que antes acontecia apenas através da fria observação filosófica médica em consultas na França, transparece a tênue linha que parece fazer mudá-lo daquele que apenas interpreta, para aquele que cria uma filosofia social⁵⁶. Os textos, ainda que fossem produzidos dentro do escopo psiquiátrico, passavam a transversalizar suas abordagens e críticas para regiões cada vez mais próximas das políticas de assimilação praticadas pelas autoridades coloniais.

⁴⁸ Idem, p. 209 - 210

⁴⁹ Idem, p. 210

⁵⁰ Idem, p. 211

⁵¹ Idem, p. 246 - 247

⁵² Idem, p. 247

⁵³ Idem, p. 249

⁵⁴ Idem, p. 245 - 250

⁵⁵ Idem, p. 250

⁵⁶ CAUTE, David. **Frantz Fanon**. New York: The Viking Press, 1970, p. 30

Quanto mais ele se dedicava a rastrear as origens das doenças e suas possíveis soluções, maior era a aproximação entre seu pensamento teórico neo hipocrático⁵⁷ e a sua filosofia realista que florescia dentro do palco terceiro mundista⁵⁸ daquela época diante dos movimentos de descolonização, pela derrota da França em Dien Bien Phu (Vietnã) e pela Conferência de Bandung (1955), que anunciava o raiar de novas possibilidades para os povos colonizados.

Seu período como médico em Blida pode ser observado e considerado como um marco essencial em sua construção como pensador, teórico e médico revolucionário, pois é aqui, em sua práxis diária que Fanon fez das práticas médicas um instrumento transformador e revolucionário. Foi por causa de sua proximidade com o indivíduo colonizado que ele conseguiu observar e identificar a relação entre a violência colonizadora e a alienação psíquica de seus pacientes.

Alguns meses antes de sua exoneração e expulsão do território Argelino, Fanon e Charles Geronimi lançaram um artigo chamado “*O TAT em mulheres muçulmanas: Sociologia da Percepção e da Imaginação*”⁵⁹, onde comparando os resultados clínicos entre suas pacientes europeias e muçulmanas eles descrevem:

“Para a mulher europeia, a percepção é total e imediatamente satisfeita. (...) A mulher muçulmana, nesse caso, adota uma atitude radicalmente diferente. É assim que a vemos se lançar a um esforço paciente, laborioso e tenaz de deciframento, de análise (...) Tem-se a impressão de que as pacientes se esforçam para encontrar na lâmina o maior número de coisas conhecidas. (...), porém, as respostas são desorganizadas, pobres e desarticuladas.”⁶⁰

É na atividade médica que ele realiza a conexão entre sua teoria, inicialmente germinada em sua visita escolar ao monumento de Victor Schoelcher na Martinica, irrigada durante seu período como estudante na França, até colher seus frutos durante seus atendimentos na Argélia. A percepção de que a alienação psiquiátrica é resultado direto do processo colonizatório acontece quando o paciente colonizado é colocado em perspectiva de comparação com o paciente colonizador, pois é aqui que se torna perceptível o resultado das práticas violentas, até então invisíveis, realizadas pelas autoridades francesas.

⁵⁷ BENEDUCE, Roberto; GIBSON, Nigel C. **Frantz Fanon, Psychiatry and Politics**. Rowman & Littlefield International Ltd., 2017, p. 124

⁵⁸ FAUSTINO, Deivison. **Fanon e as encruzilhadas: Teoria, política e subjetividade**. São Paulo: Ubu Editora, 2022, p. 119

⁵⁹ FANON, Frantz. **Alienação e Liberdade – Escritos Psiquiátricos**. São Paulo: UBU Editora, 2021, p. 251 - 257

⁶⁰ Idem, p. 253

Se a observação da produção literária/acadêmica de Fanon, a partir da ordem cronológica, traz a evolução de sua percepção acerca da relação de causa e efeito entre as diversas frentes impostas pelo sistema colonizador europeu e as doenças que impactavam os corpos e mentes dos colonizados, a mudança de perspectiva temporal sobre seu período como médico em Blida apresenta uma maturação de seu pensamento: antes um psiquiatra marcado por fortes convicções políticas, agora um revolucionário marcado por seus conhecimentos psiquiátricos⁶¹.

Tomando sua carta de exoneração, enviada em Dezembro de 1956, como o ponto mais alto em seu processo de transição de médico para revolucionário, ao utilizar-se esse marco de referência como torre de observação sobre sua caminhada em direção a construção de sua teoria da violência que despersonaliza e aliena aqueles submetidos aos cuidados psiquiátricos, tem-se um cronômetro que corre em contagem regressiva para sua entrega completa à causa argelina:

*“The extraordinary Algerian phase of Frantz Fanon’s life has been accepted as a matter of course. (...) What seems unusual and disturbing to me, and of deeper significance, is that he now identified himself with Algeria as he formerly did with France and never could with Martinique.”*⁶²

A Internacionalização da Causa

Após entregar sua carta de demissão, Fanon foi obrigado a deixar a Argélia, se exilando na vizinha Tunísia em Janeiro de 1957⁶³ buscando estreitar ainda mais suas relações com a FLN. Sua forte proximidade com líderes do movimento, em especial com Ramdane Abane fez com que ele fosse formalmente convidado a assumir a posição de direção do serviço de imprensa da FLN passando a contribuir massivamente para o jornal utilizado pela organização para propagar suas ideias, o *El Moudjahid* ⁶⁴. Seus textos produzidos durante esse período viriam a ser compilados e publicados postumamente no livro *Toward the African Revolution* (1964), mostrando seu lado ativista a pleno vapor.

⁶¹ CAUTE, David. **Frantz Fanon**. New York: The Viking Press, 1970, p.

⁶² “A extraordinária fase argelina da vida de Frantz Fanon foi aceita como algo natural. (...) O que me parece incomum e perturbador, e de significado mais profundo, é que ele agora se identificava com a Argélia como antes fazia com a França e nunca poderia com a Martinica” (tradução do autor) MEMMI, Albert. **The Impossible Life of Frantz Fanon**. The Massachusetts Review, Vol. 14, nº 1, 1973 p. 22

⁶³ HUDIS, Peter. **Frantz Fanon: Philosopher of the Barricades**. Londres: Pluto Press, 2015, p. 66

⁶⁴ Idem, p. 82

Dentro dessa compilação de artigos, é possível encontrar suas contribuições entre os anos de 1957 até 1960, sendo possível acompanhar e compreender diversos elementos durante essa progressão temporal: seu engajamento político, o aprofundamento de sua participação dentro do movimento de libertação, o processo de internacionalização da causa argelina para além das fronteiras coloniais e o crescimento das relações revolucionárias entre as colônias africanas para uma ruptura completa dos laços de dominação europeu.

No ano de 1957 encontram-se textos mais restritos às relações franco-argelinas com ferozes apologias às ações dos revolucionários argelinos como único meio de resposta as constantes investidas francesas para a preservação do sistema colonial, conforme o tempo se passava, é possível perceber como seu discurso passa a transbordar para outros campos de interesse.

A partir de 1958 as relações da FLN passam a se internacionalizar, especialmente em relação aos demais movimentos de independência que brotavam por todo o continente africano. Os textos de Fanon passam então a assumir um aspecto mais voltado para a conscientização e proatividade dos povos africanos em geral, suas críticas se tornam mais abrangentes, ultrapassando as fronteiras e os aspectos culturais estritamente argelinos, tomando um caminho onde o aspecto da solidariedade com os demais movimentos passam a traçar um objetivo mais focado na internacionalização da revolução.

O ano de 1958 é na verdade um ano decisivo para a revolução argelina como um todo por diversos elementos, que inevitavelmente determinariam e delimitariam a forma e o papel de Fanon dentro do cenário da FLN. No cenário político, esse período ficou marcado pela escalada de tensão nas relações entre os representantes argelinos e o governo francês, agora com Charles de Gaulle de volta à frente do poder no governo, a autoridade francesa assumiria uma imagem revigorada na manutenção da força colonial, através de sua promessa de solução para a situação que já se estendia a quatros anos.

Como resposta à investida política de retomada heroica encabeçada por de Gaulle, em Setembro, durante uma coletiva de imprensa realizada na cidade do Cairo⁶⁵, foi anunciada a criação da G.P.R.A. (*Gouvernement Provisoire de la République Algérienne*), o braço diplomático que representaria a FLN internacionalmente. Tendo como base o Egito, governado pelo líder pan-arabista Abdel Nasser, não demorou para que os demais países árabes passassem

⁶⁵ HORNE, Alistair. **A Savage War of Peace**. New York: NYRB Classics, 2006, p. 316

a reconhecer a nova instituição como órgão representativo oficial do governo argelino, que já se colocava como um ator independente. Sendo uma fase de produções prolíficas, a persona de Fanon passa a se tornar a ponte entre o movimento revolucionário argelino e a chamada África negra⁶⁶ ao sul do Saara, que também fazia parte do bloco francófono.

Utilizando pela primeira vez o termo “We” para se referir a causa argelina⁶⁷, os artigos publicados pelo jornal *El Moudjahid* assumiram um papel de reação da FLN aos acontecimentos diários que se desenrolavam no combate em território argelino. Distribuídos em árabe e francês, os artigos não assinados, originalmente tinham a intenção de representar uma opinião coletiva dos editores e não apenas uma expressão individual de Fanon.

Além de dedicar seus trabalhos para denunciar a violência colonial francesa, é possível perceber seu papel como divulgador do ideal revolucionário para outras regiões da África que também estavam passando por guerras de independência ou começando a desenvolver um sentimento de desejo pela libertação, em especial através de sua participação como representante da delegação argelina na Conferência dos Povos Africanos sediada em Accra (capital do recém independente Estado de Gana), em 1958⁶⁸, no Segundo Congresso dos Escritores e Artistas Negros em Roma no ano de 1959 e numa sequência de eventos em Túnis, Conacri e Leopoldville em 1960.

Através de seus textos e discursos, as ideias em torno da livre expressão e desejo de liberdade eram cada vez mais amplificadas, ressaltando que cada conquista era resultado direto do movimento dos próprios homens africanos e não apenas “atos de generosidade” dos colonizadores.

*“This was because the Congress members quickly convinced themselves that the interest of the colonialists in Africa and the initial moves in the direction of decolonization that have appeared here and there are not due to the generosity or the sudden intelligence of the oppressors.”*⁶⁹

Cada vez ficava mais latente que a opressão e a violência imposta pelo sistema colonial estavam começando a transparecer seus efeitos colaterais para além do controle policial e que as populações antes amordaçadas, agora se enxergando como iguais, passaram a se relacionar e oferecer ajuda uns aos outros. O que antes era alienação, se transformava em cooperação:

⁶⁶ CHERKI, Alice. **Frantz Fanon: Um Retrato**. São Paulo, Editora Perspectiva, 2022, p. 207

⁶⁷ MEMMI, Albert. **The Impossible Life of Frantz Fanon**. The Massachusetts Review, 1973 p. 22

⁶⁸ FANON, Frantz. **Toward the African Revolution**. Middlesex: Penguin Books Ltd., 1970, p. 160 – 167.

⁶⁹ “Isso porque os congressistas rapidamente se convenceram de que os interesses dos colonialistas na África e os movimentos iniciais em direção à descolonização que surgiram aqui e ali não se devem graças a generosidade ou repentina inteligência dos opressores” (tradução do autor), Idem, p. 161

*“hundreds of men have pledged themselves to come to the aid of the Algeria or South African brothers whenever they manifest such a wish.”*⁷⁰

Ao observar seus artigos mais de perto, com o passar dos anos é possível enxergar como sua visão ganha amplitude territorial e suas ideias passam por um processo de alargamento, abordando aspectos e espectros até então inéditos em sua bibliografia. Partindo de uma análise mais microscópica de suas experiências enquanto testemunha dos primeiros passos do movimento revolucionário e seus primeiros embates com as forças coloniais, Fanon parte para prospecções que visavam abranger âmbitos macro dimensionais das independências e populações africanas. Se os franceses tinham como objetivo apagá-lo do movimento revolucionário com sua expulsão do território argelino, seu exílio teve efeito contrário. Seu lado político dentro do periódico e sua atuação como representante em eventos oficiais, lançou-o para dentro de um cenário ainda mais amplo, fazendo com que suas ideias e informações alcançassem uma abrangente rede cosmopolita de contatos, como Kwame Nkrumah, Modibo Keita, Felix-Roland Mumié e Patrice Lumumba.

Ainda em sua fase de internacionalização, Fanon também conseguiu vislumbrar uma possibilidade para solucionar problemas práticos que vinham sendo enfrentados pelos revolucionários argelinos.

Transplantando o conceito da Linha Maginot, tática utilizada durante a primeira guerra mundial para impedir o avanço e a penetração das tropas alemães além das fronteiras francesas para a Argélia, na tentativa de estrangular as redes de abastecimento de armas e equipamentos que forneciam materiais aos revolucionários argelinos, o exército francês construiu ao longo das fronteiras marroquinas e tunisianas uma estrutura que combinava minas terrestres, cercas elétricas, arames farpados e patrulha armada, nomeada de Linha Morice, com mais de dois metros de altura e uma carga de cinco mil volts, na prática, ela tornou o povo argelino prisioneiro em seu próprio território.

Como toda tentativa de cruzar uma das fronteiras entre os três países se tornou uma missão praticamente suicida, Fanon utilizou suas viagens oficiais para outros países como membro da delegação da G.P.R.A. para tentar articular outra via de abastecimento. Em 1960, sob o codinome de “Abdelkader Mali”, Fanon deu início um projeto encabeçado por ele que

⁷⁰ “Centenas de homens se comprometeram a socorrer os irmãos da Argélia e da África do Sul sempre que manifestarem tal desejo”. (tradução do autor). Idem, p. 167

visava iniciar uma Frente Transaariana⁷¹, utilizando o deserto do Saara como via de acesso para armas, munições e suprimentos para as linhas de frente, surpreendendo os franceses pelo sul através de rotas que pudessem alcançar até a capital Argel, localizada na região norte do país.

Historicamente, o ano de 1960 ainda reservaria uma agradável surpresa para os argelinos em sua missão de internacionalizar a causa, quando no dia 14 de Dezembro, a Organização das Nações Unidas (ONU) aprovou em plenário a chamada Resolução 1514, também intitulada de *“Declaration on the Granting of Independence to Colonial Countries and Peoples”*⁷². Aprovado com oitenta e nove votos a favor, nenhum voto contra, mas nove abstenções (sendo a França uma delas), ficou aprovado o apoio total e irrestrito à toda independência de povos e países que estivessem sob alguma forma de domínio colonial. A Declaração solenemente proclamava a necessidade de se colocar um fim, o mais depressa possível a toda e qualquer forma de manifestação colonial, declarando em seu artigo primeiro que:

*“The subjection of peoples to alien e subjugation, domination and exploitation constitutes a denial of fundamental human rights, is contrary to the Charter of the United Nations and is an impediment to the promotion of world peace and co-operation.”*⁷³

Sendo um verdadeiro marco para as lutas anticoloniais, a oficialização do documento também apontava a agulha da bússola da geopolítica para a direção da guerra fria e a bipolaridade de poder que se apresentava desde o fim da segunda guerra mundial. O apoio incondicional dos EUA aos movimentos que buscavam sua autodeterminação em relação às antigas metrópoles, sinalizava que a autoridade colonial dos impérios europeus havia terminado.

Enquanto em 1954 ainda havia dúvidas sobre a potencialidade dos movimentos de libertação, em 1960, as novas áreas de influências já estavam sendo desenhadas pelas duas potências que disputavam o novo conflito ideológico. O forte apelo socialista das propostas revolucionárias que borbulhavam na África e Ásia não era descartado pelos EUA, que mesmo sabendo das políticas de não alinhamento, como proclamada na Conferência de Bandung em 1955, buscavam gravitar sua presença sobre as nascentes nações.

⁷¹ CHERKI, Alice. **Frantz Fanon: Um Retrato**. São Paulo, Editora Perspectiva, 2022, p. 221

⁷² Declaração sobre a Concessão de Independência aos Países e Povos Coloniais (Tradução do autor)

⁷³ “A sujeição dos povos à subjugação, dominação e exploração estrangeiras constitui uma negação dos direitos humanos fundamentais, é contrária à Carta das Nações Unidas e é um impedimento à promoção da paz e da cooperação mundial” (Tradução do autor)

Se durante seu período como médico em Blida, Fanon tornou possível enxergar as diferentes manifestações da violência colonial sobre o argelino por meio da observação do próprio homem colonizado, após sua expulsão e exílio, seu mergulho no processo de libertação revolucionária o faz-se lançar ainda mais fundo para além do caráter de espectador. Não era mais possível a ele manter apenas uma posição de estudioso ou teórico, muito menos seria permitida sua posição reativa aos sintomas de seus pacientes dentro do hospital. Agora sua proatividade política e intelectual deveriam ser colocadas em prática.

Se por um período de sua vida ele vestiu as cores da França, no uniforme militar contra o regime de Vichy ou no jaleco médico como psiquiatra em Blida, o exílio o colocou de volta a condição de homem colonizado diante da metrópole francesa. Expulso da Argélia, suas palavras publicadas no *El Moudjahid*, despertavam a perseguição por parte daqueles que antes ele defendeu e trabalhou.

Assim como seu período de infância e juventude na Martinica, sua fase adulta na África como membro ativo da FLN fazia dele uma minoria novamente, mas agora abastecido e constituído intelectual e materialmente de ideias e força física para combater o que antes eram apenas dúvidas como aluno em Fort-de-France. Da mesma forma como foi necessário experimentar a Europa para enxergar o racismo que Aimé Césaire profetizava, sua experiência africana consolidou seus pensamentos antes rejeitados pela academia francesa e publicados na obra *Pele Negra, Máscaras Brancas*: “Todas as formas de exploração são idênticas, pois todas elas são aplicadas a um mesmo ‘objeto’: o homem”⁷⁴.

Alimentado pelo sentimento anticolonial e sem esquecer de suas origens, em um de seus artigos publicado em 1959 chamado “*Racist Fury in France*”⁷⁵, Fanon traz à tona uma citação de Césaire que sucinta o momento ao qual ele vivia:

“One is inevitably reminded of this passage from the negro poet, Césaire: ‘What he [the twentieth-century bourgeois humanist] does not forgive Hitler is not the crime in itself, the crime against the white man, it is the inflicting on Europeans of European colonialist procedures which until now were reserved for the Arabs of Algeria, the coolies of India, and the Negroes of Africa.’”⁷⁶

⁷⁴ FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008, p. 87

⁷⁵ FANON, Frantz. **Toward the African Revolution**. Middlesex: Penguin Books Ltd., 1970, p. 173 - 176

⁷⁶ “Uma lembrança inevitável é essa passagem do poeta negro Césaire: O que ele [o humanista burguês do séc. XX] não perdoa a Hitler não é o crime em si, o crime contra o homem branco, é infligir aos europeus procedimentos colonialistas europeus até agora reservados aos árabes da Argélia, os trabalhadores da Índia e aos negros da África.” (tradução do autor) Idem, p. 176

Alienação pela Libertação

Apesar da análise realizada sobre seus artigos médicos ou textos produzidos para a FLN, considerar a bibliografia de Fanon durante seu período de vida implica ressaltar a publicação de três livros inteiros. A primeira publicação, *Pele Negra, Máscaras Brancas*, lançada em 1952, viria a encontrar um editor depois de ser rejeitada⁷⁷ como dissertação para sua graduação acadêmica. Sua estreia acabaria enfrentando dificuldades para sair das prateleiras, já que na época o público francófono ainda não recebia de maneira simpática as duras críticas ao racismo colonial imposto pela França sobre suas colônias, além de possuir uma linguagem densamente complexa de termos filosóficos e conceitos de psicanálise que pudesse proporcionar uma leitura palatável ao público geral.

Apesar de sua larga produção de artigos médicos e textos dedicados à divulgação oficial da FLN entre os anos de 1952 e 1960, tais obras seriam compiladas e alcançariam o público geral apenas depois de sua morte em 1961. Dessa forma, caso o leitor não tivesse grande interesse em escritos psiquiátricos ou não fosse assinante do revolucionário periódico oficial argelino, dificilmente teria acesso às fontes primárias da produção de Fanon.

Diante de suas constantes viagens e missões como membro da FLN, além da produção editorial no *El Moudjahid*, Fanon lançaria seu segundo livro em parceria com o editor francês François Maspero em 1959 sob o título *L'An Cinq de la Revolution*. Apesar do forte apelo que o quinquênio do conflito possuía diante da opinião pública, o texto só seria traduzido para o inglês em 1965 sob o título *Studies In a Dying Colonialism*, sendo posteriormente encurtado para *A Dying Colonialism* em 1967.

Quando colocada em perspectiva a obra possui uma linguagem muito menos complexa e abstrata em relação a primeira publicação, onde além de suas críticas estarem sendo feitas em uma época de maior visibilidade e transparência da violência e do racismo institucional francês, o livro trazia à luz o retrato de uma observação ativa do autor enquanto participante da revolução. Apesar de estar imerso por completo no olho do furacão revolucionário, suas ideias e sua linguagem ultrapassam o nicho tradicional de pessoas que já teriam algum interesse natural pelo assunto em questão, tanto pela atenção causada pelas críticas da mídia tradicional

⁷⁷ MACEY, David. **Frantz Fanon**: A Biography. Verso, 2012, p. 148

francesa, quanto pela longa duração do conflito, que passava a atrair olhos internacionais para a questão argelina.

Em seu prefácio, fica claro o objetivo do livro e quais argumentos serão apresentados nas páginas seguintes: “*The Algerian war will soon be entering its sixth year. (...) Five years of struggle have brought no political change. The French authorities continue to proclaim Algeria to be French.*”⁷⁸. O resultado da indignação causada por tantos anos de combates e privações em prol da libertação, fez com que Fanon deixasse de lado o rebuscado vocabulário filosófico e psicanalítico de seu livro anterior e florescesse na passionalidade de sua experiência *in loco*, a aproximação do martinicano com o argelino através do uso de pronomes como “us” e “we algerians”, brandando ao final: “*This is what we want and this is what we shall achieve. We do not believe there exists anywhere a force capable of standing in our way.*”⁷⁹

Se em seus textos para o *El Moudjahid* no ano de 1959 é possível perceber um Fanon internacionalizado, em *A Dying Colonialism*, há uma volta para a análise do território que o próprio autor não pisava a quase três anos desde sua expulsão em 1956. Dividido em cinco capítulos, nota-se que mesmo não possuindo o mesmo linguajar abstrato, a *práxis* revolucionária não abandonou a teoria médica que lhe permitiu desenvolver o olhar apurado para a observação das ações colonizadoras através de seus efeitos sobre os colonizados.

Assim como feito em seu primeiro artigo, *The ‘North African Syndrome’*, observando imigrantes africanos descreverem sintomas de dores sem qualquer tipo de lesão, ou posteriormente relatando sua frustração por não conseguir recuperar seus pacientes árabes muçulmanos no hospital em Blida (*A Socioterapia Numa Ala de Homens Muçulmanos: Dificuldades Metodológicas*), aqui Fanon parte para uma análise do impacto da guerra com a França dentro da estrutura familiar e social argelina.

Mesmo observando suas variadas análises realizadas, temporal e geograficamente distantes, todas transpassam um mesmo ponto em comum: a relação entre o homem colonizado e a sociedade colonizadora através de uma estrutura de violência que tem na alienação, sua essência.

⁷⁸ “A guerra da Argélia logo entrará em seu sexto ano. (...) Cinco anos de luta não trouxeram nenhuma mudança política. As autoridades francesas continuam a proclamar que a Argélia é francesa” (Tradução do autor) FANON, Frantz. **A Dying Colonialism**. New York: Grove Press, p. 23

⁷⁹ “É isso que queremos e é isso que vamos conseguir. Não acreditamos que exista em algum lugar uma força capaz de ficar em nosso caminho” (Tradução do autor) Idem, p. 33

O desmonte da organização social através da burocracia colonial francesa, visando a posse das riquezas naturais, legitimado pela assimilação cultural imposto pela mentalidade humanista cristã europeia, lapidava o processo de alienação em duas dimensões: a alienação da consciência, como processo da alienação material. A implementação do capitalismo colonial que pressiona os imigrantes africanos ao cruzarem o mediterrâneo em direção a metrópole, ou os camponeses que se veem em condições de mão-de-obra barata em fazendas ocupadas por colonos ou em fábricas e empresas francesas que aproveitam o fruto do êxodo rural forçado, tem como objetivo tornar o solo e o homem argelino desconhecidos um do outro.

No que diz respeito às formas de percepção da alienação, o pensador ganês Emmanuel Hansen diz⁸⁰:

*“This alienation is expressed in terms of a feeling of inferiority, self-hatred and other directedness vis-a-vis the white oppressor. It is also expressed in imitability and the seeking of external reference, that is, white reference to validate behavior.”*⁸¹

Assim como em 1952 Fanon relaciona o negro com o branco, em 1959, Fanon continua com sua metodologia para tratar do dualismo entre o árabe com o europeu. Em seu primeiro capítulo, *Algeria Unveiled*⁸², Fanon traz à tona a relação bidimensional entre o europeu e o véu utilizado pelas mulheres argelinas conhecido como *haïk*, para contar como esse processo foi absorvido e tridimensionalizado com a adição do fator ‘revolução’ à equação.

Tendo no *haïk* a demarcação física e cultural entre as sociedades (colonizadora e colonizada), a administração francesa se tornou comprometida em destruir todas as formalidades e simbolismos que pudessem evocar um sentimento de pertencimento nacional e de identidade⁸³. Sabendo da importância das relações matrilineares dentro da sociedade argelina, as mulheres passaram a se tornar o foco das medidas e políticas de assimilação que visavam tirá-las do ambiente doméstico e inseri-las no espaço público. Para isso, foram criados caminhos de aproximação e infiltração nos lares argelinos, para desmontar as resistências às ideias europeias e incutir gradativamente nas mentalidades locais, a normalização de questionamentos acerca do véu.

⁸⁰ HANSEN, Emmanuel. **Freedom and Revolution in the thought of Frantz Fanon**. Ufahamu: A Journal of African Studies, 7(1), 1976, p. 114 - 142

⁸¹ “Essa alienação é expressa em termos de um sentimento de inferioridade, auto ódio e outras formas de direcionamento em relação ao opressor branco. Expressa-se também na imitabilidade e na busca de referência externa, ou seja, referência branca para validar o comportamento.” (Tradução do autor)

⁸² FANON, Frantz. **A Dying Colonialism**. New York: Grove Press, p. 35 - 67

⁸³ Idem, p. 37

Trabalhos voluntários, associações de solidariedade feminina, ações de caridade para atender mulheres em condições de miséria e movimentos que diziam buscar libertar as mulheres das condições de inferioridade imposta pelo islamismo, se espalhavam pelas principais cidades argelinas. A radicalização do discurso foi utilizada como uma forma de cristalizar na figura do véu a delimitação social e moral entre a mulher que optaria por se esconder, encobrendo os segredos e informações de uma cultura antiga e atrasada, ou aquela que estaria aberta a revelar sua beleza, quebrando a resistência retrograda em relação a aventura da modernidade.

Buscando atingir o corpo feminino, o combate era feito em diferentes frentes, tanto direta, como indiretamente através da via masculina. Pais, irmãos e maridos também eram atacados e utilizados para erodir gradativamente as bases da estrutura familiar:

“There is not a European worker who does not sooner or later, in the give and take of relations on the job site, the shop or the office, ask the Algerian question: ‘Does your wife wear the veil? Why don’t you take your wife to the movies, to the fights, to the café?’ European bosses (...) in connection with a holiday (...) will invite the Algerian employe and his wife.”⁸⁴

O marido, quando posto em xeque, através de convites para encontros públicos feitos pelos colegas ou pelo chefe do trabalho, se via diante de um problema de difícil solução, anunciar que sua mulher não poderia comparecer a eventos e correr o risco de ser visto como o algoz de sua própria esposa, ou colocá-la à disposição do desejo curioso de olhos não iniciados nas complexas regras sociais que envolvem a vida pública familiar argelina. Independentemente da opção a ser escolhida, a questão da exposição fazia parte do desconfortável, mas cada vez mais profundo processo de assimilação e alienação que tinha como objetivo atingir e desmontar o mundo colonizado em diversas frentes.

Se por um lado era necessário aos franceses instalarem nas mentalidades femininas argelinas o desejo de se libertar através do ato de se desvelar, para os argelinos, a manutenção da tradição do uso do *haïk* assumia um papel de resistência e contra assimilação: *“Every new Algerian woman unveiled announced to the occupier an Algerian society (...) in the process of dislocation, open and breached.”⁸⁵* O feminino também se tornou um palco de disputa, sendo o véu a barreira material entre a extensão colonial francesa e o distante mundo inalcançável do argelino muçulmano.

⁸⁴ “Não há trabalhador europeu que, mais cedo ou mais tarde, no vaivém das relações no local de trabalho, na loja ou no escritório, não faça a pergunta argelina: ‘A tua mulher usa véu? Porque não levas a tua mulher ao cinema, às lutas, ao café?’” (Tradução do autor) Idem, p. 39 - 40

⁸⁵ “Cada nova mulher argelina revelada anunciava ao ocupante uma sociedade argelina (...) em processo de deslocamento, aberta e rompida.” (Tradução do autor) Idem, p. 42

Fenomenologicamente falando, era o desconforto do homem europeu diante dos complexos meandros que os mantinham distantes das mulheres argelinas, que faziam despertar os desejos de se infiltrar no espaço doméstico e puxá-las para público. A experiência da limitação e a percepção da inacessibilidade das práticas de alienação do corpo alheio, extrapolavam a realidade da imaginária e invisível beleza muçulmana, elevando-a para o campo do idealismo folclórico. Se as violentas práticas coloniais exercidas desde 1830 estavam protegidas e escamoteadas sob o nobre discurso humanista, elas tão logo se tornavam visíveis aos olhos quando o colonizado era observado de perto, ao primeiro sinal de resistência desse indivíduo suprimido, o discurso que antes era edificante e quase imperceptível, não tardava a adentrar o campo da agressividade⁸⁶: “*Thus the rape of the Algerian woman in the dream of a European is always preceded by a rending of the veil. (...) the woman’s conducts is never one of consent or acceptance, but of abject humility.*”⁸⁷

A concepção do corpo feminino como uma frente de combate, despertou entre as próprias mulheres o desejo de participar do processo revolucionário e a galopante escalada para o patamar de guerra total, tornou-as não um produto de reposição de posições perdidas, mas parte integrante e elementar para o sucesso da independência⁸⁸: “*The Algerian woman rises directly to the level of tragedy.*”⁸⁹.

Esse momento pode ser entendido como o ponto de virada mais angular dentro da dialética bidimensional entre o colonizador e sua tentativa de alienar o corpo feminino através da retirada do *haïk*, pois o mergulho no conflito armado faz da mulher argelina um personagem ativo em um ambiente inédito para ela: a cidade europeia. Restritas ao ambiente familiar e ao bairro árabe (Casbah), até então as raras incursões feitas pelas novas participantes da revolução aos bairros e espaços ocupados pelos europeus, se restringiam a pequenos eventos pontuais e sempre sob observação e companhia masculina, mas diante da nova realidade, agora seria necessário frequentar realidades e encarar olhares nunca experimentados.

O véu, até então responsável pelo confinamento e pela proteção em relação ao mundo exterior, quando vislumbrado seu potencial de colaboração para o projeto de resistência, passa a ser utilizado como uma nova arma. Intocáveis diante do contato direto dos europeus, ao se

⁸⁶ Idem, p. 44 - 45

⁸⁷ “Assim, o estupro da argelina no sonho de um europeu é sempre precedido pelo rasgo do véu. (...) a conduta da mulher nunca é de consentimento ou aceitação, mas de humildade abjeta.” (Tradução do autor) Idem, p. 45

⁸⁸ Idem, p. 48

⁸⁹ “A mulher argelina ascende diretamente no patamar da tragédia” (Tradução do autor) Idem, p. 50

deparar com as avenidas, lojas e espaços públicos, o objeto sagrado passa a ser adaptado como veículo de revolução. O mistério idealizado pelo invisível aos olhos europeus, se torna o medo realizado pelo transporte de armas, granadas ou informações por debaixo do *haïk* pelas mulheres argelinas.

A entrada da participação feminina na guerra em 1956⁹⁰ fez daquela que antes era a caça, se tornar a caçadora. Se durante décadas buscaram-se métodos e formas de atacar a figura do véu para alienar a mulher argelina de sua própria identidade, a partir de agora, o véu se torna uma peça fundamental para o sucesso da missão de independência. O véu que antes era hostilizado e apontado como o enclausurador, agora é o responsável por libertar a movimentação dos instrumentos da revolução, ressignificando o papel do corpo feminino e seus símbolos identitários. A busca pelo desvelamento, antes feito pela cobiça e pela fantasia colonizadora, se transforma na segurança do sistema em relação ao terror imposto pelo colonizado:

*“(...) she is carrying a bomb, or a sack of grenades, bound to her body by a whole system of strings and straps. For the hands must be free, exhibited bare, humbly and abjectly presented to the soldiers so they will look no further. (...) Every veiled woman, every Algerian woman became suspect.”*⁹¹

A ruptura da percepção sobre o símbolo do *haïk* também trouxe uma reinterpretação da relação geográfica entre árabes e europeus, a possibilidade da transterritorialidade entre os dois ambientes quebrou os privilégios de violência, antes reservados ao Casbah:

*“The protective mantle of the Kasbah, the almost organic curtain of safety that the Arab town weaves round the native, withdrew, and the Algerian woman, exposed, was sent forth into the conqueror’s city. (...) The colonizers have not settled in the midst of the native city. They have surrounded the native city; they have laid siege to it.”*⁹²

Inevitavelmente, o entroncamento de elementos como o prolongamento do conflito, a intensificação da repressão francesa, o acréscimo cada vez mais significativo de estratos sociais cada vez mais amplos como membros ativos da luta revolucionária e o aumento do uso de táticas de terrorismo e guerrilha urbana, levaram a necessidade de mais adaptações e mudanças

⁹⁰ Idem, p.54

⁹¹ “(...) ela carrega uma bomba, ou um saco de granadas, presa ao corpo por todo um sistema de cordas e correias. Pois as mãos devem estar livres, expostas nuas, humilde e abjetamente apresentadas aos soldados para que eles não procurem mais. (...) Toda mulher com véu, toda mulher argelina tornou-se suspeita”. (Tradução do autor) Idem, p. 62

⁹² “O manto protetor da Casbah, a cortina quase orgânica de segurança que a cidade árabe tece em torno do nativo, retirou-se, e a mulher argelina, exposta, foi enviada para a cidade do conquistador. (...) Os colonizadores não se instalaram no seio da cidade natal. Eles cercaram a cidade nativa; eles a sitiaram.” (Tradução do autor) Idem, p. 51

que pudessem viabilizar um encurtamento do conflito. A cronologia da revolução apontava para a possibilidade de um desenrolar em direção *ad infinitum*, onde no final, o cansaço seria o real vencedor do conflito⁹³.

Como uma introdução ao seu real objetivo da obra, após analisar os aspectos macros e micros que permeavam a relação entre o simbolismo do *haïk* e o processo colonial, Fanon traz à tona o núcleo de sua obra: a alienação pela revolução. Percebendo a manutenção das tradições como fórmula de blindagem da sociedade argelina em relação aos constantes ataques e assédios impostos pela França, o tempo passou a apontar que o caminho para a vitória estava justamente na mimese da alienação, porém adaptada para os fins de libertação.

Vendo que o uso do véu já não passava mais imperceptível aos olhos dos militares que agora expandiam suas investigações sobre as ameaças que se escondiam sob as vestimentas femininas, algumas mulheres passaram a tirar o *haïk* como forma de se adaptar as novas realidades:

*“Si les combattants étaient contraints de se voiler pour passer inaperçus, certaines fdayate se sentaient obligées de lâcher le haïk, parce que soumises au détecteur de mines. L’une de ces fdayate a même déclaré: ‘Sans le voile je passais, j’étais jeune, je faisais un sourire quand il y avait contrôlé, et je passais. La première fois, je me sentais toute nue, après, ça ne m’a plus embarrassée’”*⁹⁴

Percebendo que as mulheres que não usavam o véu possuíam maior mobilidade, a superação e a adaptação do desvelamento em prol da causa de libertação trouxe novos espectros de possibilidades e alcance. Se antes o véu possibilitava acobertar armas e granadas, o início do uso do detector de metais acabava de uma por todas com o disfarce perfeito, impondo ao corpo feminino uma nova forma de ressignificação em sua existência e relação com seu meio. A necessidade da exposição da pele em espaço público pôs diante das mulheres à força, o confronto com a própria sociedade argelina.

Mais uma vez ficava claro aos libertadores que a luta contra o sistema colonial não se resumia apenas ao combate corpo a corpo com soldados franceses, ou a realização de atentados a bomba nos bairros europeus, não era o sacrifício físico e corporal que resultaria na

⁹³ Idem, p.56 - 57

⁹⁴ “Se as combatentes foram obrigadas a usar véu para passar despercebidas, algumas sentiram-se obrigadas a largar o *haïk*, por estarem sujeitas ao detector de metais. Uma delas ainda disse: ‘Sem o véu eu passei, eu era jovem, sorri quando ele foi fazer o controle e passei. Na primeira vez me senti completamente nua, depois disso não me incomodou mais’” (Tradução do autor) **El Haïk** – Identité Algérienne au féminin. Musée Public National du Bardo, 2015-2016

independência da alma argelina. A descolonização da identidade, não seria alcançada pelo martírio do corpo.

Quanto mais a pele dos argelinos era fustigada pelo conflito, maior era a coação sobre suas mentes, impostas pelas violentas práticas diárias que vinham sendo realizadas por mais de um século através de toda a institucionalização colonial e intensificada pela repressão militar em tempos de revolução. Fanon preconiza:

“It is not the soil that is occupied. It is not the ports or the airdromes. French colonialism has settled itself in the very center of the Algerian individual and has undertaken a sustained work of cleanup, of expulsion of self, of rationally pursued mutilation.”⁹⁵

A instrumentalização do véu, seja seu uso como forma de resistência ou sua retirada como forma de atender as necessidades da revolução, mostra que a transformação necessária para se alcançar a libertação absoluta deveria ser realizada de dentro para fora: A descolonização do corpo só seria alcançada, através do martírio da identidade.

Era preciso se desprender por completo de seus próprios costumes e tradições para conseguir superar o inimigo externo. Cabia às mulheres, que por tanto tempo resistiram a retirada do véu como símbolo de resistência e manutenção de sua identidade, adentrar o mundo tão desejado e cobiçado pelo colonizador, onde a exposição da pele através do desvelamento precisava ser aceito, praticado e assimilado, para a intensificação das possibilidades de sucesso do ideal revolucionário. “Não se trata mais simplesmente de abolir o Outro: trata-se de autoabolir, libertando-se da parte servil constitutiva do eu e trabalhando pela realização do eu enquanto figura singular do universal.”⁹⁶

Se a presença do véu era posto automaticamente sob suspeita⁹⁷, seu desaparecimento atribuía a mulher argelina, a condição de camuflagem no mundo europeu⁹⁸: “(...) *the unveiled Algerian woman moves like a fish in the Western waters.*”⁹⁹

Esse novo leque de possibilidades, de movimentações, de alcances e abrangências das ações além das fronteiras do bairro sitiado pela cidade europeia, tinha seu preço. O sentimento

⁹⁵ “Não é o solo que está ocupado. Não são os portos ou os aeródromos. O colonialismo francês instalou-se no próprio centro do indivíduo argelino e empreendeu um trabalho contínuo de limpeza, de expulsão de si, de mutilação racionalmente perseguida” (Tradução do autor) FANON, Frantz. **A Dying Colonialism**. New York: Grove Press, p. 65

⁹⁶ MBEMBÉ, Achille. *Sair da Grande Noite*, Ensaio sobre a África descolonizada. Petrópolis: Vozes, 2019, p. 64

⁹⁷ FANON, Frantz. **A Dying Colonialism**. New York: Grove Press, p.62

⁹⁸ Idem, p. 59

⁹⁹ “(...) a mulher argelina sem véu se move como um peixe nas águas ocidentais.” (Tradução do autor) Idem, p. 58

de desintegração¹⁰⁰ de sua própria identidade, que antes estava sob a égide do véu, também extravasa para o âmbito social e familiar.

No capítulo 3 do mesmo livro, Fanon dá continuidade à sua abordagem através das novas percepções que brotam no seio do principal ambiente argelino: a família. Apresentando os impactos da revolução nas relações entre pais, filhos, filhas e os laços matrimoniais diante das novas necessidades que a revolução impunha, torna-se evidente que qualquer tentativa de manter a família argelina alheia aos acontecimentos externos ao lar, era simplesmente impossível: *“The old stultifying attachment to the Father melts in the sun of the Revolution.”*¹⁰¹.

O imperial e patriarcal silêncio que guiavam a centenária tradição doméstica argelina necessitou, assim como o véu, ser ressignificado e posto em suspenso diante do sistêmico abalo social implementado a partir de 1954. A vida privada, antes praticamente inalterada pelos eventos públicos, não conseguia mais manter seu núcleo blindado pela influência externa, o chamado para a ação não perdoaria os costumes.

Seja na figura do filho que acabava se tornando o responsável por introduzir a família para dentro do movimento de libertação¹⁰², ou na filha que era vista andando por um familiar ou um parente sem o uso do véu nas ruas dos bairros europeus¹⁰³ e não teme mais a voz do pai como a lei¹⁰⁴ sobre si, a figura leonina da autoridade paterna agora se vê em constante ameaça. *“This defeat of the father by the new forces that were emerging could not fail to modify the relations that had formerly prevailed in Algerian society.”*¹⁰⁵.

A vida matrimonial também foi submetida a drásticas transformações para se readaptar e proporcionar uma participação ativa, tanto do marido quanto da esposa, nos combates. A quebra das tradições causada pelo estado de exceção levava muitos casais a conflitos que seriam impensáveis em períodos anteriores ao estopim revolucionário. O balanço natural da relação doméstica perdeu seu equilíbrio, dessa forma, quanto mais os eventos externos à casa se aproximavam da realidade interna do casal, maior era a pressão para que uma reação partisse de dentro para fora do lar. Os limites entre o público e o privado se tornavam cada vez mais efêmeros.

¹⁰⁰ Idem, p. 59

¹⁰¹ “O antigo apego embrutecedor do pai derrete-se ao sol da Revolução.” (Tradução do autor) Idem, p.101

¹⁰² Idem, p. 104

¹⁰³ Idem, p.60

¹⁰⁴ Idem, p. 109

¹⁰⁵ “Esta derrota do pai pelas novas forças que surgiam não poderia deixar de modificar as relações que outrora prevaleciam na sociedade argelina.” (Tradução do autor) Idem, p. 105

Como uma panela de pressão, o inevitável choque dos universos que cercavam a figura do marido e a mulher, expandiam e inflamavam a relação, antes mantidas sob rígidas tradições. O marido se vê pressionado: “(...) *the Algerian woman would upbraid her husband for his inactivity, his refusal to commit himself, his lack of militancy.*”¹⁰⁶. A esposa vê seu instinto lançá-la ao desejo revolucionário: “*It was on the grounds of effectiveness that she persuaded her husband to allow her to become involved in action.*”¹⁰⁷. O resultado é o florescimento de uma nova sistemática organizacional: “*Little by little, resistances disappeared and the united militant couple, participating in the birth of nation, became the rule in Algeria.*”¹⁰⁸

Assim como durante o processo de ressignificação do véu, a reorganização das regras e tabus familiares também tiveram que passar por uma reinterpretação de seu papel e sua ação para o êxito da causa. Foi necessário perceber que o embate direto com as forças coloniais, só seria superado quando a própria sociedade argelina se transformasse de dentro para fora e não mais esperar que as mudanças externas produzissem efeitos reativos em seus diferentes núcleos historicamente consolidados.

Fanon traz o relato de um marido, que exemplifica perfeitamente como readequações tiveram que ser feitas:

*“You can’t imagine what it’s like to hear someone asking for your wife on the telephone. You call your wife, you hand her the receiver and you hear yourself being invited to leave the room; then your wife goes off and sometimes comes back four hours or four days later. You are given no explanation, (...).”*¹⁰⁹

Todo pequeno universo social, afetado de alguma maneira pelas décadas de assédio colonial e pela perseguição implementada desde 1954, necessitou compreender que a mudança, aparentemente inevitável, poderia ser feita de forma controlada e instrumentalizada para um fim específico: a alienação ou a revolução. Toda relação deveria ser submetida a uma minuciosa observação, guiando as mudanças e desconstruindo os nós que antes mantinham as tradições rigidamente instituídas, porém não para agradar ao colonizador, mas para enfrentá-lo.

¹⁰⁶ “(...) a argelina censurava o marido pela sua inatividade, pela sua recusa em comprometer-se, pela sua falta de militância” (Tradução do autor) Idem, p. 111

¹⁰⁷ “Foi com base na eficácia que ela persuadiu o marido a permitir que ela se envolvesse na ação.” (Tradução do autor) Idem, p. 112

¹⁰⁸ “Pouco a pouco, as resistências foram desaparecendo e o casal militante unido, participando do nascimento da nação, tornou-se regra na Argélia” (Tradução do autor) Idem, p. 112

¹⁰⁹ “Você não pode imaginar como é ouvir alguém perguntando por sua esposa ao telefone. Você chama sua esposa, passa o telefone para ela e se vê sendo convidado a sair do ambiente; então sua esposa sai e as vezes volta quatro horas ou quatro dias depois. Você não recebe qualquer explicação, (...).” (Tradução do autor) Idem, p. 115

Toda tentativa de assimilação deveria ser automaticamente reconstituída e transformada em uma ferramenta de transformação. Compreender a profundidade das feridas impostas pelo colonizador, despertaria no colonizado a consciência de que a situação não era mais como o passado, mas que das ações do presente, seria construído o futuro desejado:

*“Equally victims of the same tyranny, simultaneously identifying a single enemy, this physically dispersed people is realizing in unity and founding in suffering a spiritual community which constitutes the most solid bastion of the Algerian Revolution.”*¹¹⁰

Paralelamente ao desenvolvimento de sua observação em relação a transformação do papel da mulher e dos impactos na família argelina, Fanon traz ainda outro exemplo do processo de assimilação em prol da libertação, através do processo de inserção do rádio como instrumento de aculturação. Utilizado como um símbolo de dominação cultural pelas autoridades, a introdução do rádio como tecnologia ocidental tinha como principal função incutir nos lares argelinos a presença colonizadora através de notícias, entretenimento e informações que pudessem gradativamente naturalizar a presença e o domínio francês, através da imposição da língua e da programação dedicada a exposição do ideal de superioridade do modelo de vida europeu.

A estação *Radio-Alger*, estabelecido como o link oficial do Sistema Nacional de Transmissão Francesa, representava o braço informativo de Paris¹¹¹. Sua programação operava em duas frentes, a primeira dedicada a acalantar o espírito do colono que buscava não perder seus laços com sua terra natal, enquanto a segunda buscava se infiltrar nos lares dos nativos e sorrateiramente convencê-los a se juntar ao “mundo moderno”, *“Radio-Alger sustains the occupant’s culture (...), the voice of France in Algeria, constitutes the sole center of reference at the level of news.”*¹¹².

Para os argelinos, a adoção e a naturalização da presença desse novo veículo de informação e entretenimento não eram compatíveis a estrutura organizacional do lar:

“(...) threatens its stability and the traditional types of sociability; (...) the programs in Algeria, undifferentiated because they are copied from the Western

¹¹⁰ “Vítimas igualmente da mesma tirania, identificando simultaneamente um único inimigo, este povo fisicamente disperso vai realizando na unidade e fundando no sofrimento uma comunidade espiritual que constitui o bastião mais sólido da Revolução Argelina.” (Tradução do autor) Idem, p. 120

¹¹¹ Idem, p. 69

¹¹² “A Rádio-Alger sustenta a cultura do ocupante (...), a voz da França na Argélia, constitui o único centro de referência ao nível das notícias” (Tradução do autor) Idem, p. 71

model, are not adapted to the strict, almost feudal type of patrilineal hierarchy, with its many moral taboos, that characterizes the Algerian family.”¹¹³

Da mesma forma que as variadas tentativas de desvelar as mulheres argelinas, a resistência a compra do rádio representava uma forma de manter ouvidos e mentes distantes da influência impregnada nas músicas e notícias. Assim iam-se construindo barreiras que delimitavam claramente as áreas de pertencimento entre a classe dos colonizadores e dos colonizados: o bairro árabe (Casbah) e o bairro europeu; a vestimenta feminina árabe que enclausurava e a vestimenta libertadora europeia; as famílias que enxergavam no rádio uma ameaça e aquelas que aceitavam a voz do europeu dentro de casa.

Fanon traz em seu livro como os diversos mecanismos utilizados pelo colonizador, que buscando distanciar o colonizado de seu próprio meio, exercia diversas formas de violência ao longo do processo. Invisíveis aos olhos, por não deixar cicatrizes físicas, essas diferentes manifestações violentas buscavam desestabilizar tradições e práticas necessariamente estabelecidas dentro da comunidade árabe muçulmana, como elementos essenciais para o reconhecimento e pertencimento dos indivíduos dentro de seu próprio mundo.

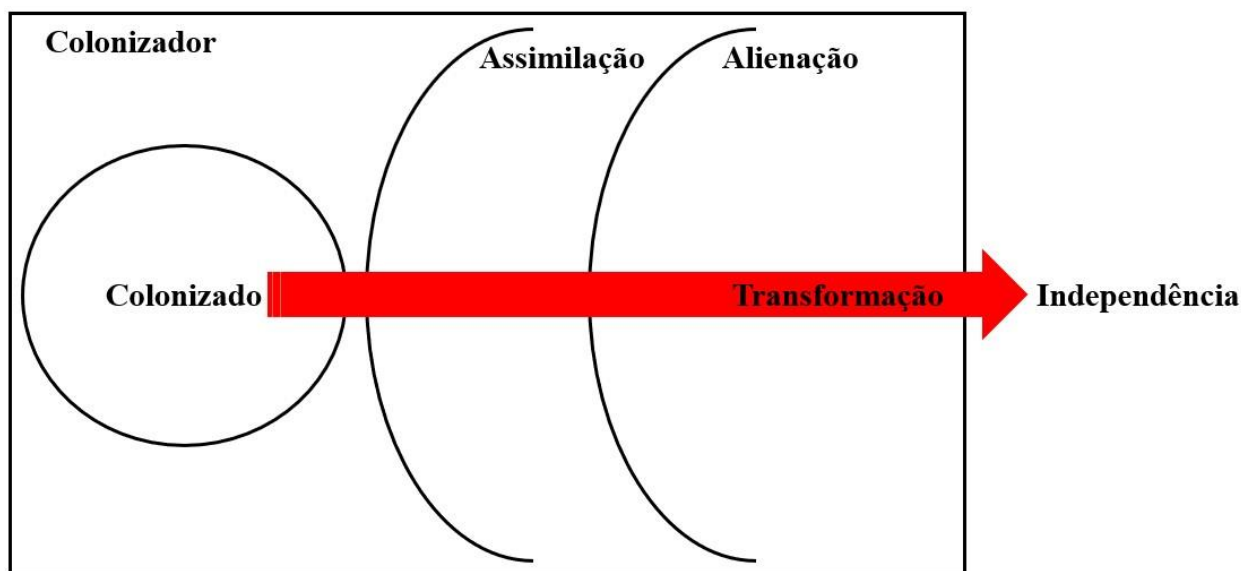
“The radio in occupied Algeria is a technique in the hands of the occupier which, within the framework of colonial domination, corresponds to no vital need insofar as the “native” is concerned. The radio, as a symbol of French presence, as a material representation of the colonial configuration, is characterized by an extremely important negative valence.”¹¹⁴

Ainda que seu alcance fosse restrito no que diz respeito a sua capacidade de infiltração dentro do mundo árabe, a figura do rádio já exercia um fator de ambivalência dentro do processo de desconstrução cultural e por mais que sua ausência nos lares simbolizasse uma forma de resistência, foi percebido que essa tática não seria o suficiente para evitar que a proliferação de notícias pudesse vir a abalar a busca pela libertação. Assim como o uso do véu teve que ser repensado e ressignificado para ser utilizado como uma arma na luta contra os franceses, o uso do rádio também deveria passar pelo mesmo processo de desconstrução e reconstrução dentro da sociedade que buscava sua independência.

¹¹³ “(...) ameaça a sua estabilidade e os tipos tradicionais de sociabilidade; (...) os programas na Argélia, indiferenciados por serem copiados do modelo ocidental, não se adaptam ao tipo estrito, quase feudal, de hierarquia patrilinear, com seus muitos tabus morais, que caracteriza a família argelina.” (Tradução do autor) Idem, p 70

¹¹⁴ “A rádio na Argélia ocupada é uma técnica nas mãos do ocupante que, no quadro da dominação colonial, não corresponde a nenhuma necessidade vital no que diz respeito ao “nativo”. A rádio, enquanto símbolo da presença francesa, enquanto representação material da configuração colonial, caracteriza-se como uma importantíssima reforçadora negativa. (Tradução do autor) Idem, p. 72 - 73

Fanon percebeu que o mundo colonizado, uma vez envolto pelas práticas de dominação colonial, era necessário a esse indivíduo que buscava alcançar sua libertação, abraçar os constantes mecanismos de assimilação, cruzar a linha da alienação e utilizar a arma do próprio colonizador como instrumento de superação para alcançar a revolução.



O movimento iniciado no dia 1º de novembro de 1954 trouxe à tona todos os problemas que vinham sendo massivamente impostos durante mais de um século de pressão colonial, mas ao mesmo tempo, provou que a sociedade e a cultural argelina não saíam ilesas desse processo em busca por libertação:

“The colonized society perceived that in order to succeed in the gigantic undertaking into which it had flung itself, in order to defeat colonialism and in order to build the Algerian nation, it would have to make a vast effort of self-preparation, strain all its joints, renew its blood and its soul. (...), the people came to realize that if they wished to bring a new world to birth they would have to create a new Algerian society from top to bottom.”¹¹⁵

As transformações que por tanto tempo tensionavam as relações entre as duas civilizações, um lado pela alienação, enquanto o outro pela tradição, deixaram de ser um instrumento de conquista e se tornaram armas de liberdade.

Conforme os eventos da guerra se desenrolavam, a figura do rádio também passou por uma resignificação: manter-se informado era na verdade, uma arma vital para a vitória.

¹¹⁵ “A sociedade colonizada percebeu que para triunfar na gigantesca empreitada em que se lançara, para derrotar o colonialismo e para construir a nação argelina, teria de fazer um grande esforço de autopreparação, reforçar suas articulações, renovar seu sangue e sua alma. (...), as pessoas perceberam que, se quisessem fazer nascer um novo mundo, teriam de criar uma nova sociedade argelina de cima a baixo.” (Tradução do autor) Idem, p.101

Paralelamente à ascensão de estações de rádio exclusivamente árabes em países como Síria, Egito e Líbano¹¹⁶, o argelino também sentiu a necessidade de uma rede de notícias que pudesse espalhar e transmitir o seu próprio ponto de vista. O combate nas ruas e nas montanhas se estendia para o campo das notícias e das ondas de transmissão, as “verdades” eram construídas como forma de combater a desinformação do adversário: “*The Algerian's reaction was no longer of pained and desperate refusal. Because it avowed its own uneasiness, the occupier's lie became a positive aspect of the nation's new truth.*”¹¹⁷

Se antes as informações eram passadas adiante pelo chamado *Arab Telephone*¹¹⁸, termo pejorativo para o popular boca-a-boca, adquirir um jornal nas bancas administradas por franceses era um claro sinal de enfrentamento: “*Every time the Algerian asked for one of these newspapers, the kiosk dealer, (...), would regard it as an expression of nationalism, equivalent to an act of war.*”¹¹⁹. Agora, o colonizado informado se tornava o terror do colonizador.

Se até 1954 possuir um rádio em casa significava estar marcado pela presença da voz que provinha da França, a partir de 1955 os aparelhos já eram preciosos veículos para se adquirir informações de fontes não-francesas¹²⁰. De 1956 em diante, a compra de um aparelho de rádio já não era mais visto como um sinal de assimilação, mas de apoio total e absoluto à revolução¹²¹, sendo que a partir de 1957 já era praxe o confisco de todos os rádios encontrados pelas tropas francesas durante as buscas e apreensões feitas em casas e estabelecimentos comerciais¹²².

Observando essa breve linha do tempo, fica bem claro a rápida absorção e ressignificação de itens que antes simbolizavam a assimilação colonizadora, transmutando-se para objetivos que agora interessavam a luta do colonizado.

Fundada no dia 16 de dezembro de 1956, em seu primeiro anúncio: “*Ici la Radio de l'Algérie libre et combattante, la voix du Front de libération s'adresse à vous, du cœur de*

¹¹⁶ Idem, p. 74

¹¹⁷ “A reação do argelino não foi mais de recusa dolorida e desesperada. Por confessar seu próprio mal-estar, a mentira do ocupante tornou-se um aspecto positivo da nova verdade da nação.” (Tradução do autor) Idem, p. 76

¹¹⁸ Idem, p. 78

¹¹⁹ “Cada vez que o argelino pedia um destes jornais, o dono do quiosque, (...), considerava-o uma expressão de nacionalismo, equivalente a um ato de guerra” (Tradução do autor) Idem, p. 81

¹²⁰ Idem, p. 82

¹²¹ Idem, p. 83

¹²² Idem, p. 96

l'Algérie”¹²³, a rádio clandestina *Voix de l'Algérie libre et combattante*¹²⁴, passava a se dedicar a transmitir informações de forma a unificar o povo argelino em torno da mesma causa e objetivo com uma programação diária de duas horas, o noticiário acontecia durante uma hora em árabe, meia hora na língua Cabília e meia hora em francês. Causando um verdadeiro frenesi pela compra de peças e baterias, foi necessário o desenvolvimento de um verdadeiro braço tecnológico por parte da FLN para dar conta de atender as demandas das pessoas, especialmente daquelas que viviam em regiões distantes e isoladas.

O monológico monopólio da informação possuído pelas autoridades francesas sobre os ouvidos argelinos foi quebrado, expandindo a guerra para o campo da tecnologia das invisíveis ondas de transmissão. Ao mesmo tempo que profissionais especializados eram escalados pelo exército francês para rastrear e identificar os locais de origem das transmissões, os próprios revolucionários também encontravam meios para difundir e expandir as estações de recepção dos sinais.

A força da palavra, antes restrita às mãos da autoridade colonial, agora estava diluída nas bocas e ouvidos dos homens e mulheres colonizados, que faziam questão de ter um aparelho de rádio dentro de casa e difundir nas ruas as informações por ele anunciadas:

*“The Voice of Fighting Algeria and all the voices picked up by the receiver now revealed to the Algerian the tenuous, very relative character, in short, the imposture of the French voice presented until now as the only one. The occupier's voice was stripped of its authority.”*¹²⁵

Dessa forma, Fanon percebeu que o corpo, a mente e a sociedade do colonizado, quando exposto a violência colonizadora, produzia anomalias físicas, mentais e sociais, alienando o povo argelino em relação a sua identidade, sua religião e sua terra. Como em um alpinismo, compreender as análises feitas em *A Dying Colonialism* se tornam basilares para se atingir o cume da sua última obra. Depois de tanto se dedicar a fazer um raio-x da violência colonial, seus impactos e transformações, Fanon se debruçaria largamente a compreender o papel da

¹²³ “Aqui a Rádio da Argélia Livre e Lutadora, a voz da Frente de Libertação fala com você, do coração da Argélia” (Tradução do autor)

¹²⁴ **La 64eme anniversaire de la création de la Radio secrète:** la voix de l'Algérie combattante. Radio Algérienne, 16 de Dezembro de 2020. Disponível em: <https://radioalgerie.dz/news/fr/article/20201216/204102.html>

¹²⁵ “A Voz da Argélia Combatente e todas as vozes captadas pelo receptor revelavam agora ao argelino o carácter tênue e relativo, da impostura da voz francesa apresentada até agora como única. A voz do colonizador foi destituída de sua autoridade.” (Tradução do autor) FANON, Frantz. **A Dying Colonialism**. New York: Grove Press, p. 95

violência como único mecanismo de resposta do indivíduo colonizado para alcançar sua liberdade. Sua teoria da violência ganharia corpo e forma.

Após 1959, Fanon teria apenas mais dois anos de vida, intensificando sua ação com fins de internacionalizar a causa argelina, ele mergulhou na produção de último livro. Sua terceira e última obra produzida em vida, *The Wretched of the Earth*, foi publicada em 1961, meses antes da assinatura dos acordos de Evian, que trariam a independência à Argélia em 1962.

Cap. 3 – Violência & Libertação

O Último Ano

As constantes viagens pelo continente africano no papel de representante internacional da FLN cobraram um alto preço da saúde de Fanon, quando no fim de 1960 após a realização de alguns exames em Túnis, ele descobre um grave caso de leucemia¹. Apesar dos diversos esforços para que seu quadro pudesse ser revertido, ou dentro do possível minimizado, o avanço da doença se tornava cada vez mais perceptível pelas constantes hemorragias que o acometiam.

Como as condições médicas tunisiana não possuíam a estrutura necessária para o tratamento adequado, uma rápida passagem pela União Soviética foi mobilizada para que Fanon pudesse dar início a um tratamento adequado. Assim, o ano de 1961 se transformou em uma corrida contra o tempo para que seus dias não passassem em vão. Manifestando seu desejo de estar o mais próximo possível da linha de frente da revolução, embora não pudesse voltar ao território argelino, Fanon acabou sendo posicionado na fronteira² para um contato direto com a realidade da guerra. Decidido a dedicar seus últimos esforços em uma última obra, Fanon escala ajudantes para datilografar suas ideias e organizá-las em forma de livro. Alice Cherki, uma das grandes referências nas biografias de Fanon, relata uma passagem que transparece a ferocidade do autor para colocar suas ideias para fora:

“Ao voltar de Moscou, Fanon inicia a redação de seu novo texto. Para isso, buscará novamente a ajuda de Marie-Jeanne Manuellan. Quando ela lhe pede as folhas para datilografar, é surpreendida com a resposta de Fanon: ‘Que folhas? O livro está aqui!’, disse ele, apontando para a testa.”³

Revisado e finalizado, em Julho daquele mesmo ano, todas as páginas já estavam na mesa do editor com a esperança de uma publicação em setembro, porém, Fanon ainda desejava um *grand finale* para fazer de sua obra, uma epítome do pensamento terceiro mundista: uma introdução escrita pelo filósofo francês Jean Paul Sartre. Após o intermédio de amigos, em agosto de 1961, Fanon tem um encontro em Roma com Simone de Beauvoir e Sartre, onde a

¹ CHERKI, Alice. **Frantz Fanon: Um Retrato**. São Paulo, Editora Perspectiva LTDA, 2022, p. 228

² Idem, p. 229

³ Idem, p. 233

confirmação de sua participação traz o sentimento que essa obra ficaria radicalmente marcada na literatura.

Um livro produzido por um martinicano, sobre o conflito revolucionário argelino e com a introdução de um dos maiores nomes da esquerda francesa, por si só já era uma pesada afronta contra os ideais de dominação e manutenção do sistema francês. Já não bastasse o intenso e flamejante conteúdo de suas páginas, seu lançamento estaria carregado de significativos simbolismos. Embora o texto tenha sido brevemente proibido pelo governo francês em um primeiro momento, não tardou para que a mídia se mobilizasse a veicular uma carta produzida pelo editor, Maspero, que questionava: “Este livro oferece uma crítica histórica e sociológica global. Como exatamente isso constitui uma ameaça à segurança nacional?”⁴

A obra originalmente intitulada de *Les Damnés de La Terre*, sendo a versão francesa lançada em 1961 e traduzida para o inglês (*The Wretched of the Earth*) em 1963, foi dividida em cinco capítulos, mais sua conclusão. Diferentemente de seus demais textos, aqui, temos pontuações cada vez mais ativas em relação as produções feitas ao longo de seu trajeto de médico e revolucionário, o observador revolucionário psiquiatra realiza o chamado da ação.

Quando se embarca definitivamente para dentro da obra, pode-se extrair duas diferentes percepções sobre sua essência. A primeira, quando visualizada de forma isolada dentro de sua construção bibliográfica, é provavelmente a principal causa de uma má interpretação de Fanon, pois o ímpeto combativo em suas palavras transparece a romantização e uma apologia à violência descontrolada, porém descontextualizada do cenário real vivido pelo autor e pela própria obra em seu processo de construção. Sendo de fato um livro voltado para a transformação, olhos e mentes desavisados acabam comprometendo a mensagem por trás das flamejantes ideias aqui delineadas. As aberturas dos capítulos anunciam que ali dentro não serão encontrados momentos de bonança, mas concepções para colonizados que, combatendo seus colonizadores, buscam florescer uma nova sociedade. A segunda percepção, quando a obra é vislumbrada em um panorama de perspectiva com seus demais trabalhos, traz um reflexo mais palpável da razão de sua rápida escalada dentro do campo da violência. Ver esse livro como sua última produção traz à tona o sentimento que depois de tanto observar, diagnosticar, tratar, escrever e politizar, a linha da negociação política já foi excluída das opções e a única saída é

⁴ Idem, p. 239

a consciência da total e absoluta libertação da terra, da mente e da identidade do indivíduo por tanto tempo colonizado e oprimido: “(...) *decolonization is always a violent phenomenon*.”⁵

“Ao contrário de *O Ano V*, em que se dirigia, em parte, aos intelectuais de esquerda franceses, o último livro de Fanon destina-se aos colonizados empenhados na luta anticolonial com os quais ele viveu desde o momento em que escolheu se juntar à FLN, em Túnis. Escreve para os seus companheiros argelinos e africanos. (...) ele está falando do momento histórico no qual está imerso;”⁶

Escrito e conjugado majoritariamente no tempo presente⁷, se lido com vigor, é possível elevar os textos à experiência catártica de enxergar um orador bradando cada palavra em um palco diante de seus ouvintes. O balanço entre os tempos verbais se dá entre fronteiras efêmeras: se utilizando do passado para se referir ao modelo imposto pelas práticas coloniais; do presente para se dirigir aos revolucionários; e reservando o tempo futuro para suas elucubrações sobre os próximos passos a serem tomados.

“(...) *a Third World which is rising like the tide to swallow up all Europe. The Third World does not mean to organize a great crusade of hunger against the whole of Europe. What it expects from those who for centuries have kept it in slavery is that they will help it to rehabilitate mankind, and make man victorious everywhere, once and for all.*”⁸

Depois de tanto trabalhar na identificação das táticas do sistema colonial por meio da observação do indivíduo colonizado, Fanon parte para uma abordagem diferente, ele não pretende mais medir os impactos e os transtornos causados pelo colonizador, mas registrar os efeitos colaterais desse processo de assimilação, dentro da luta de libertação. Como a única linguagem dentro da comunicação entre o colonizador para com o colonizado, era a violência, a única forma encontrada por esse corpo oprimido se manifestar, era também através da violência.

Se o objetivo de Fanon era legar seu testamento intelectual, o resultado foi uma ode voltada a edificar entre aqueles que se viam como desiguais, o espírito de igualdade. Seus textos desvelam luz sobre aqueles que antes estavam sob a escuridão do neocolonialismo e do

⁵ “(...) descolonização sempre é um fenômeno violento.” (Tradução do autor) FANON, Frantz. **The Wretched of the Earth**. Penguin Classics, 2001, p. 27

⁶ CHERKI, Alice. **Frantz Fanon: Um Retrato**. São Paulo, Editora Perspectiva LTDA, 2022, p. 247

⁷ CAUTE, David. **Frantz Fanon**. New York: The Viking Press, 1970, p. 74

⁸ “(...) um Terceiro Mundo que se eleva como a maré para engolir toda a Europa. O Terceiro Mundo não pretende organizar uma grande cruzada de fome contra toda a Europa. O que ela espera daqueles que durante séculos a mantiveram na escravidão é que a ajudem a reabilitar a humanidade e a tornar o homem vitorioso em todos os lugares, de uma vez por todas.” (Tradução do autor) FANON, Frantz. **The Wretched of the Earth**. Penguin Classics, 2001, p. 84

humanismo capitalista europeu, trazendo à superfície intelectual uma voz que, embora fosse uníssona entre aqueles que o cercavam, estava a muito silenciada.

A essa altura da história, não se tratava apenas de vencer ou perder a guerra, mas de despertar a consciência local, regional e mundial, da situação que já se arrastava a mais de um século. Aqui Fanon busca descrever os estragos causados pelo ímpeto colonial e como construir algo novo a partir dos escombros deixados pela República em seu desejo de não perder sua posição de potência diante da Argélia. O filósofo camaronês Achille Mbembe coloca: “Como não enxergar que a *plantation* e a *colônia* recusam radicalmente a possibilidade de pertencimento a uma *humanidade comum*, essa pedra angular da ideia republicana?”⁹

A Violência

Conforme o tempo avança na linha biográfica e literária de Fanon, se torna possível perceber uma aproximação cada vez maior de seus pensamentos e reflexões com o campo da violência. Enquanto seu período como psiquiatra em Blida o colocava em conflito entre seu dever médico e a incurável realidade colonial, seu consequente exílio na Tunísia acabou por mergulhá-lo por completo na luta pela independência, firmando seus laços com a FLN e seus interesses pela libertação incondicional argelina. Desde seu pedido formal de demissão de Blida em 1956¹⁰, passando por suas contribuições como correspondente no jornal *El Moudjahid*¹¹, até sua última obra *The Wretched of the Earth* (1961), Fanon passa a se dedicar integralmente a rastrear e identificar as formas de violência utilizadas pela máquina colonial.

Seu desejo de uma África livre dos valores assimilacionistas europeus, marcaram em seus textos o desenvolvimento de uma identidade descolonizadora essencialmente própria: esse processo deveria possuir o caráter nacionalista em sua forma e a violência em seu conteúdo.¹²

Embora muito se debata acerca dos limites que envolvam o aspecto da violência, inegavelmente, um cenário de opressão como o vivido pelos colonizados africanos é

⁹ MBEMBE, Achille. **Sair da Grande Noite**, Ensaio sobre a África descolonizada. Petrópolis: Vozes, 2019, p. 115 - 115

¹⁰ FANON, Frantz. **Alienação e Liberdade – Escritos Psiquiátricos**. São Paulo: UBU Editora, 2021, p. 292 - 294

¹¹ FAUSTINO, Deivison Mendes. **Franz Fanon: um revolucionário, particularmente negro**. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2018, p. 97

¹² CAUTE, David. **Frantz Fanon**. New York: The Viking Press, 1970, p. 88

essencialmente um cenário propício à manifestação de diferentes formas de violência no dia a dia¹³. Dedicados a legitimação de seu poder e autoridade, a ascensão e o desenvolvimento cultural, econômico e social das potências europeias estavam condicionados em condição *sine qua non* à mumificação e obliteração de outras culturas¹⁴, sendo assim, o processo colonial não pode ser entendido separadamente da possibilidade de tortura ou violação dos direitos daquele a serem subjugados. A violência é estabelecida como o meio na qual a relação entre colonizador e colonizado se estabelece¹⁵.

Conforme apontado por Bulhan (1985)¹⁶, existem dois aspectos essenciais para que seja possível perceber e distinguir as diferentes manifestações de violência: a intenção e a consequência. Tais classificações podem ajudar na tipificação das violências analisadas e interpretadas por Fanon em seus escritos. Estando o conceito de *intenção* atrelado ao perpetrador e seus fins, enquanto a *consequência* está anexada a vítima, para a análise proposta por Bulhan se torna necessário enxergar a primazia da *intenção* sobre a *consequência*¹⁷, ou seja, para que a compreensão possa acontecer, é dada prioridade a quem realiza o ato violento sobre quem recebe a violência.

A partir desse espectro analítico pode-se observar e distinguir o fenômeno da violência sob diferentes óticas, como: *violência instrumental* e *violência expressiva*¹⁸. Por *violência instrumental* entende-se toda imposição de dor que tem como objetivo induzir uma outra pessoa a agir ou decidir contra suas próprias vontades, enquanto por *violência expressiva* entende-se àquela que busca apenas causar dor e sofrimento como seu próprio fim. Outra maneira de se enxergar o fenômeno violento, está associado ao campo da legitimidade ou da ilegitimidade, enquanto a primeira se manifesta através de ações legalmente sancionadas, como pelas forças policiais ou militares em situações de guerra, a última se resume a toda ação que busca o enfrentamento das leis e normas socialmente aceitas.

Assim, ao colocar a situação descrita por Fanon diante desses parâmetros acerca das diferentes formas de se enxergar uma manifestação violenta, torna-se possível identificar que os agentes policiais ou militares, que aplicavam as diferentes técnicas e métodos de tortura

¹³ BULHAN, Hussein Abdilahi. **Frantz Fanon and the Psychology of Oppression**. New York: Plenum Press, 1985, p. 131

¹⁴ Idem, p. 38

¹⁵ FANON, Frantz. **Toward the African Revolution**. Pelican Books, 1970, p. 76

¹⁶ BULHAN, Hussein Abdilahi. **Frantz Fanon and the Psychology of Oppression**. New York: Plenum Press, 1985, p. 131

¹⁷ Idem, p. 133

¹⁸ Idem, p. 133

sobre a população colonizada, não estariam quebrando absolutamente nenhuma lei¹⁹. Pelo contrário, sua intenção de realizar a manutenção legítima da instituição colonial e suas diferentes manifestações de violência instrumental, deposita sobre eles a necessidade de violentar expressivamente aqueles que ameaçam a ordem e o sistema francês para que revelem informações ou os alienem de sua própria identidade cultural.

Em contrapartida, tem-se naqueles que buscam a independência e a descolonização o rótulo do terrorista que inflige dor e sofrimento sobre a população civil através de suas ações paramilitares e atentados ilegítimos, buscando através dos meios necessários causar o sentimento de terror como sinais de vingança, mesmo que para isso seja necessário infringir a lei e entrar em confronto com forças policiais.

Diante dessa lógica, a definição de *intencionalidade* tem valor exclusivo para o colonizador, que possui um passe livre e irrestrito para agir sem se preocupar com as *consequências* de seus atos. Na mesma medida, o inverso não se torna verdadeiro, pois quando o colonizado, infausto pelas violências assimilacionistas coloniais, buscando resistir com mesma intensidade à instituição opressora, sua *intenção* cai por terra aos olhos do mundo civilizado.

Nesse ponto, a experiência dos relatos médicos de Fanon traz o que ele denomina como um tipo de despersonalização psicótica de ansiedade: a dor afeta não apenas as vítimas da violência, mas também seus perpetradores. Seja o policial europeu responsável pelas torturas a suspeitos de terrorismo, que sofre surtos psicóticos e acaba por agredir sua própria esposa e filhos²⁰ ou o argelino sobrevivente de um massacre realizado por soldados franceses que desenvolveu impulsos homicidas²¹, nenhuma psique sai impune desse cenário de conflito. Toda morte é, por definição, desumanizadora.²²

Tais violências legítimas e instrumentalizadas acabam por se manifestar em diferentes frentes de ação: através de atores humanos e de atores institucionais²³. A violência pessoal, exercida por indivíduos e atores humanos, se torna mais fácil de ser percebida pois acaba por expor a olhos vistos as linhas determinantes que dividem e oprimem um determinado grupo

¹⁹ FANON, Frantz. **Toward the African Revolution**. Pelican Books, 1970, p. 81

²⁰ FANON, Frantz. **The Wretched of the Earth**. Penguin Classics, 2001, p. 215

²¹ Idem, p. 208

²² CAUTE, David. **Frantz Fanon**. New York: The Viking Press, 1970, p. 95

²³ BULHAN, Hussein Abdilahi. **Frantz Fanon and the Psychology of Oppression**. New York: Plenum Press, 1985, p. 136

(vítima), à revelia das vontades do opressor (perpetrador). Nesse caso, Fanon²⁴ e a história²⁵ nos apresentam incansáveis exemplos de torturas, massacres e estupros, como um *modus operandi* necessariamente essencial para a manutenção desse sistema.

Por outro lado, a violência institucional acaba adquirindo facetas mais complexas de serem identificadas, geralmente associadas a condições da realidade social, elas dominam o fazer-se diário dos indivíduos envolvidos nesse tipo de violência. Para Fanon, esse modelo está especialmente presente no mundo colonial vivido por aqueles que experimentam a fronteira que divide a existência do opressor e do oprimido.

Essa fronteira que corta o mundo colonial em dois²⁶ é dividida e compartimentada em instâncias e espaços com diferentes intensidades, enquanto uns se apresentam de maneira gritante aos olhos, outros vão lenta e gradualmente infiltrando a acomodação sensorial daqueles que lidam diariamente com suas manifestações. De maneira similar ao regime do Apartheid, a geografia espacial e institucional das cidades revelam uma organização adaptada à exclusão percebida e sinalizada a ser respeitada. As barreiras e postos policiais, prédios escolares, moradias e oportunidades de trabalho expressam os limites entre o pertencimento e o desconforto. Cabe ao agente colonizador exercer a linguagem da força, da repressão e da separação, seja no cercear do ir e vir, na privação da educação, na manutenção das péssimas condições de vida ou na oportunidade limitada de trabalho, é essencial que o colonizado perceba onde sua presença não é bem-vinda e que a fronteira urbana e social passe a se manifestar também em sua mente.

Uma vez dominada a mente, passa-se a investir na acomodação visual e intelectual desse indivíduo, alienando-o de sua própria cultura, na instalação de estátuas²⁷ que trazem à tona a memória da conquista militar e a imagem do civilizador, exaltando seu papel no avanço tecnológico e cultural trazendo o conflito em torno da memória, que é lentamente retirada pela destruição da história e reconstruída através da revisão de origens e raízes distantes que são gradativamente implantadas por parte do colonizador, renascendo espíritos ufanistas que nunca pertenceram aos colonizados:

“The settler makes history and is conscious of making it. And because he is constantly refers to the history of his mother country, he clearly indicates that he himself is the extension of that (...). Thus the history which he writes is not the history

²⁴ FANON, Frantz. **Toward the African Revolution**. Pelican Books, 1970, p. 76

²⁵ ALLEG, Henri. **A Tortura**. São Paulo: Todavia, 2020

²⁶ FANON, Frantz. **The Wretched of the Earth**. Penguin Classics, 2001, p. 29

²⁷ Idem. p. 40

of the country which he plunders but the history of this own nation in regard to all that she skims off, all that she violates and starves.”²⁸

Diante de tantos elementos que circundam o colonizado e toda a instrumentalização legitimadora de forças que trabalham constantemente para sua despersonalização, alienação, assimilação e desumanização, a dúvida é: Quais as opções disponíveis para a reabilitação e independência desse indivíduo oprimido?²⁹

Para Fanon:

“(...) what every Algerian felt at heart: colonialism is not a thinking machina, nor a body endowed with reasoning faculties. It is a violence in its natural state, and it will only yield when confronted with greater violence.”³⁰

Em seu último trabalho, *The Wretched of the Earth*, lançado no ano de sua morte e quase dez anos após seu primeiro livro, Fanon traz no primeiro capítulo uma elaborada leitura acerca do que viria a ser conhecida como sua Teoria da Violência. Detalhando os diversos elementos que envolvem a relação entre o colonizador e o colonizado, através de sua visão médica psiquiátrica, sua ideia ganha corpo através da capacidade de olhar para os problemas do colonizado com uma perspectiva de alguém que já esteve dos dois lados. Sendo inicialmente um homem colonizado na Martinica, seu caminho até a Argélia o colocou absolutamente imerso no universo colonizador, como soldado durante a segunda Guerra Mundial, como estudante em Lyon e como médico em Blida.

Para ele, a solução estaria presente no conceito de violência de autodefesa anticolonial³¹, ou seja, toda e qualquer forma de combater os movimentos de desumanização desenvolvidos pelas forças coloniais. A luta revolucionária descolonizadora traz consigo o combate em diferentes *fronts* para a libertação da terra, das psiques³², dos simbolismos e códigos³³ que

²⁸ “O colono faz história e tem consciência de fazê-la. E porque se refere constantemente à história da sua pátria, indica claramente que ele próprio é a extensão dela (...). Assim, a história que ele escreve não é a história do país que ele saqueia, mas a história desta própria nação em relação a tudo o que ela rouba, tudo o que ela viola e passa fome.” (tradução do autor) Idem. p. 40

²⁹ BULHAN, Hussein Abdilahi. **Frantz Fanon and the Psychology of Oppression**. New York: Plenum Press, 1985, p. 139

³⁰ “(...) o que cada argelino sentia no coração: o colonialismo não é uma máquina pensante, nem um corpo dotado de faculdades de raciocínio. É uma violência em seu estado natural, e só cederá quando confrontada com uma violência maior.” (tradução do autor) FANON, Frantz. **The Wretched of the Earth**. Penguin Classics, 2001, p. 48

³¹ RABAKA, Reiland. **Forms of Fanonism: Frantz Fanon’s Critical Theory and the Dialectics of Decolonization**. Plymouth: Lexington Books, 2011, p. 132

³² BULHAN, Hussein Abdilahi. **Frantz Fanon and the Psychology of Oppression**. New York: Plenum Press, 1985, p. 139

³³ RABAKA, Reiland. **Forms of Fanonism: Frantz Fanon’s Critical Theory and the Dialectics of Decolonization**. Plymouth: Lexington Books, 2011, p. 132

envolvem as relações raciais de poder transversalmente presentes nas manifestações de violência e barbárie.

Logo em suas primeiras páginas é possível perceber os parâmetros previamente aqui delineados sobre o proceder da práxis revolucionária:

*“National liberation, national renaissance, the restoration of nationhood to the people, commonwealth: whatever may be the headings used or the new formulas introduced, decolonization is always a violent phenomenon. (...) Decolonization is the meeting of two forces, opposed to each other by their very nature, (...) Their first encounter was marked by violence and their existence together (...) was carried on by dint of a great array of bayonets and cannon.”*³⁴

A relação maniqueísta³⁵ existente entre as forças absolutamente opostas entre si determina ao processo descolonizador não apenas a eliminação e destruição completa da figura do colonizador, mas também na necessária implosão do conceito da imagem do colonizado, o desafio do processo revolucionário estaria no estabelecimento de novos padrões que pudessem “reconhecer a figura do ‘ser humano’ no rosto do Outro desfigurado pela violência do racismo”³⁶. A verdadeira descolonização está além da superação militar ou material imposta por tantos anos de violentas relações coloniais, para que esse processo seja verdadeiro, ele necessita fincar suas garras em camadas ainda mais profundas, substituindo não apenas líderes políticos ou títulos burocráticos, mas suplantando o sistema solidamente enraizado nos meandros práticos e ideológicos. Como Fanon relata: *“Decolonization is the veritable creation of new men. (...) the ‘thing’ which has been colonized becomes man during the same process by which it frees itself.”*³⁷

Um dos mecanismos mais praticados pelo sistema colonial para o enraizamento político e econômico imperialista nas regiões a serem dominadas, além da tradicional violência física e das diversas investidas visando a dominação psicológica, passava pela introdução do sistema capitalista³⁸ eurocêntrico dentro da nova sociedade. Esse modelo, adaptado a realidade norte

³⁴ “Libertação nacional, renascimento nacional, restauração da nacionalidade ao povo, comunidade: quaisquer que sejam os títulos usados ou as novas fórmulas introduzidas, a descolonização é sempre um fenômeno violento. (...) A descolonização é o encontro de duas forças, opostas pela sua própria natureza, (...) O seu primeiro encontro foi marcado pela violência e a sua convivência (...) foi feita à força de uma grande quantidade de baionetas e canhões.” (tradução do autor) FANON, Frantz. **The Wretched of the Earth**. Penguin Classics, 2001, p. 27 - 28

³⁵ KAWASH, Samira. **Frantz Fanon: Critical Perspectives**. Org. Anthony C. Alessandrini. New York: Routledge, 1999, p. 242

³⁶ MBEMBÉ, Achille. **Sair da Grande Noite**, Ensaio sobre a África descolonizada. Petrópolis: Vozes, 2019, p. 118

³⁷ “A descolonização é a verdadeira criação de novos homens. (...) a ‘coisa’ colonizada torna-se homem durante o mesmo processo pelo qual se liberta.” (tradução do autor) FANON, Frantz. **The Wretched of the Earth**. Penguin Classics, 2001, p. 28

³⁸ RABAKA, Reiland. **Forms of Fanonism: Frantz Fanon’s Critical Theory and the Dialectics of Decolonization**. Plymouth: Lexington Books, 2011, p. 133

africana, selecionava e concentrava riquezas e interesses nas mãos de uma exclusiva parcela populacional, relegando à elite urbana uma posição de privilégios.

Em 1955, um ano após o início da revolução, apenas 0,1% da população muçulmana árabe argelina estava classificada como industrialista³⁹, ou seja, embora fosse numericamente representativa, ela era política e socialmente vulnerável. Para Fanon, o sucesso da revolução armada estaria concentrado na seguinte tríade⁴⁰: no ardor da população colonizada pela busca da liberdade; na ideia de que as colônias agora haviam evoluído a condição de mercado, assim não seria mais interessante à burguesia a manutenção de um cenário de guerra total; e como consequência da Guerra Fria, no medo de parte do ocidente de uma influência comunista nos movimentos revolucionários.

Esse último elemento, dava ao processo revolucionário argelino elementos mais complexos, pois as condições internacionais exerciam uma pressão ainda maior ao retrato enfrentado pela administração europeia. Se os instrumentos de exploração do sistema capitalista, como carteis e monopólios, são os reais inimigos dos países subdesenvolvidos⁴¹, é justamente com a ascensão do chamado Terceiro Mundo que a reviravolta acontece. Ao negarem a permanência das condições das relações econômicas com suas antigas metrópoles, o posicionamento estratégico dessas regiões diante da disputa entre os dois blocos do conflito geopolítico lhes garante uma privilegiada moeda de negociação com o primeiro mundo: a antiga metrópole, agora se vê como economicamente dependente⁴² de um possível novo aliado ao bloco comunista.

Assim, não caberia à elite burguesa (nacional ou colonial) ou às autoridades governamentais agirem ativamente para a realização da revolução, a real força propulsora desse movimento estaria, para Fanon, nas mãos da classe que sempre sobreviveu privada das condições básicas de vida e proibida ao acesso de todo e qualquer benefício que a vida europeia pudesse oferecer.⁴³

Enquanto a nascente burguesia africana, na busca por poder econômico⁴⁴ acabava por se submeter a todas as constantes violências coloniais e suas manifestações racistas de

³⁹ CAUTE, David. **Frantz Fanon**. New York: The Viking Press, 1970, p. 74 - 75

⁴⁰ Idem, p. 89

⁴¹ FANON, Frantz. **The Wretched of the Earth**. Penguin Classics, 2001, p. 78

⁴² Idem, p. 77

⁴³ RABAKA, Reiland. **Forms of Fanonism: Frantz Fanon's Critical Theory and the Dialectics of Decolonization**. Plymouth: Lexington Books, 2011, p. 136

⁴⁴ HUDIS, Peter. **Frantz Fanon: Philosopher of the Barricades**. Londres: Pluto Press, 2015, p. 115

autoridade em troca de uma fatia de riqueza, caberia àqueles que passam fome e que sentem na pele a desfiguração de sua identidade cultural, constituir a real força espontânea revolucionária e resistir aos assédios, buscando superar as investidas dominadoras coloniais⁴⁵.

*“This cultural obliteration is made possible by the negation of national reality, by new legal relations introduced by the occupying power, by the banishment of the natives and their customs to outlying districts by colonial society, by expropriation, and by the systematic enslaving of men and women.”*⁴⁶

O processo de ocidentalização duramente implementado pelas medidas assimilacionistas não consegue ultrapassar costumes e tradições dentre os quais a população campestre ainda se abriga, mantendo sua estrutura social intacta quase que de maneira reacionária diante das propagandas que atraem a população das cidades⁴⁷. Sendo esses últimos considerados traidores e imorais, os habitantes do campo os acusam de terem afrouxado demais as rédeas e cedido de maneira escancarada as roupas, costumes e até a língua do europeu.

O que a princípio se apresenta apenas como uma velha disputa entre a área rural e a área urbana, assume o papel de uma das principais técnicas de conquista do colonizador:

*“Here, we are not dealing with the old antagonism between town and country; it is the antagonism which exists between the native who is excluded from the advantages of colonialism and his counterpart who manages to turn colonial exploitation to his account.”*⁴⁸

O dividir para conquistar se apresenta mais uma vez, exacerbando as tensas relação entre toda e qualquer possível divisão dentro do território a ser colonizado, sejam étnicas, religiosas e nesse caso, de acesso a privilégios. Usando os antagonismos de interesses, os colonizadores fizeram com que cada vez mais os movimentos nacionalistas perdessem forças, já que o ponto focal agora não estava mais em torno apenas de aspectos culturais, mas sim de processos de adaptação e grau de assimilação de elementos ocidentais. Toda fragilidade que sinalizasse uma brecha na relação entre os próprios colonizados, deveria ser aproveitada para fragilizar ainda mais qualquer possibilidade de unificação e alinhamento de propósitos que definisse a independência incondicional como fim a ser conquistado.

⁴⁵ RABAKA, Reiland. **Forms of Fanonism: Frantz Fanon's Critical Theory and the Dialectics of Decolonization**. Plymouth: Lexington Books, 2011, p. 136

⁴⁶ “Esta obliteração cultural é possibilitada pela negação da realidade nacional, pelas novas relações jurídicas introduzidas pelo poder ocupante, pelo banimento dos indígenas e seus costumes para os bairros periféricos pela sociedade colonial, pela expropriação e pela escravização sistemática dos homens e mulheres”. (Tradução do autor) FANON, Frantz. **The Wretched of the Earth**. Penguin Classics, 2001, p. 190

⁴⁷ Idem, p. 88

⁴⁸ “Aqui, não estamos lidando como um velho antagonismo entre cidade e campo; é o antagonismo que existe entre o nativo que é excluído das vantagens do colonialismo e sua contraparte que consegue virar a exploração colonial a seu favor” (tradução do autor) Idem, p. 89

Para Fanon, a superação individual da completa despersonalização imposta pelas forças coloniais seria alcançada unicamente através da libertação do colonizado do complexo de inferioridade⁴⁹ que foi cultivado dentro dele de tantas formas ao longo de tantos anos. Esse movimento de libertação⁵⁰ teria como força catalisadora, a violência, pois ela não apenas tornaria esse indivíduo um combatente indomável, mas restauraria nele o auto respeito e o sentimento de pertencimento ao movimento de libertação, que agora toma conta dos demais ao seu redor.

“Massacres, tortures, viols des femmes, confiscation des biens, ont été la politique coloniale pour humilier et soumettre le peuple algérien. Cet engrenage de la violence comme stratégie, n’a fait qu’encourager les nationalistes algériens qui ont relevé le défi de se battre jusqu’à la mort pour arracher l’indépendance du pays.”⁵¹

Se antes o sistema colonial impunha sobre esse indivíduo forças intencionalmente instrumentalizadas com o objetivo de alienar e despersonalizar, a partir dessa tomada de consciência da importância do aspecto violento, ele se sente parte constituinte de uma corrente de ação ativa, “(...) *all those men and women who are fighting with their bare hands against French colonialism in Algeria are not by any means strangers to the national cultural of Algeria.*”⁵²

Impossibilitado de continuar sua vida como se nada estivesse acontecendo e incapaz de continuar aceitando as frentes de opressão colonial, não é mais viável continuar de olhos fechados diante de seus iguais sendo submetidos às torturas por participarem dos movimentos de resistência: “*colonialism is not a thinking machine, nor a body endowed with reasoning faculties. It is violence in its natural state, and it will only yield when confronted with greater violence*”⁵³. Em certo aspecto, a violência é a liga responsável em aproximar as distantes partes desse inteiro mundo colonial.

Sendo assim, a relação entre colonizador e colonizado agora é balanceada por uma nova métrica nas quais as forças se convergem reciprocamente em uma mesma direção, rompendo o

⁴⁹ Idem, p. 76

⁵⁰ Fanon utiliza o termo “*cleansing force*”, em português, “força de limpeza”, ou seja, um processo de limpeza interno de todas as influências que a sociedade colonial impunha sobre ele.

⁵¹ “Massacres, tortura, violação de mulheres, confisco de bens, foram a política colonial para humilhar e submeter o povo argelino. Esta espiral de violência como estratégia apenas encorajou os nacionalistas argelinos que aceitaram o desafio de lutar até a morte pela independência do país.” (Tradução do autor) **El Haïk** – Identité Algérienne au féminin. Musée Public National du Bardo, 2015-2016, p. 64

⁵² “(...) todos aqueles homens e mulheres que estão lutando com suas próprias mãos contra o colonialismo francês na Argélia não são de forma alguma estranhos à cultura nacional da Argélia” (Tradução do autor) FANON, Frantz. **The Wretched of the Earth**. Penguin Classics, 2001, p. 187

⁵³ “colonialismo não é uma máquina pensante, nem um corpo dotado de faculdades racionais. Ele é violência em seu estado natural e só irá ceder quando confrontado com uma violência maior.” (tradução do autor). Idem, p. 48

antigo limite assimétrico que antes dividia as intenções e consequências dos atos violentos. A violência colonizadora encara a contra-violência dos movimentos de resistência dos colonizados, transformando o país em um palco de violências mútuas que indiscriminadamente buscam prevalecer suas vontades: o colonizador legitimamente instrumentalizando sua imposição pessoal e institucional, contra um colonizado ilegitimamente expressando sua resistência e desejo de independência. “(...) *The alternative is not between Algérie Algérienne and Algérie Française but between and independent Algeria and a colonial Algeria.*”⁵⁴

Se para uns⁵⁵, o apelo de Fanon sobre o papel da violência como o caminho individual em direção a coletividade para se alcançar a independência pode trazer aspectos perigosos, para outros, o autor martiniquense busca enxergar a violência além de seu espectro conceitual, como o meio transformador que levou esse indivíduo oprimido a enxergar nele mesmo sua própria solução, para Fanon a violência seria o predicado, não o sujeito de sua análise⁵⁶, ou seja, sua teoria da violência não coloca o ato violento em si no centro do problema, pois esse posto é reservado em primeiro lugar ao indivíduo colonizado. Para ele a violência é unicamente, o caminho que levou esse homem até essa condição e em mesma proporção, o caminho encontrado para que ele pudesse sair dessa posição: “*The Development of violence among the colonized people will be proportionate to the violence exercised by the threatened colonial regime.*”⁵⁷

A aceitação desse pressuposto como base para a linha de ação revolucionária não foi de fácil digestão para o mundo colonizado que via nesse discurso uma carta branca que banalizava o uso indiscriminado da violência como método revolucionário. Sendo interpretado como uma forma de queimar pontes com os partidos e grupos internacionais que pudessem apoiar o movimento argelino, foi questão de tempo para que até mesmo os franceses apoiadores da causa, passassem a repensar suas manifestações.

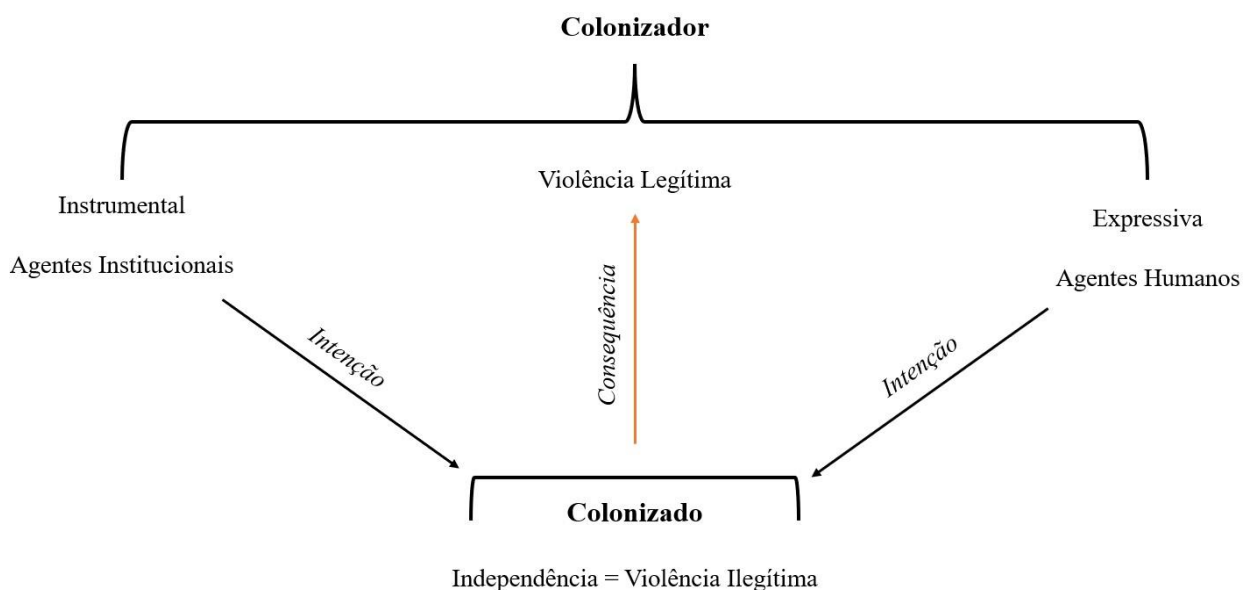
⁵⁴ “A alternativa não é entre a Argélia argelina ou uma Argélia francesa, mas entre uma Argélia independente e uma Argélia colonial” (tradução do autor). Idem, p. 70

⁵⁵ BULHAN, Hussein Abdilahi. **Frantz Fanon and the Psychology of Oppression**. New York: Plenum Press, 1985, p. 145

⁵⁶ HUDIS, Peter. **Frantz Fanon: Philosopher of the Barricades**. Londres: Pluto Press, 2015, p. 121

⁵⁷ “O desenvolvimento da violência entre os colonizados será proporcional à violência exercida pelo regime colonial ameaçado.” (tradução do autor) Frantz. **The Wretched of the Earth**. Penguin Classics, 2001, p. 69

Dessa forma, a partir da conceituação de violência a partir de Bulhan, podemos enxergar em Fanon o seguinte cenário:



Tendo o colonizador, a condição de impor sua vontade através da burocratização estatal e legitimação de seu ideal dominador, ele pode intencionalmente manifestar suas facetas violentas através de seus agentes institucionais e suas políticas assimilacionistas ou através de seus agentes militares e policiais, responsáveis por reprimir e coagir toda tentativa de resistência. Tais formas de intencionalidade ficam bem claras quando observadas as demais obras de Fanon, como estudante (*Peles Negras, Máscaras Brancas*), como médico (*Alienação e Liberdade*) e como revolucionário (*A Dying Colonialism* e *Toward the African Revolution*). Ao indivíduo colonizado, resta apenas a consequência de todo esse processo, em que através da violência, considerada ilegítima pelos olhos franceses, ele encontra um caminho legítimo para sua própria libertação: “*The Fanonian process of decolonization is not only national in form but violent in content. Colonialism is violence, political, military, cultural, and psychic; only a counterviolence operating in the same spheres can eradicate it.*”⁵⁸

Em uma série de artigos reunidos sob o título de *French Intellectuals and Democrats and The Algerian Revolution*⁵⁹ para o periódico *El Moudjahid* em Dezembro de 1957, Fanon traz alguns elementos e conceitos que demonstram os moldes do pensamento revolucionário acerca do sistema colonial e da imagem do colonizador. Endereçando sua crítica a esquerda

⁵⁸ “O processo Fanoniano de descolonização não é apenas nacional na forma, mas violento no conteúdo. O colonialismo é violência, política, militar, cultural e psíquica; só uma contra-violência operando nas mesmas esferas pode erradicá-la.” (Tradução do autor) CAUTE, David. **Frantz Fanon**. New York: The Viking Press, 1970, p. 88

⁵⁹ FANON, Frantz. **Toward the African Revolution**. Pelican Books, 1970, p. 86 - 101

francesa que a princípio aparentava apresentar apoio político e intelectual à causa argelina, quando essa se vê diante das determinações de se enxergar e combater todo francês em território argelino como um opressor, passa-se a revelar que a pseudo-solidariedade⁶⁰ dos partidários europeus se desfez na mesma proporção que as torturas passaram a surgir.

Tais hipocrisias retratam apenas mais uma das reais faces do ideal presente na mentalidade do colonizador, “*French nation through its citizens opposes the existence of the Algerian nation*”⁶¹, escancarando a verdadeira solidão do colonizado resistente diante das ferramentas colonizadoras de se tentar oprimir e reprimir toda forma de luta.

Em nome da FLN, o autor coloca então que cabe aos partidos de esquerda da França, não renunciar a sua nação e seus conterrâneos, atingidos diretamente pelas ações armadas argelinas, mas sim defender os valores até então apregoados pela própria bandeira da república francesa, como o direito a auto determinação dos povos, reconhecimento da vontade nacional e a liquidação completa do colonialismo como um sistema de exploração, pois querendo ou não, a partir de 1954, “*every Frenchman in Algeria is at the present time an enemy soldier*”⁶²

Se durante 130 anos, a consciência francesa se dedicou em condicionar o princípio básico de que a Argélia era parte integral da França, uma das principais ferramentas dessa mesma autoridade nacional se dá através de seus cidadãos se oporem a toda e qualquer forma de existência de uma identidade nacional argelina, sendo assim, para Fanon: “*The war of liberation is not a seeking for reforms but the grandiose effort of a people, which had been mummified, to rediscover its own genius, to reassume its history and assert its sovereignty.*”⁶³ Não havia mais justificativa social, política ou econômica que pudessem sustentar a manutenção desse sistema.

Em sua dissertação de mestrado, defendida em 2021, Nicolau Gayão traz à tona o debate da importância de se ter em mente o conceito da violência fanoniana como instrumento de análise totalizante dentro de realidades histórico-sociais baseadas na colonização e na

⁶⁰ Idem, p. 87

⁶¹ “A nação francesa através de seus cidadãos se opõe à existência da nação argelina” (Tradução do autor) Idem, p. 93

⁶² “Todo francês na Argélia é no tempo presente um soldado inimigo.” (tradução do autor) Idem, p. 91

⁶³ “A guerra de libertação não é a busca de reformas, mas o esforço grandioso de um povo mumificado para reencontrar seu próprio gênio, para retomar sua história e afirmar sua soberania.” (tradução do autor) Idem, p. 95

racialização⁶⁴. Embora sua construção aconteça de forma não-linear⁶⁵ e não se foque essencialmente no aspecto da revolução/descolonização⁶⁶, ele ressalta a questão da violência em Frantz Fanon dentro do colonialismo e como ela se dá como condição *sine qua non* a fundamentação desse processo.

Gayão analisa o aspecto vivo do objeto abordado por Fanon, o indivíduo colonizado, em sua essência, em sua carne, que *coisificado*⁶⁷ diante do colonialismo, ele não deixa apenas de *ser*, mas se torna um instrumento dentro dos objetivos políticos e econômicos franceses em sua empreitada africana. Dessa forma, se a colonização e sua violência se apresentam na forma de um homem⁶⁸, a relação entre a carne colonizadora e a carne colonizada, se dá pelas vias violentas da desagregação e da desintegração. Aos olhos de Fanon, conforme ressaltado por Gayão⁶⁹, a ascensão social da Europa como símbolo do desenvolvimento tem em seu cerne, a gestação do Terceiro, pois é através dele que ela se preenche com bens, riquezas e ideias, pelas vias da exploração violenta.

Assim, se a morte da carne argelina é resultado de um conjunto de relações intencionais *a priori*⁷⁰ entre esses dois personagens manifestadas na raça, a consequência desse século civilizatório colonial é um organismo preenchido por uma natureza hétero-destrutiva⁷¹, metamorfoseando a instrumentalização da violência. A violência revolucionária passa de uma violência produzida (como forma de reação ao colonialismo) para uma violência produtiva⁷², necessária para o nascimento de um novo sujeito de dentro da sociedade colonizada.

Gayão emerge o conceito de violência⁷³ em Fanon para tratar não apenas do aspecto revolucionário argelino, mas transbordando suas dimensões para mostrar as possibilidades da riqueza analítica do pensamento fanoniano em suas intrínsecas relações sócio-históricas nas diferentes realidades vividas pelo gestado Terceiro Mundo.

⁶⁴ GAYÃO, N. **O fim de toda a carne**: a questão da violência em Frantz Fanon. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, p. 252. 2021. p. 14

⁶⁵ Idem, p. 24

⁶⁶ Idem, p. 25

⁶⁷ Idem, p. 66

⁶⁸ Idem, p. 67

⁶⁹ Idem, p. 168

⁷⁰ Idem, p. 111

⁷¹ Idem, p. 117

⁷² Idem, p. 33

⁷³ Idem, p. 20

Marxismo à la Fanon

Em seu primeiro livro, *Peles Negras, Máscaras Brancas*, Fanon destila um farto arcabouço filosófico, abordando a questão do negro com uma linguagem transdisciplinar e pesadamente embasada em teorias como a fenomenologia e nomes como Hegel e Marx. Ao longo de suas demais obras, quando tópicos da psiquiatria e elementos revolucionários passam a fazer parte de suas observações e anotações, a rebuscada linguagem se dilui, porém, sem perder sua estrutura analítica ainda solidamente baseada em conceitos como alienação, luta de classe, dialética e revolução.

Diversos autores se debruçaram sobre qual nível de profundidade ou inspiração as obras de Fanon estão influenciadas pela teoria marxista. É inegável que seus pensamentos sobre os escritos de Marx e Engels o acompanharam ao longo de sua produção bibliográfica, de seus pensamentos como médico em Blida e como membro ativo da FLN na Tunísia, mas algumas mudanças acabaram sendo necessárias para uma adequação e adaptação à realidade vivida pelos revolucionários argelinos. Muito se debate sobre os mínimos detalhes dessa aparente disputa, sobre o ineditismo do pensamento fanoniano, além de suas disputas e diferenças em relação ao marxismo clássico.

Em nenhum momento, o presente trabalho busca negar ou exacerbar os conflitos através de comparações com outros pensadores, ou apresentar os reflexos dessa síntese em estudos de casos com outros movimentos de libertação que explodiam pela África e Ásia. O Fanon argelino (mesmo que este estivesse em território tunisiano, é importante salientar que sua permanência na África estava fortemente ligada à sua ligação com a FLN) tinha em seu cerne a realidade argelina, embora seus escritos tenham ganhado abrangência internacional com o passar dos anos, o grosso de suas obras produzidas estavam ancoradas no ideal de libertação e nos combates enfrentados dentro das fronteiras da Argélia.

Na teoria clássica, para Marx e Engels, dentro do contexto de sociedades capitalistas nas quais a industrialização já atingia sua maturidade, o proletariado urbano, seria a força medular do processo revolucionário⁷⁴ e o critério central para identificação de sua classe estaria em sua relação com os meios de produção⁷⁵. Basicamente, caberia aos trabalhadores urbanos,

⁷⁴ CAUTE, David. **Frantz Fanon**. New York: The Viking Press, 1970, p. 75

⁷⁵ Idem, p. 81

a partir de suas redes de conexões, estruturar uma força transformadora, tendo como base seu papel no processo produtivo e sua posição social em relação ao domínio dos meios de produção necessários para a realização de seu trabalho e apropriação de seu resultado.

Partindo desse ponto, alguns elementos dessa equação já se diferenciam bastante em relação à realidade encarada e vivida por Fanon na Argélia. De fato, assim como apregoeado pelo materialismo histórico desenvolvido por Marx e Engels, é também a realidade material vivida pelos indivíduos colonizados, que os tornam o motor de sua transformação, sendo os atos violentos iniciados em 1954, uma consequência direta da inúmeras políticas francesa em tentar assimilar e alienar o homem e a mulher argelina de sua cultura, sua terra, sua religião e sua identidade. A estrutura dessa equação, quase matemática, pode ser utilizada para explicar a realidade vivida e transcrita por Fanon, porém, são necessárias algumas adaptações em seus fatores para que o produto possa ser compreendido.

O primeiro tópico a ser analisado e compreendido se refere ao ator principal desse processo: o proletariado. Enquanto na realidade vivida e retratada por Marx e Engels, o proletariado se encontrava em uma condição social desfavorável diante da sociedade industrializada europeia no século XIX, na realidade argelina colonizada do século XX, esse papel se inverte. Fanon aponta o proletariado europeu e urbano como um privilegiado:

“Therefore Fanon was not a Marxist in any traditional sense. He regarded the Western proletariat as neither revolutionary nor sympathetic to the colonial people. The Western Workers were, in his opinion, the beneficiaries and accomplices of latter-day colonialism.”⁷⁶.

O proletário urbano europeu, quando transferido para o cenário africano, se transfigura na imagem do industrial, por mais que suas relações com as autoridades coloniais sejam tão exploratórias quanto as vividas por ele próprio enquanto habitante da Europa, ao ser posto diante do árabe muçulmano, ele se vê elevado ao papel do opressor, afinal, ele também é parte integrante do processo colonizador francês. Apesar de anteriormente ter ocupado a posição de oprimido nas relações sociais europeias, quando posto diante de uma nova realidade e uma nova relação de trabalho no continente africano, mesmo submetido às autoridades coloniais, esse indivíduo assume o papel de novo opressor diante daqueles que ele considera inferior.

⁷⁶ “Portanto, Fanon não era um marxista em nenhum sentido tradicional. Ele não considerava o proletariado ocidental nem revolucionário nem simpatizante do povo colonial. Os trabalhadores ocidentais foram, em sua opinião, os beneficiários e cúmplices do colonialismo moderno.” (Tradução do autor) Idem, p. 76

A racialização assume um papel chave nessa relação, pois é este elemento que transforma por completo a reflexão de Fanon sobre os verdadeiros responsáveis por idealizar e concretizar a fórmula desenvolvida por Marx e Engels em seu processo dialético.

“(…), o problema que o regime da *plantation* e o regime colonial colocavam era o da funcionalidade da raça como princípio de exercício do poder como regra da sociabilidade. (...), invocar a raça é conclamar a uma reflexão sobre o *dessemelhante*, sobre aquele ou aquela com quem não compartilhamos nada, ou muito pouco – aqueles ou aquelas que, estando conosco, ao nosso lado ou entre nós não são, em última análise, dos nossos.”⁷⁷

Se para Marx a superação da alienação de seus meios de produção é o que condiz à condição do revolucionário aos proletariados europeus, a quem então caberia o papel de transformação na Argélia? Quem seriam os “miseráveis da terra” responsáveis pela tarefa da revolução? Para Fanon, o trabalhador rural argelino.

Enquanto para Marx, a camada mais pobre da população compunha o chamado lumpemproletariado, fatia social que representaria uma ameaça⁷⁸ para as ambições do proletariado urbano, a realidade terceiro mundista fez emergir dessa classe, até então esquecida, o papel de agente transformador no processo revolucionário: “*Contrary to Marx, Fanon considers the lumpenproletariat – ‘the landless peasants’ that were uprooted and displaced by the colonial settlers – as the most revolutionary class.*”⁷⁹. Fanon enxerga nesse grupo, abandonado pelas políticas coloniais e explorados pelos colonos responsáveis por expropriar e produzir na Argélia, os verdadeiros alienados ao seu meio de produção, a terra.

“(…) Fanon evidencia o racismo de um proletariado europeu que é indiferente ao destino das colônias, apesar de se beneficiar delas. De modo que, agora, os “condenados da terra” são os deserdados dos países pobres – aqueles a quem a terra realmente importa... assim como o pão. Nesse livro, é deles a voz que ouvimos.”⁸⁰

A realidade observada e retratada por Fanon em seus escritos, faz desses homens e mulheres, antes detentores da terra, mas que uma vez transplantados a força para os centros urbanos para serem mão-de-obra barata e viverem em condições marginais nas favelas, os elementos de transformação dentro da equação marxista de revolução. A baixa qualificação e seu posicionamento desfavorável dentro do extrato social, fazia desse grupo não uma exceção diante da realidade norte africana, mas sim uma regra.

⁷⁷ MBEMB, Achille. *Sair da Grande Noite*, Ensaio sobre a África descolonizada. Petrópolis: Vozes, 2019, p. 97

⁷⁸ HADDOUR, Azzedine. **Frantz Fanon**, Postcolonialism and the Ethics of Difference. Manchester: Manchester University Press, 2019, p. 168

⁷⁹ “Ao contrário de Marx, Fanon considera o lumpemproletariado – ‘os camponeses sem terra’ que foram desenraizados e deslocados pelos colonos – como a classe mais revolucionária.” (Tradução do autor) Idem, p. 167

⁸⁰ CHERKI, Alice. **Frantz Fanon**: Um Retrato. São Paulo, Editora Perspectiva LTDA, 2022, p. 249

“A survey taken in Algeria, an economically advanced country by African standards, revealed that in 1954 73,2 per cent of the arabs were engaged in agriculture, and that only 4,6 per cent were skilled workers. (...) The conclusion seems inescapable that, whether or not Fanon was correct in identifying the African peasantry as a revolutionary class, contemporary Africa offers no other.”⁸¹

Sendo a sociedade colonial um universo desenvolvido para a transferência dos recursos dos homens nativos para a mão dos colonizadores, é possível notar nos escritos de Fanon uma constante constatação das mais diversas formas de alienação desse argelino, de seus meios de produção, do processo produtivo, do resultado dessa produção e dos aspectos que envolvem a possível identificação de um árabe muçulmano com seus iguais. Dessa forma, caberia a ele esse papel de indivíduo responsável por desenvolver uma consciência de classe que resultaria na transformação, ou no caso, na revolução: *“Fanon settles on the peasantry as the most revolutionary class on which should be based revolutionary decolonization.”⁸²*

No livro, *The Blood of the Colony*, o autor Owen White apresenta uma relação entre a expansão da indústria vinícola francesa com o avanço colonial francês sobre as terras argelinas. Relatando uma viagem realizada pelo político francês Jules Ferry no ano de 1892, White apresenta como o discurso civilizatório propagado pelo império francês em seu processo colonial estava rigidamente atrelado à conquista e expropriação de terras argelinas, que agora seriam dedicadas aos objetivos de interesse do colonizador: a produção de vinho. *“(...) Ferry was happy to express his admiration for what he felt colonists had achieved. (...) if Algeria now had and ‘air of prosperity,’ and if colonists had found a ‘spirit of enterprise,’ he argued that wine was most responsible.”⁸³*

A alienação do camponês, parcela majoritária da sociedade argelina, diante de sua terra, estava sendo legitimada através do rótulo humanitário propagado pelos ideais imperialistas e neocolonizadores do século XIX, que se aproveitando do mito colonial ocupavam e

⁸¹ “Uma pesquisa feita na Argélia, um país economicamente avançado para os padrões africanos, revelou que em 1954 73,2 por cento dos árabes trabalhavam na agricultura, e que apenas 4,6 por cento eram trabalhadores qualificados. (...) A conclusão parece inevitável de que, esteja Fanon correto ou não ao identificar o campesinato africano como uma classe revolucionária, a África contemporânea não oferece outra.” (Tradução do autor) CAUTE, David. **Frantz Fanon**. New York: The Viking Press, 1970, p. 81

⁸² “Fanon estabelece o campesinato como a classe mais revolucionária sobre a qual se deve fundamentar a descolonização revolucionária.” (Tradução do autor) HANSEN, Emmanuel. *Freedom and Revolution in the thought of Frantz Fanon*. Ufahamu: A Journal of African Studies, 7(1), 1976, p. 133

⁸³ “(...) Ferry ficou feliz em expressar sua admiração pelo que ele sentia que os colonos haviam conquistado. (...) se a Argélia agora tivesse um ‘ar de prosperidade’, e se os colonos tivessem encontrado um ‘espírito de empreendimento’, ele argumentou que a vinha era a maior responsável.” (Tradução do autor) WHITE, Owen. *The Blood of The Colony. Wine and the Rise and Fall of French Algeria*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 2021 p. 110

transformavam o principal meio de produção da subsistência argelina, transferindo as riquezas do solo para os cofres da metrópole.

*“Years of violent resistance to the French conquest of places where ‘verdant vines’ now grew, from Mascara to Bône by way of the Mitidja, were consigned to fading memory. As Ferry narrated it, colonization was peaceful, organic, crop-driven process that advanced not so much as an ‘oil spot’ but rather as an inexorable green wave.”*⁸⁴

Os laços desse indivíduo despejado de seu próprio habitat não se limitavam apenas a uma relação de trabalhador e meio de produção, mas também uma relação de pertencimento e reconhecimento de si diante de seus antepassados, sua comunidade e sua família. Faz-se uma ponte com as observações de Fanon relatadas em seu artigo de 1952, *The North African Syndrome*, quando ele teoriza que as insolúveis dores de seus pacientes imigrantes árabes, alienados de sua própria realidade e forçados (ou idealizados) a buscar melhores opções na metrópole, são causadas por seu isolamento e seu desenraizamento de suas origens, *“Without a family, without love, without human relations, without communion with the group, the first encounter with himself will occur in a neurotic mode, in a pathological mode.”*⁸⁵.

Enquanto White simboliza na posse das terras, o objetivo de transfigurar para a identidade africana os ideais de civilização europeia, *“This was a story of French heroism, and with an outcome so dramatic that Africa, startlingly, was ceasing to be Africa.”*⁸⁶, Fanon determinava em seus pacientes que *“Every Arab is a man who suffers from an imaginary ailment.”*⁸⁷.

Um tópico, abordado de maneira superficial por Fanon, mas que traz luz sobre um aspecto que reforça sua visão de que a transformação se originaria na figura do camponês alienado e escanteado dentro do cenário colonial, foi abordado pelo professor Neil Macmaster, em seu artigo *“The Roots of Insurrection: The Role of the Algerian Village Assembly (Djemâa) in Peasant Resistance, 1863–1962”*. Analisando a relação entre as organizações camponesas e

⁸⁴ “Anos de violenta resistência à conquista francesa em lugares onde agora cresciam “videiras verdejantes”, de Mascara a Bône, passando pelo Mitidja, foram consignados à memória evanescente. Como Ferry narrou, a colonização foi um processo pacífico, orgânico, impulsionado pela colheita, que avançou não tanto como uma “mancha de petróleo”, mas como uma inexorável onda verde.” Idem, p. 110 - 111

⁸⁵ “Sem Família, sem amor, sem relações humanas, sem comunhão com o grupo, o primeiro encontro consigo mesmo se dará de modo neurótico, de modo patológico.” (Tradução do autor) FANON, Frantz. *Toward the African Revolution*. Pelican Books, 1970, p. 23

⁸⁶ “Esta foi uma história de heroísmo francês, e com um desfecho tão dramático que a África, surpreendentemente, estava deixando de ser a África.” (Tradução do autor) WHITE, Owen. *The Blood of The Colony. Wine and the Rise and Fall of French Algeria*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 2021 p. 111

⁸⁷ “Todo árabe é um homem que sofre de uma doença imaginária.” FANON, Frantz. *Toward the African Revolution*. Pelican Books, 1970, p. 19

os movimentos de resistência e revolução, Macmaster busca salientar a relevância dos laços comunitários presentes além dos centros urbanos argelinos e como suas sólidas estruturas sociais dificultaram a penetração do processo colonizador e civilizatório francês, se apresentando como uma voz ressoante na manutenção cultural das populações argelinas.

Chamadas de *Djemâa*, as assembleias organizadas dentro das vilas, representavam um dos principais centros de organização e legitimação das decisões tomadas pelas comunidades camponesas entre o século XIX e XX⁸⁸. Composta por homens adultos, os encontros aconteciam essencialmente às sextas feiras (dia considerado sagrado no islamismo), tanto em espaços abertos ou dentro das mesquitas e suas decisões se davam através de um processo de discussão e formação de um consenso, organizado e hierarquizado a partir de elementos como conhecimento, experiência e integridade moral de seus membros diante da comunidade.⁸⁹

Macmaster aponta que apesar das constantes investidas francesas e sua articulação política para desmobilizar a estrutura burocrática da Argélia enquanto parte integrante do Império Otomano, ou assimilar a população argelina aos padrões urbanos e organizacionais franceses através da substituição de lideranças tribais por municipalidades aos moldes encontrados na metrópole, tais práticas acabavam encontrando uma forte resistência diante das *Djemâas*, que se tornavam cada vez mais uma das poucas formas de organização capazes de institucionalizar uma forma de combate as leis cada vez mais violentas impostas pelos franceses.

*“It was this radical restructuring of land rights that, complemented by the Warnier Law of 1873, accelerated the disintegration of communal or group ownership by imposing a French concept of private property, and cleared the way for the appropriation of huge areas of forest and the best farming land by the state, European settlers, big companies, and indigenous entrepreneurs.”*⁹⁰

Apesar da inventividade legal colonizadora, as *Djemâas* conseguiam sobreviver e continuar suas atividades distantes do olhar do poder colonial. Autônomas e consolidadas pela tradição, sua existência representava mais do que apenas uma forma de resistência, mas seus encontros consolidavam a manutenção de relações comerciais, culturais, políticas e a continuidade das tradições orais. Não eram necessários prédios, longas e complexas cláusulas

⁸⁸ The Roots of Insurrection: The Role of the Algerian Village Assembly (*Djemâa*) in Peasant Resistance, 1863–1962, p. 420

⁸⁹ Idem, p. 426

⁹⁰ “Foi esta reestruturação radical dos direitos fundiários que, complementada pela Lei Warnier de 1873, acelerou a desintegração da propriedade comunal ou grupal ao impor um conceito francês de propriedade privada e abriu caminho para a apropriação de enormes áreas de floresta e das melhores terras cultivadas pelo Estado, colonos europeus, grandes empresas e empresários indígenas.” (Tradução do autor) Idem, p. 429

de legitimidade e rituais para abrir e fechar as sessões e reuniões, seu funcionamento estava baseado nos laços de sangue e tradições, embasados na palavra do alcorão e sua fidelidade aos seus iguais.

A estrutura dos *Djemâas* representaria então um papel importante na consolidação de um nacionalismo rural e que traria a figura do camponês politizado, consciente e que apesar de empobrecido, simbolizaria esse modelo de resistência as medidas coloniais pela manutenção de suas tradições através do combate e transformação da estrutura de assimilação em reconhecimento e libertação. “*For rural communities caught up in civil war, as in Algeria between 1954 and 1962, the best means to avoid internal fragmentation and a downward spiral of violence was for the village to retain solidarity.*”⁹¹

Essa concepção de um camponês organizado, nacionalista e responsável por resistir e enfrentar a violência colonial traz também um outro elemento essencial para a concepção da revolução argelina que é o papel da religião. Conforme já abordado no capítulo anterior, não se pode negar que o islamismo possui um caráter balizador não apenas dentro dos objetivos revolucionários, como também se apresenta como um campo extremamente abrangente e que posicionou tanto colonizadores, como colonizados, desde os primeiros desembarques franceses em 1830. Se em Marx, a religião não está do lado do proletariado, em Fanon, ela é um pilar essencial para compreendermos o processo revolucionário como um todo.

Assim como observado por Fanon durante sua experiência em Blida, “A religião muçulmana é, na verdade, além de uma crença filosófica, uma regra de vida que rege de maneira estrita o indivíduo e o grupo”⁹², o conflito entre o cristianismo europeu e o islamismo árabe se expandiam para todos os lados. A busca pela conversão pela força militar, pela força da lei ou pela força do privilégio, não se restringia apenas ao mundo masculino, sendo as mulheres também, alvos das constantes tentativas de retirar o véu como forma de introduzir esse indivíduo à fórceps no mundo moderno e humanizado da Europa.

A constatação de Fanon em observar e colocar o camponês no papel do agente transformador tinha como base sua concepção que esse camponês despojado de sua terra, seus meios de produção e gradativamente desintegrado de sua cultura e identidade, enxergava que suas realidades materiais não lhe proporcionavam mais opções de ação e movimento dentro de

⁹¹ “Para as comunidades rurais envolvidas em guerra civil, como na Argélia entre 1954 e 1962, o melhor meio de evitar a fragmentação interna e uma espiral descendente de violência era manter a solidariedade da aldeia.” (Tradução do autor) Idem, p. 446

⁹² FANON, Frantz. *Alienação e Liberdade – Escritos Psiquiátricos*. São Paulo: UBU Editora, 202, p. 184

sua própria sociedade, resultando em escalas inversamente proporcionais, pois quanto maior fosse a pressão feita sobre esse indivíduo, maior também passava a se tornar seu ímpeto de transformação.

Ao fim, quando colocado seu primeiro artigo, “*The North African Syndrome*”, em paralelo ao seu último livro, “*The Wretched of the Earth*”, quase como uma forma de fazer-se encarar frente a frente dois Fanons temporal e geograficamente distantes, é possível ver o núcleo de sua metodologia de revolução. Enquanto em 1952 analisando seus pacientes imigrantes, ele percebe:

*“Why don’t they stay where they belong? Sure! That’s easy enough to say: why don’t stay where they belong? The trouble is, they have been told they were French. They learned it in school. In the street, In the barracks. (...) On the battlefields. They have had France squeezed into them wherever, in their bodies and in their souls, there was room for something apparently great.”*⁹³

Em 1961 observando a revolução acontecendo, ele preconiza:

*“The settler makes history and is conscious of making it. And because he constantly refers to the history of his mother country, he clearly indicates that he himself is the extension of that mother country. Thus the history which he writes is not the history of the country which he plunders but the history of his own nation in regard to all that she skims off, all that she violates and starves.”*⁹⁴

Para Fanon, não restam dúvidas, o agente é um só: o colonizado. Despojado de sua terra, oprimido por sua cultura, alienado de seus meios de produção, perseguido em sua religião, espoliado de suas riquezas e posto distante de todo reconhecimento de seu passado. Esse agente deveria dedicar suas forças e energias para combater um inimigo: o colonizador. Ambicioso por tomar as terras férteis, assimilar através do ideal humanizador, baratear a mão de obra, expandir o cristianismo e sequestrar o passado em nome de um desenvolvimento futuro.

Sua experiência como homem colonizado, seja na Martinica, na França ou na Argélia, atribuíram a Fanon condições de identificação e proximidade com um enorme leque de homens e mulheres, que mesmo geográfica, cultural e socialmente distantes, compartilhavam de um

⁹³ “Por que eles não ficam onde pertencem? Claro! É muito fácil dizer: por que não ficar onde eles pertencem? O problema é que disseram a eles que eram franceses. Eles aprenderam na escola. Na rua, No quartel. (...) Nos campos de batalha. Eles tiveram a França espremida em todos os lugares, em seus corpos e em suas almas, onde havia espaço para algo aparentemente melhor.” (Tradução do autor) FANON, Frantz. **Toward the African Revolution**. Pelican Books, 1970, p. 24

⁹⁴ “O colonizador faz história e tem consciência de fazê-la. E porque ele constantemente se refere à história de sua pátria, ele indica claramente que ele próprio é a extensão dessa pátria. Assim, a história que ele escreve não é a história do país que ele saqueia, mas a história de sua própria nação em relação a tudo o que ela rouba, tudo o que ela viola e mata de fome.” (Tradução do autor) FANON, Frantz. **The Wretched of the Earth**. Penguin Classics, 2001, p. 40

mesmo desejo, fantasiado, teorizado e organizado para se livrar de uma vez por todas dos laços que os aprisionavam sob as mesmas correntes, o colonialismo.

*“To fight for national culture means in the first place to fight for the liberation of the nation, that material keystone which makes the building of a culture possible. (...) as the battles are being fought out, in prisons, under the guillotine and in every French outpost which is captured or destroyed.”*⁹⁵

O Retorno

Para além das observações de Fanon, dentro das fronteiras argelinas, a guerra esquentava aumentando as já tensas relações entre europeus e argelinos e mesmo que os anos de 1961 e 1962 tenham sido decisivos, a libertação absoluta não viria sem a profetizada violência.

Na França, a comunidade argelina passava a assumir uma importância cada vez maior dentro do processo revolucionário, com passeatas e manifestações públicas de apoio a seus conterrâneos e ativos no papel de atrair a atenção internacional para a causa argelina. Dentre as constantes passeatas, uma em especial chamou a atenção da mídia internacional quando no fim da tarde de 17 de outubro em torno de trinta mil pessoas se juntaram em uma manifestação pública no centro de Paris, até que próximo a ponte Saint-Michel, forças policiais parisienses abriram fogo contra a multidão. Além do fuzilamento aberto e do espancamento realizado sobre os que chegavam para a manifestação, em torno de quinze mil pessoas foram presas e levadas para uma concentração em um centro esportivo. Porém, o fato que mais deixou essa noite marcada na história foi que os policiais, além de atirarem e agredirem os participantes, passaram a jogar os corpos dos fuzilados e de parte dos manifestantes dentro rio Sena, resultando em diversos afogamentos. Esse infame episódio ficou conhecido como *O Massacre de Paris de 1961*⁹⁶.

As relações políticas internas francesas também já não apresentavam um quadro saudável àquela altura, marcada pela insurreição de parte do exército francês sob a bandeira das OAS (*Organisation Armée Secrète*), o grupo terrorista se dedicou a atacar argelinos e europeus

⁹⁵ “Lutar pela cultura nacional significa, em primeiro lugar, lutar pela libertação da nação, essa pedra angular material que torna possível a construção de uma cultura. (...) enquanto as batalhas estão sendo travadas, nas prisões, sob a guilhotina e em todos os postos avançados franceses que são capturados ou destruídos.” (Tradução do autor) Idem, p. 187

⁹⁶ MACEY, David. Frantz Fanon: A Biography. Verso, 2012, p. 472

que viviam na Argélia com o objetivo de tumultuar e impedir o andamento das negociações, chegando ao limite de tramar e realizar uma tentativa de assassinato do presidente em exercício na época, Charles de Gaulle⁹⁷.

No dia 7 de março de 1962, na cidade francesa de Evian, as negociações foram oficialmente iniciadas entre a FLN e a já decadente Quarta República Francesa. Por mais que esse episódio simbolizasse um suspiro de esperança para o apaziguamento do conflito, a realidade se mostrou ainda mais cruel, tanto pela carnificina infligida pelas OAS, como pela sede de vingança e perseguição praticada pelos argelinos sobre os colonos (*pied noirs*), como sobre os *harkis*, argelinos que haviam se colocado do lado francês durante todo o conflito, militar, política ou burocraticamente, exercendo funções como tradutores ou delatores. Estimasse que mais de cem mil europeus saíram da Argélia apenas no mês de Maio, “*The pied noirs had indeed to choose between the suitcase and the coffin.*”⁹⁸

Ainda em 1961, desafiando as indicações médicas e trabalhando até suas últimas energias para a realização de sua obra, a doença de Fanon cobrava seu preço. Em estágio avançado, não havia estrutura suficiente para seu tratamento no Norte da África e qualquer possibilidade de uma internação no continente europeu estava completamente descartada por seu alto valor político e pela visibilidade de sua *persona* para possíveis ataques que pudessem tirar sua vida. Após alguma insistência, Fanon acabou aceitando ser levado para uma avaliação e tratamento nos Estados Unidos⁹⁹, dando entrada em um hospital no dia 10 de outubro. Sua estadia no hospital de Bethesda, em Maryland, se estenderia até o dia 6 de dezembro, quando seu óbito foi confirmado. Mas seu desejo era ser enterrado em solo argelino, assim, teve seu corpo repatriado em Túnis no dia 11 de dezembro daquele mesmo ano¹⁰⁰.

Após a oficialização dos chamados Acordos de Evian¹⁰¹ no dia 18 de Março de 1962, os rádio de toda Argélia anunciavam pela voz do presidente Ben Khedda, “*a Great Victory of the Algerian people.*”. A independência viria a ser reconhecida pela França e formalmente proclamada no dia 3 de julho, mas para os argelinos, a data eleita para representar a independência foi o dia 5 de julho, dia da conquista e capitulação da cidade de Argel pelas

⁹⁷ Idem, p. 473

⁹⁸ “Os *pied noirs* tiveram de fato que escolher entre a mala e o caixão.” (Tradução do autor) Idem, p. 474

⁹⁹ CHERKI, Alice. Frantz Fanon: Um Retrato. São Paulo, Editora Perspectiva LTDA, 2022, p. 239

¹⁰⁰ Idem, p. 242

¹⁰¹ HORNE, Alistair. A Savage War of Peace. New York: NYRB Classics, 2006, p.520

tropas francesas cento e trinta e dois anos antes, em 1830. A memória da conquista deveria ser substituída pela da libertação.

Frantz Fanon viria retornar às terras argelinas no dia 20 de julho de 1965, sendo enterrado no extremo nordeste da Argélia, na cidade de Aïn Kerma, próximo à fronteira tunisiana em um dos vários cemitérios oficiais dedicados aos mártires da revolução. Fanon também viria a ser homenageado com um parque no qual seu busto, devidamente posicionado próximo a bandeira argelina, branda parte do hino argelino: “وَعَقَدْنَا الْعِزْمَ أَنْ تَحْيَا الْجَزَائِرُ”¹⁰².

¹⁰² “E resolvemos que a Argélia viveria.” (Tradução do autor)

Conclusão

'He sure made a lot of noise! And he's got a lot of guts!'

Hakim is bent over Saidi, then straightens up, throws a last glance at the naked, motionless body on the floor, and finally addresses the waiting Martinez:

'He's dead, Captain! His heart gave out.'

While the two policemen dress the corpse and Martinez goes to the window to open it, now that they no longer need to conceal the screams, Hakim says a second time, dully, 'He's dead.' Then he takes a large handkerchief out of his pocket and wipes his forehead.¹

O texto acima faz parte da obra *Children of the New World*, escrita pela autora argelina Assia Djebar, lançada no ano de 1962, mesmo ano da proclamação da independência da Argélia. Djebar, uma das escritoras argelinas mais reconhecidas internacionalmente, também passou uma parte de sua vida exilada na Tunísia, sendo uma incógnita se em algum momento ela teria conhecido Frantz Fanon ou não. Tendo cruzado o caminho com Fanon ou não, a obra, originalmente escrita em francês e intitulada *Les Enfants du Nouveau Monde*, é um verdadeiro retrato literário da revolução argelina em seu ponto mais quente.

Todos os pontos observados, anotados e analisados por Fanon durante seu período argelino, estão presentes na obra de Djebar: a questão do véu, a participação feminina no processo revolucionário, a utilização do rádio como instrumento de informação e contrainformação, a falta de reconhecimento cultural presente no avanço dos costumes europeizantes empenhados pela colônia, os conflitos familiares pela efemerização das fronteiras entre o público e o privado causadas pela ampliações da revolução, os ataques armados dos argelinos contra propriedades e populações francesas e a tortura como máquina de repressão sobre a população argelina.

Hakim, um policial árabe se vê entrincheirado entre seus deveres como representante da lei francesa e a comunidade argelina e muçulmana a qual ele e sua família fazem parte. Se

¹ 'Ele com certeza fez muito barulho! E ele tem muita coragem!'

Hakim está curvado sobre Saidi, então se endireita, lança um último olhar para o corpo nu e imóvel no chão e, finalmente, se dirige a Martinez que o espera:

'Ele está morto, capitão! O coração dele desistiu.'

Enquanto os dois policiais vestem o cadáver e Martinez vai até a janela para abri-la, agora que não precisam mais esconder os gritos, Hakim diz uma segunda vez, abafado: "Ele está morto." Em seguida, tira um grande lenço de dentro do bolso e enxuga a testa. (Tradução do autor) DJEBAR, Assia. **Children of the New World**. A Novel of the Algerian War. New York: Feminist Press, 2005, p. 115 - 116

vendo obrigado a torturar seus próprios conterrâneos, acaba encontrando no alcoolismo o sedativo para seus tormentos e para continuar atuando como intendente sob a tutela de seus superiores, que desejam unicamente se colocar nas fileiras mais altas da burocracia colonial. Dos vários personagens e tramas que se desenrolam e se entrelaçam ao longo do livro de Djébar, Hakim, representando a personificação dos *harkis* acaba por se tornar o fio condutor da trama por seu apelo alienante de sua própria identidade de argelino e muçulmano, e alienador de perseguidor e torturador daqueles que se decidem se juntar a causa da revolução. Hakim é utilizado por Djébar como o entroncamento mais latente entre o choque das duas sociedades aqui presentes, de um lado a França pressionando sua colônia, do outro a Argélia rechaçando seu colonizador.

Assim como Djébar utiliza os indivíduos de seu livro para representar os diversos conflitos e embates presentes na realidade da busca pela descolonização, Fanon tem também no indivíduo colonizado sua matéria prima essencial. Observar a construção histórica das relações franco argelinas e seus cruzamentos com o desenvolvimento individual e intelectual de Frantz Fanon, tornam nossa concepção de suas impressões mais clara. Por sorte (ou não) o alinhamento desses diversos elementos fez com que a consciência de pertencimento a uma causa o fizessem se lançar por completo dentro da busca pela ruptura absoluta dos laços coloniais.

Embora fatores superficiais, como a religião, a língua e a cor da pele, distanciasse Fanon da realidade argelina, em uma escala mais profunda, como social e historicamente, ambas dinâmicas se assemelhavam de maneira brutal: a bidimensão social entre colonizadores e colonizados; o racismo como pedra basilar dos limites de acesso a oportunidades; as diferentes manifestações de violência presentes na vida cotidiana; e a alienação como mecanismo de dominação e controle para a desarticulação das resistências locais.

O encontro com a catástrofe colonial desvelou para Fanon a amplidão das camadas mais subjetivas dessa relação que ele já conhecia desde sua terra natal. Mesmo que por meio de símbolos e políticas diferentes, o cerne da questão ao qual o médico e filósofo se expôs ao desembarcar em Blida, era o mesmo do qual ele já havia se deparado diante da estátua de Victor Schoelcher em Fort-de-France décadas antes.

Para Fanon, as rotineiras e paulatinas práticas francesas dedicadas a desfigurar e metamorfosear a identidade argelina para se apossar de seus meios de subsistência, visando manter e desenvolver o projeto econômico francês, não geravam apenas um descolamento

contínuo e gradual do povo argelino, mas internamente, alimentavam dentro dos homens e mulheres colonizadas, um afinamento cada vez mais extremo em seu limiar de aceitação e resistência diante dos diversos instrumentos de violência utilizados, dessa forma, o rompimento dessa relação só poderia se dar através da mesma via.

Diante do movimento revolucionário iniciado em 1954, seus conhecimentos técnicos médicos, somados as suas reflexões filosóficas fizeram com que ele chegasse à conclusão de que nenhuma libertação seria alcançada sem uma superação das práticas de alienação. Quanto maiores fossem as resistências à manutenção monolítica das tradições, maiores seriam as pressões coloniais para a rachar e fissurar essas barreiras culturais, sendo assim, a saída deveria ser realizar uma transformação controlada. Práticas como o desvelamento feminino, a inclusão dos rádios nos ambientes domésticos e a quebra das centenárias tradições familiares e domésticas, deveriam ser incutidas na sociedade argelina, porém não como forma de permitir a entrada da mentalidade europeia nos espaços árabes, mas para que esses mesmos tivessem passe livre dentro do mundo europeu.

A alienação utilizada como instrumento de libertação permitiria a incursão da revolução para fora dos muros da cidade árabe, para dentro do mundo do colonizador. Embora Fanon não pôde testemunhar a vitória da causa à qual se entregou de coração e mente, seu último e feroz registro legou avisos para o imaginado futuro pós-independência, ressaltando a importância de se compreender que essas transformações, embora úteis para o momento da revolução, seria de difícil digestão caso houvesse uma tentativa de retornar aos moldes tradicionais. A Argélia não sairia ileso.

“The living expression of the nation is the moving consciousness of the whole of the people; it is the coherent, enlightened action of men and women. The collective building up of a destiny is the assumption of responsibility on the historical scale. (...) The national government, if it wants to be national, ought to govern by the people and for the people, for the outcasts and by the outcasts. No leader, however valuable he may be, can substitute himself for the people will;”²

Assim como Djebbar buscou concentrar em sua obra o máximo de elementos que simbolizassem o período entre 1954 e 1962, Fanon construiu sua bibliografia quase que integralmente à questão colonial norte africana, relatando e dissecando os mecanismos de mais

² “A expressão viva da nação é a consciência em movimento de todo o povo; é a ação coerente e esclarecida de homens e mulheres. A construção coletiva de um destino é a assunção da responsabilidade na escala histórica. (...) O governo nacional, se quiser ser nacional, deve governar pelo povo e para o povo, pelos marginalizados e pelos marginalizados. Nenhum líder, por mais valioso que seja, pode substituir a vontade do povo;” (Tradução do autor) FANON, Frantz. **The Wretched of the Earth**. Penguin Classics, 2001, p. 165

de um século de colonização, enumerando e denunciando para despertar na comunidade internacional, a realidade que se passava em praticamente todo o continente africano.

Assim como Djebbar traz a luz, “*‘The foreigners,’ Ali continued, ‘expected our submission to go on forever. But can you say you’re sleeping when you know you’re sleeping? In true inertia you disintegrate.’*”³, Fanon se utilizou de diversos veículos para alcançar e integrar os países vizinhos e as potências que agora assumiam a posição de hegemonia mundial com a ascensão da guerra fria. Era necessário utilizar todos os meios necessários para atacar e enfraquecer as bases da dominação colonial, economia, consciência, diplomacia e violência.

A teoria da violência de Fanon acabou por se tornar um divisor de águas em sua aceitação como teórico e sua imagem como representante do chamado terceiro mundismo, seja pelo medo da potência transformadora de suas palavras, seja pela má interpretação de uma possível banalização e romantização do sacrifício físico e corporal. Isoladamente, é possível que leitores desavisados acabem enxergando nas páginas do capítulo, *Concerning Violence*, um discurso acalorado a favor da perseguição indiscriminada à todos os símbolos e representantes que possam assumir a figura do francês colonizador, porém, esse método de entendimento não é nada mais do que uma extensão das relações de produção de saber e interpretação que o próprio sistema colonial incutiu durante mais de um século, torturar a informação até que ela diga o que é de seu interesse.

As encruzilhadas temporais que levaram Fanon a desenvolver sua teoria da violência, seriam resultados de suas experiências de vida, desde seu nascimento, até às vésperas de seu leito. Não houve diálogo na Martinica, não houve diálogo na Europa durante a guerra, não houve diálogo durante sua graduação universitária, não houve diálogo enquanto médico, não houve diálogo como revolucionário... A ausência completa de vozes colonizadas, era resultado da presença absoluta da violência colonizadora. Sendo assim, não haveria outro meio possível ao colonizado comunicar ao colonizador, seu desejo de liberdade.

Fanon, assim como Djebbar, estava lutando por uma mesma causa, o fim de um sistema que fundamenta sua existência na negação da permanência daquele que ele considera diferente. Maquiado sob a égide do humanismo cristão, o “fardo do homem branco” transvestia os interesses capitalistas europeus com ares de nobreza e filantropia para civilizar aqueles ainda

³ “‘Os estrangeiros’, continuou Ali, ‘esperavam que nossa submissão durasse para sempre. Mas você pode dizer que está dormindo quando sabe que está dormindo? Na verdadeira inércia, você se desintegra.’” (Tradução do autor) DJEBBAR, Assia. **Children of the New World**. A Novel of the Algerian War. New York: Feminist Press, 2005, p. 106

vistos como selvagens. Ambos, durante a revolução argelina, combatiam o racismo capitalista e suas manifestações.

“‘The emir’s green flag,’ and old man said in an undertone, weeping with happiness, invoking the national hero as if he had died yesterday and not a century before, in exile. ‘Our country’s flag, our honor,’ Youssef would continue to recount, ‘unfurled in joyousness and hope for the first time in a hundred years.’”⁴

⁴ “‘A bandeira verde do emir’, disse o velho em voz baixa, chorando de alegria, invocando o herói nacional como se tivesse morrido ontem e não um século antes, no exílio. ‘A bandeira de nosso país, nossa honra’, Youssef continuaria a contar, ‘desfraldada em alegria e esperança pela primeira vez em cem anos’” (Tradução do autor) DJEBAR, Assia. **Children of the New World**. A Novel of the Algerian War. New York: Feminist Press, 2005, p. 119

Referência Bibliográfica

ALESSANDRINI, Anthony C. org. **Frantz Fanon: Critical Perspectives**. New York: Routledge, 1999

ALLEG, Henri. **A Tortura**. São Paulo: Todavia, 2020

BENEDUCE, Roberto; GIBSON, Nigel C. **Frantz Fanon, Psychiatry and Politics**. Rowman & Littlefield International Ltd., 2017

BRUNSCHWIG, Henri. **A Partilha da África Negra**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2013

BULHAN, Hussein Abdilahi. **Frantz Fanon and the Psychology of Oppression**. New York: Plenum Press, 1985

BYRNE, Jeffrey James. **Mecca of Revolution: Algeria, Decolonization, and the Third World Order**. New York: Oxford University Press, 2016

CAUTE, David. **Frantz Fanon**. New York: The Viking Press, 1970

CÉSAIRE, Aimé. **Discourse on Colonialism**. New York: Monthly Review Press, 2000

CHERKI, Alice. **Frantz Fanon: A Portrait**. Nova York: Cornell University Press, 2006

CHERKI, Alice. **Frantz Fanon: Um Retrato**. São Paulo: Editora Perspectiva LTDA, 2022

CLANCY-SMITH, Julia A. **Rebel and Saints**. University of California, 2002

DJEBAR, Assia. **Children of the New World**. A Novel of the Algerian War. New York: Feminist Press, 2005

EICKELMAN, Dale F., PISCATORI, James. **Muslim Politics**. Princeton University Press, 1996

El Haïk – Identité Algérienne au féminin. Musée Public National du Bardo, 2015-2016

FANON, Frantz. **A Dying Colonialism**. New York: Grove Press.

FANON, Frantz. **Alienação e Liberdade – Escritos Psiquiátricos**. São Paulo: UBU Editora, 2021

FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008

FANON, Frantz. **The Wretched of the Earth**. Penguin Classics, 2001

FANON, Frantz. **Toward the African Revolution**. Pelican Books, 1970

FAUSTINO, Deivison Mendes. **Franz Fanon: um revolucionário, particularmente negro**. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2018

FAUSTINO, Deivison. **Fanon e as encruzilhadas: Teoria, política e subjetividade**. São Paulo: Ubu Editora, 2022

GAYÃO, N. O fim de toda a carne: a questão da violência em Frantz Fanon. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, p. 252. 2021.

HADDOUR, Azzedine. **Frantz Fanon, Postcolonialism and the Ethics of Difference**. Manchester: Manchester University Press, 2019

HAIM, Sylvia G. **Arab Nationalism: An Anthology**. Berkeley & Los Angeles: University of California Press, 1962

HANSEN, Emmanuel. **Freedom and Revolution in the thought of Frantz Fanon**. Ufahamu: A Journal of African Studies, 7(1), 1976, p. 114 – 142

HORNE, Alistair. **A Savage War of Peace**. New York: NYRB Classics, 2006

HUDIS, Peter. **Frantz Fanon: Philosopher of the Barricades**. Londres: Pluto Press, 2015

La 64eme anniversaire de la création de la Radio secrète: la voix de l'Algérie combattante. Radio Algérienne, 16 de Dezembro de 2020. Disponível em: <https://radioalgerie.dz/news/fr/article/20201216/204102.html>

LORCIN, Patricia M. E. **Imperial Identities** – Stereotyping, Prejudice and Race in Colonial Algeria. University of Nebraska, 2014

LOWI, Miriam R. **Oil Wealth and the Poverty of Politics** – Algeria Compared. New York: Cambridge University Press, 2009

MACEY, David. **Frantz Fanon: A Biography**. Verso, 2012

MACMASTER, Neil. **The Roots of Insurrection:** The Role of the Algerian Village Assembly (Djemâa) in Peasant Resistance, 1863 - 1962. *Comparative Studies in Society and History*, vol. 55, no. 2, 2013, p. 419 – 447

MANNING, Patrick. **Francophone Sub-Saharan Africa 1880-1995**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004

MBEMB, Achille. **Sair da Grande Noite**, Ensaio sobre a África descolonizada. Petrópolis: Vozes, 2019

MEMMI, Albert. **The Impossible Life of Frantz Fanon**. *The Massachusetts Review*, Vol. 14, nº 1, 1973

NAYLOR, Phillip C. **North Africa** – A History from Antiquity to the Present. Austin: University of Texas Press, 2009

RABAKA, Reiland. **Forms of Fanonism:** Frantz Fanon's Critical Theory and the Dialectics of Decolonization. Plymouth: Lexington Books, 2011

REID, Richard J. **Warfare in African History**. New York: Cambridge University Press, 2012

ROBINSON, David. **Paths of Accommodation**. Ohio: Ohio University Press, 2000

SAAD, Elias N. **Social History of Timbuktu**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010

SESSIONS, Jennifer E. **By Sword and Plow** – France and the Conquest of Algeria. New York: Cornell University Press, 2011

SMITH, Arthur Whitmore. **John Tyndall (1820 – 1893)**. The Science Press, 1919. P. 331 – 340

United Nations General Assembly. (1960). Declaration on the Granting of Independence to Colonial Countries and Peoples. **A/RES/1514(XV)**

YAZBEK, Mustafa. **A Revolução Argelina**. São Paulo: Editora UNESP, 2008

WHITE, Owen. **The Blood of The Colony**. Wine and the Rise and Fall of French Algeria. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 2021

ZEILIG, Leo. **Frantz Fanon: A Political Biography**, sec. Ed. Bloomsbury Publishing Plc, 2021

APÊNDICE A¹ – Uma das centrais da FLN na cidade de Algiers



¹ Todas as fotos presente nos Apêndices foram tiradas pelo próprio autor da dissertação

APÊNDICE B – Sede do jornal *El Moudjahid* na cidade de Argel



APÊNDICE C – *Place du Frantz Fanon* e *Cimetière des Martyrs* presentes na cidade de Aïn Kerma



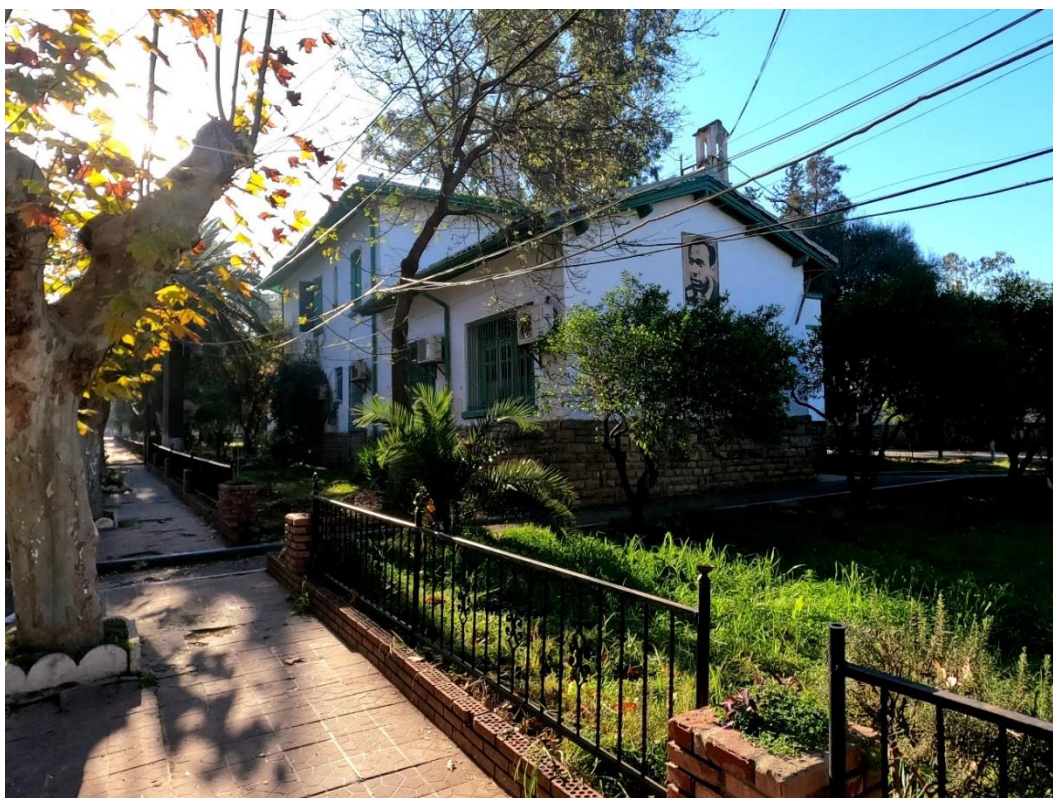






APÊNDICE D – Hospital Frantz Fanon na cidade de Blida





APÊNDICE E – Ruas nomeadas em homenagem à Frantz Fanon em Argel





APÊNDICE F – Sidi Fredj, praia de desembarque dos franceses em 1830





APÊNDICE G – Restos de uma base francesa no deserto, perto da cidade de Djanet



APÊNDICE H – Ali la Pointe Museum, Casbah, símbolo da Batalha de Argel







APÊNDICE I – Mural em Argel em homenagem ao *Massacre de Paris de 1961*



APÊNDICE J – Grafite nas ruas de Argel



ANEXO A – Tradução do texto presente no busto de Frantz Fanon, em Aïn Kerma



Texto original em árabe

ولد الطبيب والمناضل ابراهيم فرانز فانون ،صديق الثورة الجزائرية في يوم ٢٠ تموز ١٩٢٥ في جزر مارتينيك في فرنسا. وصل إلى الجزائر قادما من مدينة ليون عام ١٩٥٣ ، ليشرف على قسم الأمراض العقلية في مستشفى جوانفيل (البلدية حاليا)

نضاله ضد الاستعمار الفرنسي

- في كانون الثاني 1957 انضم الى جبهة التحرير الوطني في تونس .
- في ديسمبر 1957 كُلف بتمثيل الجزائر في مؤتمر الأفراسياوي في القاهرة .
- في سنة ١٩٥٨ عين سفير للحكومة الجزائرية المؤقتة في غانا.
- في سنة ١٩٥٨ نتيجة لنضاله المستميت لصالح القضية الجزائرية وبعض حركات التحرر الإفريقية ضد الاستعمار الفرنسي تعرض لمحاولة إغتيال من قبل المنظمة الإرهابية الفرنسية التي تدعى اليد الحمراء وهو في مهمة في المغرب ثم محاولة إغتياله مرة أخرى في مستشفى في روما.
- سنة ١٩٥٩ شارك في مباحثات ونقاشات حول إعادة تنظيم الصحافة الوطنية في الجزائر .
- في أذار ١٩٦٠ التقى بالزعيم الغاني كوامي نكروما والمناضل الكونغولي باتريس لومومبا.
- من سنة ١٩٥٧ الى سنة ١٩٦٠ عمل كرئيس تحرير جريدة المجاهد التي تعبر عن حال الوطن في ذلك الوقت.

وفاة المناضل ابراهيم:

توفي المناضل ابراهيم فانز فانون في 5 ديسمبر عام ١٩٦١ عن عمر ٣٦ سنة في الولايات المتحدة الامريكية وذلك نتيجة لمرض عُضال ، وتحقيقاً لوصيته دفن في الجزائر في نفس السنة في مدينة سيفانة على الحدود الجزائرية التونسية.

ثم اعيد نقل رفاته إلى روضة الشهداء ببلدة عين الكرمة في ولاية الطارف في ٢٠ تموز ١٩٦٥.

من أهم مؤلفاته:

- بشرة سوداء ،اقنعة بيضاء ١٩٥٢

- العام الخامس للثورة الجزائرية ١٩٥٩

- المعذبون في الأرض ١٩٦١

-لأجل الثورة الإفريقية ١٩٥٤

Texto traduzido para o português²

O médico e lutador Ibrahim Franz Fanon, amigo da revolução argelina, nasceu em 20 de julho de 1925 nas Ilhas Martinica, na França. Chegou à Argélia vindo de Lyon em 1953, para supervisionar o departamento de doenças mentais do Hospital Joinville (atual Blida).

Sua luta contra o colonialismo francês

Em janeiro de 1957 ingressou na Frente de Libertação Nacional na Tunísia.

- Em dezembro de 1957, foi designado para representar a Argélia na Conferência Afro-Asiática no Cairo.

- Em 1958, foi nomeado embaixador do governo interino da Argélia em Gana.

- No ano de 1958, como resultado de sua luta desesperada em favor da causa argelina e de alguns movimentos de libertação africanos contra o colonialismo francês, ele foi submetido a uma tentativa de assassinato pela organização terrorista francesa chamada Mão Vermelha durante uma missão no Marrocos, e depois uma tentativa de assassiná-lo novamente em um hospital em Roma.

- Em 1959, participou de palestras e discussões sobre a reorganização da imprensa nacional na Argélia.

- Em março de 1960, ele conheceu o líder ganense Kwame Nkrumah e o lutador congolês Patrice Lumumba.

- De 1957 a 1960, trabalhou como editor-chefe do jornal Al-Mujahid, que refletia a situação do país na época.

A morte do lutador Ibrahim:

O lutador Ibrahim Vanz Fanon faleceu no dia 5 de dezembro de 1961, aos 36 anos, nos Estados Unidos da América, em decorrência de uma doença incurável.

Então seus restos mortais foram transferidos para Rawdat al-Shuhada na cidade de Ain al-Karma na wilaya de al-Tarif em 20 de julho de 1965.

Entre seus livros mais importantes:

- Pele negra, máscaras brancas, 1952.

- O quinto ano da revolução argelina, 1959

- Os Miseráveis da Terra 1961

- Pela Revolução Africana de 1954

² Texto transcrito e traduzido da foto acima pelo Centro da Língua Árabe (<https://www.centroarabe.com.br>)